

A person is silhouetted against a bright, golden sunset sky, rappelling down a rope. The person is positioned on the left side of the frame, with their body angled towards the right. The rope extends from the top of the frame down to the person. To the right of the person is a large, dark, craggy rock formation that dominates the right side of the image. The overall scene conveys a sense of challenge and faith.

A. T. JONES  
E. J. WAGGONER

*Estudos*  
sobre a *fé*



ADVENTIST PIONEER LIBRARY

Título do original em inglês: *Lessons on Faith*

© 2020 **ADVENTIST PIONEER LIBRARY**

P.O. Box 51264

Eugene, OR, 97405, USA

[www.APLib.org](http://www.APLib.org)

**EDITORA DOS PIONEIROS ADVENTISTAS**

[www.EditoraDosPioneiros.com.br](http://www.EditoraDosPioneiros.com.br)

Apoio: **CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE – BRASIL**

Tradução: Neumar de Lima

Revisão e editoração: Uriel Vidal

Primeira edição: 2.000 exemplares

Março, 2020

ISBN: 978-1-61455-085-3

Para adquirir mais exemplares, visite:

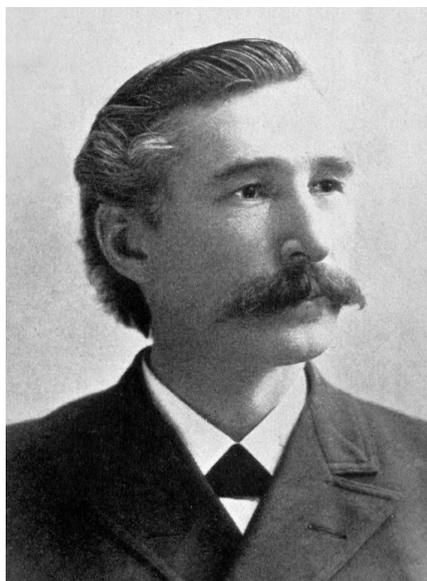
**[www.EditoraDosPioneiros.com.br](http://www.EditoraDosPioneiros.com.br)**

A. T. JONES  
E. J. WAGGONER

*Estudos*  
*sobre a* *fé*



ADVENTIST PIONEER LIBRARY



**A. T. JONES (1850-1923)**



**E. J. WAGGONER (1855-1916)**

### **LISTA DE ABREVIATURAS**

ARA	Almeida Revista e Atualizada
ARC	Almeida Revista e Corrigida
ACF	Almeida Corrigida Fiel
KJV	King James Version
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI	Nova Versão Internacional
NIV	New International Version
cf.	Conferir, comparar

# ÍNDICE



Comentários de Ellen G. White sobre Jones e Waggoner.....	7
Capítulo 1 – Vivendo pela Fé.....	11
Capítulo 2 – Estudos sobre a Fé.....	19
Capítulo 3 – Por Nossa Causa Também.....	53
Capítulo 4 – Criação ou Evolução?.....	57
Capítulo 5 – Fé que Salva.....	75
Capítulo 6 – Cristo, o Fim da Lei.....	79
Capítulo 7 – A Vida Invencível.....	83
Capítulo 8 – Fé.....	87
Capítulo 9 – Graça Ilimitada Gratuita a Todos.....	91
Capítulo 10 – Será a Graça ou o Pecado?.....	95
Capítulo 11 – Não Recebais em Vão a Graça de Deus.....	99
Capítulo 12 – A Carne do Pecado.....	105
Capítulo 13 – Formalismo Morto – I.....	109
Capítulo 14 – Formalismo Morto – II.....	113
Capítulo 15 – Ministros de Deus.....	117
Capítulo 16 – Guardados pela Palavra.....	121
Capítulo 17 – O Poder da Palavra – I.....	125
Capítulo 18 – O Poder da Palavra – II.....	129
Capítulo 19 – Vivendo pela Palavra.....	133
Capítulo 20 – Estudos em Gálatas.....	137
Capítulo 21 – Perfeição em Cristo.....	161



# COMENTÁRIOS DE ELLEN G. WHITE SOBRE JONES E WAGGONER



Ellen White fez fortes recomendações das mensagens que Jones e Waggoner estavam apresentando. A seguir estão algumas dessas citações:

“O irmão A. T. Jones falou ao povo, e também o irmão E. J. Waggoner; e o povo ouviu muitas coisas preciosas que lhes serviram de conforto e fortalecimento da fé. Apreciaram este privilégio que, para eles, era tão importante” (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 205-206).

“Eu sabia como o Senhor considerava seu espírito e suas ações [daqueles que estavam se opondo à obra de Jones e Waggoner]; e, caso tenham praticado tais coisas por ignorância, devido a ideias deturpadas, eles já tiveram toda oportunidade que Deus lhes poderia dar de saber que Ele deu a *esses homens* [A. T. Jones e E. J. Waggoner] uma obra a fazer e uma mensagem a proclamar, *que é verdade presente para este tempo*. Eles sabiam que, onde quer que esta mensagem chegue, seus frutos são bons. *Vigor e energia vital são introduzidos na igreja*, e onde a mensagem é aceita, esperança, coragem e fé irradiam da face de todos os que abrem os olhos para ver, o entendimento para compreender, e o coração para receber o grande tesouro da verdade” (*Ibid.*, p. 228, grifo acrescentado).

“Temos toda evidência para saber que o Senhor está usando o irmão Jones, o irmão Waggoner e o professor Prescott; e, com essa evidência diante de nós, me dói o coração que qualquer de meus irmãos na fé possa sentir impaciência e amargura para com eles, e

se recusar a se aproximar em laços de amor e unidade com eles. A contenda precisa acabar. Precisamos ter unidade” (*Ibid.*, p. 1156).

“O Senhor, em Sua grande misericórdia, *enviou uma mensagem muito preciosa a Seu povo pelos irmãos Waggoner e Jones*. Esta mensagem devia trazer de forma mais proeminente perante o mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados do mundo inteiro. Apresentava a justificação pela fé no Fiador, e convidava as pessoas a receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos tinham perdido Jesus de vista. Precisavam ter seus olhos voltados a Sua Pessoa divina, Seus méritos e Seu imutável amor pela família humana. Todo o poder Lhe é concedido para que possa dispensar ricos dons aos homens, transmitindo o inestimável dom de Sua própria justiça ao agente humano indefeso. Esta é a mensagem que Deus ordenou que fosse dada ao mundo. É a mensagem do terceiro anjo, que deve ser proclamada com uma alta voz, e acompanhada do derramamento de Seu Espírito em grande medida” (*Ibid.*, p. 1336, 1337).

“Aqueles que desde a reunião de Minneapolis tiveram o privilégio de ouvir as palavras proferidas pelos mensageiros de Deus — o irmão Jones, o professor Prescott, os irmãos E. J. Waggoner, O. A. Olsen e muitos outros — nas reuniões campais e Institutos Ministeriais, ouviram o convite: ‘Vinde, pois tudo já está pronto. Vinde à ceia preparada para vós.’ Luz, luz celestial tem brilhado. A trombeta deu um somido certo. Os que deram desculpas variadas pela negligência em atender ao chamado perderam muito. *A luz tem brilhado sobre o tema da justificação pela fé e a justiça imputada de Cristo*. Os que aceitam e agem segundo a luz dada mostrarão, em seus ensinos, evidência de que a mensagem do Cristo crucificado e de um Salvador ressurreto que subiu aos céus para ser nosso advogado é a sabedoria e o poder de Deus para a conversão de almas, trazendo-as de volta a sua lealdade a Cristo. Estes são nossos temas: Cristo crucificado por nossos pecados, Cristo ressuscitado dentre os mortos, Cristo nosso intercessor perante Deus; e, intimamente

ligada a esses temas, está a obra do Espírito Santo, o representante de Cristo, enviado com poder divino e dons aos homens” (*Ibid.*, p. 1455, 1456, grifo acrescentado).

“O Senhor levantou o irmão Jones e o irmão Waggoner para proclamar uma mensagem ao mundo *a fim de preparar um povo para permanecer em pé no dia de Deus*. O mundo padece com a necessidade de lhes vir luz adicional sobre as Escrituras — proclamação adicional dos princípios de pureza, humildade, fé, e da justiça de Cristo. Este é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (*Ibid.*, p. 1814, 1815, grifo acrescentado).



# VIVENDO PELA FÉ



**E. J. WAGGONER**

“**O** justo viverá pela fé” (Rm 1:17). Esta declaração é a síntese do que o apóstolo tem a dizer sobre o evangelho. O evangelho é o poder de Deus para a salvação, mas somente “de todo aquele que crê” (Rm 1:16). Nele a justiça de Deus é revelada. A justiça de Deus corresponde à lei perfeita de Deus, que nada mais é do que a transcrição de Sua própria justa vontade. Toda injustiça é pecado, ou a transgressão da lei. O evangelho é o remédio de Deus para o pecado; sua obra, portanto, deve ser levar o ser humano à harmonia com a lei – fazer com que os princípios da lei justa se manifestem em sua vida. Mas tal obra é completamente pela fé – a justiça de Deus se revela “de fé em fé” –, fé no início e fé no final; como está escrito: “O justo viverá pela fé”.

Isso é verdade em todas as épocas desde a queda do homem, e será uma verdade até que os santos de Deus tenham o nome de Deus escrito nas fronteiras e O vejam tal qual Ele é. A declaração citada pelo apóstolo provém do profeta Habacuque (2:4). Se os profetas não a tivessem revelado, os primeiros cristãos não a teriam conhecido, visto terem somente o Antigo Testamento. Afirmar que na mais remota antiguidade as pessoas tinham apenas uma concepção imperfeita da fé em Cristo significa dizer que não havia justos naqueles tempos. Paulo, porém, se refere a eventos que ocorreram bem no início e os cita como exemplos da fé que salva. Ele diz: “Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo (Hb 11:4). Sobre

Noé, ele diz que foi pela fé que ele “aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé” (Hb 11:7). Podemos afirmar que a fé deles era em Cristo, pois tratava-se de fé para salvação – e fora do nome de Jesus não há salvação, pois “não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12).

Há muitos que tentam viver a vida cristã com base na força da fé que exerceram quando reconheceram sua necessidade de perdão dos pecados de sua vida passada. Estão conscientes de que somente Deus pode perdoar pecados – uma obra realizada por meio de Cristo –, mas imaginam que, tendo iniciado a carreira cristã, devem prosseguir nela por meio da própria força. Sabemos que muitos têm essa ideia; primeiramente porque ouvimos alguns pregarem assim e, em segundo lugar, porque existem inúmeros cristãos professos que não demonstram na vida a operação de um poder superior ao que eles próprios possuem. Caso tenham algo a dizer em alguma reunião social, além das palavras decoradas “Quero ser um cristão, a fim de alcançar a salvação”, a única coisa que falam é sobre sua experiência passada, sobre a alegria que sentiram quando primeiramente creram. Mas, sobre a alegria de viver para Deus e de andar com Ele pela fé, nada conhecem; e quem fala sobre isso com eles soa como se estivesse falando em línguas estranhas. Mas o apóstolo, por meio da seguinte impressionante ilustração, mostra claramente que o tema da fé se estende até o reino glorioso:

“Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua transladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus. De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que Se torna galardoador dos que O buscam” (Hb 11:5-6).

Observe o argumento que prova que Enoque foi trasladado pela fé: Enoque foi trasladado porque ele andou com Deus e obteve o testemunho de haver agradado a Deus; mas sem fé é impossível agradar a Deus. Isso é o suficiente para provar o ponto. Sem fé, não há ato que possa ser realizado capaz de alcançar a aprovação de Deus. Sem fé, as melhores ações que alguém possa praticar ficarão infinitamente aquém da perfeita justiça de Deus, que é o único padrão. A fé genuína é algo bom onde quer que ela se manifeste; mas a mais profunda fé em Deus exercida para livrar a alma do fardo dos pecados passados não será de proveito algum a uma pessoa a menos que tal fé perpasse toda sua carreira cristã em medida cada vez crescente até o encerramento de seu período de graça.

Já ouvimos muitas pessoas dizerem como lhes foi difícil fazer o que é correto. Reconhecem que sua vida cristã foi extremamente insatisfatória, marcada só por fracassos, e que foram tentadas a desistir por causa do desânimo. Não é de admirar que tenham se desanimado. Fracasso contínuo é suficiente para desanimar qualquer um. O mais valente soldado do mundo ficaria desalentado se tivesse perdido todas as batalhas. Às vezes essas pessoas dirão, com pesar, que praticamente perderam a confiança em si mesmas. Pobres almas! Se de fato perdessem completamente a confiança em si mesmas e colocassem toda a confiança Naquele que é poderoso para salvar, elas teriam uma história diferente para contar. Aí, sim, elas se gloriariam “em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:11). O apóstolo diz: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Fl 4:4). A pessoa que não se alegra em Deus, embora tentada e aflita, não está combatendo o bom combate da fé. Ela está combatendo o pobre combate da autoconfiança e derrota.

Todas as promessas de felicidade final são para os vencedores. “Ao vencedor”, diz Jesus, “dar-lhe-ei sentar-se Comigo no Meu trono, assim como também Eu venci e Me sentei com Meu Pai no Seu trono” (Ap 3:21). “O vencedor herdará todas as coisas”, diz o Senhor (Rm 21:7). Um vencedor é aquele que alcança vitórias. A herança não é a vitória. Essa consiste

apenas na recompensa pela vitória. A vitória ocorre agora. As conquistas a serem alcançadas são as vitórias sobre “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1Jo 2:16), vitórias sobre o eu e as condescendências egoístas. A pessoa que combate e vê o inimigo retroceder pode se regozijar; ninguém pode impedi-la de se alegrar, pois a alegria surge espontaneamente quando o inimigo bate em retirada. Há pessoas que se apavoram diante do pensamento de que devem travar uma batalha constante com o eu e as concupiscências mundanas. Isso ocorre porque ainda não conhecem nada a respeito da alegria da vitória. Só experimentaram derrotas. Mas combater constantemente não é algo tão triste quando há contínua vitória. O velho veterano de cem batalhas, que só conhece vitórias em cada combate, almeja estar no palco do conflito. Os soldados de Alexandre, que sob seu comando nunca conheceram derrota, estavam sempre ansiosos para entrar em combate. Cada vitória aumentava a força deles – uma força gerada apenas pela coragem –, e, na mesma proporção, diminuía a força do inimigo derrotado. Agora, como podemos alcançar vitórias contínuas em nossa batalha espiritual?

Ouçá o que Paulo diz: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gl 2:19-20).

Aqui reside o segredo da força. Cristo, o Filho de Deus, Aquele a quem toda a autoridade foi dada no Céu e na Terra, é quem realiza a obra. Se Ele vive no coração a fim de realizar a obra, seria gloriar-se dizer que podemos alcançar vitórias contínuas? Sim, isso é gloriar-se; mas gloriar-se no Senhor, e isso é permitido. O salmista diz: “A minha alma gloriar-se-á no SENHOR” (Sl 34:2). E Paulo afirma: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6:14).

Os soldados de Alexandre eram considerados invencíveis. Por quê? Seria porque eles eram naturalmente mais fortes e mais corajosos do que

todos os seus inimigos? Não, mas porque eram liderados por Alexandre. A força que possuíam residia na liderança dele. Sob o comando de outro líder, eles teriam sido derrotados com frequência. No período da Guerra Civil Americana, quando o exército da União fugia em desespero diante do inimigo em Winchester, a presença do general Sheridan fez com que a derrota deles se transformasse em vitória. Sem ele, os homens não passavam de uma multidão estremecida. Com ele na liderança, eles eram um exército invencível. Se após a batalha vocês tivessem ouvido os comentários dos soldados que lutaram sob a liderança desse grande líder, vocês teriam ouvido aplausos ao general misturados com seus brados de alegria. Eles foram fortes porque seu líder era forte; foram inspirados pelo mesmo espírito que o animava.

Bem, nosso Capitão é o Senhor dos exércitos. Ele enfrentou o maior inimigo de todos e o venceu sozinho. Aqueles que O seguem saem sem hesitação vencendo e para vencer. Se os que professam ser seguidores de Cristo tão somente colocassem a confiança Nele, então, graças às repetidas vitórias alcançadas, estariam prontos para proclamar as virtudes Daquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz (1Pd 2:9). João diz que “todo o que é nascido de Deus vence o mundo” mediante a fé (1Jo 5:4). A fé se apega ao braço de Deus, e Sua força poderosa realiza a obra. O modo pelo qual o poder de Deus opera no ser humano e realiza o que lhe é impossível fazer por si mesmo é algo que ninguém pode explicar. Esclarecer essa obra seria tão fácil quanto dizer como Deus pode dar vida aos mortos. Jesus disse: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3:8). Como o Espírito opera numa pessoa para subjugar suas paixões e torná-la vitoriosa sobre o orgulho, a inveja e o egoísmo é um mistério que só o Espírito conhece. Para nós, é suficiente saber que a obra é feita e será realizada em todo aquele que desejar, acima de qualquer outra coisa, que ela seja feita nele e que confiar no poder de Deus para que ela seja realizada.

Não temos condições de explicar como Pedro foi capaz de andar sobre as águas quando as ondas se agitavam ao seu redor; mas sabemos que, sob a ordem do Senhor, ele andou. Enquanto manteve os olhos fixos no Mestre, o poder divino o capacitou a andar com a mesma facilidade com que andaria sobre a firme rocha; porém, quando olhou para as ondas, talvez com sentimento de orgulho pela façanha, como se fosse uma proeza sua, o temor tomou conta dele, como era de se esperar, e ele começou a afundar. A fé o capacitou a andar sobre as ondas; o temor o fez afundar para baixo delas.

O apóstolo diz: “Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias” (Hb 11:30). Por que isso foi escrito? Para nosso ensino, “a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança” (Rm 15:4). Ora, existe alguma possibilidade de que algum dia sejamos convocados a lutar contra exércitos armados ou tomar cidades fortificadas? Não, “porque a nossa luta não é contra a carne e o sangue, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6:12). Mas as vitórias alcançadas pela fé sobre inimigos visíveis na carne foram registradas para nos mostrar o que a fé realizará em nosso conflito com os dominadores deste mundo tenebroso. A graça de Deus, em resposta à fé, é tão poderosa nestas batalhas como naquelas. Diz o apóstolo:

“Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10:3-5).

Os heróis da fé da antiguidade não foram capacitados a vencer apenas inimigos físicos. A respeito deles lemos que não somente “subjugaram reinos”, mas “praticaram a justiça, obtiveram promessas”; e o que é mais maravilhoso e encorajador, “*da fraqueza tiraram força*” (Hb 11:33-34). A

própria fraqueza se tornou para eles força mediante a fé, “porque o poder [de Cristo] se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12:9). “Quem”, então, “intencará acusação contra os eleitos de Deus? Ninguém, pois “é Deus quem os justifica”, e “somos feitura Dele, criados em Cristo Jesus para boas obras” (Rm 8:33; Ef 2:10). “Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? [...] Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio Daquele que nos amou” (Rm 8:35, 37).



# ESTUDOS SOBRE A FÉ



A. T. JONES

“Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6). A razão para isso é que “tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23), e, naturalmente, o pecado não pode agradar a Deus.

É por essa razão que o Espírito de Profecia afirma na primeira página da *Review* de 8 de outubro de 1898: “O conhecimento do que as Escrituras pretendem ensinar ao insistir sobre a necessidade de cultivarmos a fé é mais essencial do que qualquer outro conhecimento que possa ser adquirido”.

Por essa razão, de agora em diante, nesta seção de cada edição da *Review*, vamos apresentar um estudo bíblico sobre a fé – sua natureza, como é que ela surge e como exercê-la. Nosso objetivo é que o leitor possa ter o conhecimento que “é mais essencial do que qualquer outro conhecimento que possa ser adquirido”.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 29 de novembro de 1898.



Antes de conseguirmos compreender o que as Escrituras pretendem nos ensinar ao insistir sobre a necessidade de *cultivarmos* a fé, é essencial conhecermos *o que é fé*.

Francoamente falando, não adianta muito insistir com uma pessoa sobre a necessidade de cultivar a fé se ela não possui um conhecimento inteligente sobre a natureza da fé. E é triste afirmar que, embora o Senhor

tenha deixado o assunto perfeitamente claro nas Escrituras, há muitos membros da igreja que não sabem o que é fé. Podem até conhecer a *definição* de fé, mas não conhecem sua *essência*. Não conseguem captar o conceito que a definição transmite.

Por essa razão, não vamos apresentar a definição agora; em vez disso, citaremos e estudaremos uma ilustração de fé – um exemplo que vai destacar a fé tão nitidamente que todos conseguirão compreender sua verdadeira natureza.

A fé vem “pela palavra de Deus” (Rm 10:17, ARC). Então vamos à Palavra para encontrá-la.

Certo dia um centurião veio até Jesus e lhe disse:

“Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horriavelmente. Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas *apenas manda com uma palavra*, e o meu rapaz *será curado*. [...] Ouvindo isto, admirou-Se Jesus e disse aos que O seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta” (Mt 8:6-10).

Observe bem o que Jesus afirma ser *fé*. Quando entendermos bem isso, podemos dizer que encontramos a *fé*. Se *percebermos* como o relato ilustra a fé, saberemos qual é a essência da fé. Ninguém precisa ficar com dúvida sobre isso, pois Cristo é “o Autor [...] da fé” (Rm 12:2); e Ele diz que aquilo que o centurião manifestou era “fé” – sim, grande fé.

Onde está, então, a fé nesta história? O centurião queria que algo fosse realizado. Ele queria que o Senhor o fizesse. Mas quando o Senhor disse: “Eu irei” curar o rapaz, o centurião O impediu dizendo: “*Apenas manda com uma palavra*” e o que pedi será feito.

Agora, de acordo com a expectativa do centurião, qual seria o agente da obra? Apenas a palavra. De que ele dependeu para a cura do seu servo? Apenas da palavra. E o Senhor Jesus afirma que *aquilo era fé*.

Agora, irmãos, o que é fé?



Fé é esperar que a Palavra de Deus realize o que ela diz que fará e depender dessa Palavra para que faça o que ela afirma.

Sendo essa a essência da fé e sabendo que a fé vem pela Palavra de Deus, fica claro que a Palavra de Deus, a fim de inculcar em nós a fé, precisa nos ensinar que a Palavra tem em si o poder para realizar o que ela própria diz.

E a Palavra de Deus não mente sobre esse assunto: ela de fato ensina o que acabamos de expressar, e nada além disso. Por isso podemos dizer que a Palavra é “fiel” [Tt 1:9].<sup>1</sup>

A maior parte do primeiro capítulo da Bíblia é um manual de instrução sobre a fé. Esse capítulo contém pelo menos seis declarações específicas que demonstram a natureza da fé. Se contarmos com o versículo 1, em que o uso da palavra está implícito, temos o total de sete.

O assunto da fé é repetido várias vezes mediante o ensino de que a palavra de Deus realiza o que é falado por meio dessa palavra.

Vamos ler o primeiro versículo da Bíblia. “No princípio, criou Deus os céus e a terra”. *Como* Ele os criou? “Os céus por Sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de Sua boca, o exército deles”.

“Pois Ele *falou*, e tudo *se fez*; Ele ordenou, e tudo passou a *existir*” (Sl 33:6-9). *Antes* de Deus falar, *nada existia*. *Depois* que Ele falou, “tudo passou a *existir*”. Apenas pela *palavra*, tudo *existiu*. O que fez com que tudo passasse a *existir*? *Apenas a palavra*.

Havia, porém, trevas sobre a face do abismo. Deus queria que houvesse luz, mas como poderia haver luz se havia apenas trevas? Ele novamente falou: “E *disse* Deus: Haja luz; e houve luz”. De onde veio a luz? A própria palavra que foi dita foi o agente que produziu a luz. “A entrada das *Tuas palavras dá luz*” (Sl 119:130, KJV).

<sup>1</sup> [Tt 1:9] KJV, “faithful”, que em língua inglesa significa cheia de fé – “full of faith”.

Não havia nenhum firmamento, ou atmosfera. Deus queria que houvesse um firmamento. Como poderia ser feito? “E *disse* Deus: Haja firmamento [...]. *E assim se fez*”. Outra tradução para “e assim se fez” é “e *assim* aconteceu”. O que fez com que o firmamento passasse a existir? O que fez com que ele *assim* acontecesse? Apenas a palavra. Ele *falou*, e assim foi. A própria palavra falada fez com que ele existisse.

Deus quis então que houvesse a porção seca. Como isso poderia acontecer? Deus novamente falou. “E *disse* Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. *E assim se fez*”.

Em seguida, não havia vegetação. De onde ela viria? Deus falou novamente. “E *disse* Deus: Produza a terra relva, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. *E assim se fez*”.

Ele falou novamente. “E *disse* Deus: Haja luzeiros no firmamento dos céus [...]. *E assim se fez*”.

Mais uma vez Ele falou. “E *disse* Deus: Produza a terra seres viventes [...]. *E assim se fez*”.

Foi assim que “por Sua *palavra*” Deus criou todas as coisas. Ele apenas disse a palavra, e assim se fez. A própria palavra falada fez com que *tudo* existisse.

Foi assim na criação. E foi assim na redenção. Ele curou os doentes; expulsou demônios; acalmou a tempestade; purificou os leprosos; ressuscitou os mortos; perdoou os pecados – tudo por *Sua palavra*. Em todas essas situações, “Ele *falou*, e tudo *se fez*”.

“Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre. (Hb 13:8). Ele é sempre o Criador. E sempre faz todas as coisas apenas *por Sua palavra*. E Ele *pode* fazer tudo por Sua palavra, pois a característica essencial da palavra de Deus é que ela possui o poder divino por meio do qual ela própria realiza a obra que foi falada.

Portanto, a *fé* consiste no *conhecimento* de que na palavra de Deus existe poder, na *esperança* de que a própria palavra realiza a obra

que foi falada e na *dependência* dessa mesma palavra para que ela opere o que ela falou.

O ensino da fé envolve ensinar às pessoas que essa é a natureza da palavra de Deus; o ensinar como *exercer* a fé é ensinar as pessoas a esperar que a palavra de Deus realize o que ela diz e *depende* da palavra para que ela realize a obra que por ela é falada; o *cultivo* da fé é fazer com que, pela prática, haja aumento da confiança no poder que a própria palavra de Deus tem de realizar o que ela diz.

“O conhecimento do que as Escrituras pretendem ensinar ao insistir sobre a necessidade de cultivarmos a fé é mais essencial do que qualquer outro conhecimento que possa ser adquirido”.

Você está cultivando a fé?

*Advent Review and Sabbath Herald*, 27 de dezembro de 1898.



Fé é esperar que a própria palavra de Deus realize o que ela diz que fará e depender dessa própria palavra para que faça o que ela afirma.

Quando isso for discernido claramente, é perfeitamente fácil compreender a afirmação de que “a fé é a *certeza* das coisas que se esperam, a *convicção* das coisas que não se veem” (Hb 11:1).

Visto que a palavra de Deus está imbuída de poder criativo – portanto capaz de produzir no sentido mais *concreto* e *substancial* possível a *coisa* que a palavra fala; e visto que fé é a esperança de que a própria palavra realize o que a palavra diz, bem como a dependência *apenas* dessa palavra para que essa palavra faça o que ela afirma, fica suficientemente claro que fé é a *concretização* ou *materialização* das coisas que se esperam.

Visto que a palavra de Deus é, em si mesma, criativa, e, portanto, capaz de produzir ou fazer com que apareça aquilo que de outra forma nunca existiria ou seria visto; e visto que a fé é a esperança de que somente a palavra concretizará a coisa esperada, bem como a dependência

*apenas dessa palavra* para que a coisa se realize, fica suficientemente claro que fé é “a convicção das coisas que não se veem”.

O fato, portanto, é que “pela *fé*, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hb 11:3).

A pessoa que exerce a fé sabe que a palavra de Deus é criativa e que, por essa razão, é capaz de produzir a *coisa* falada. Logo, ela pode *entender*, não *supor*, que os mundos foram criados e vieram a existir pela palavra de Deus.

A pessoa que exerce a fé pode *entender* que, embora nenhuma das coisas que agora vemos existisse em algum lugar antes de a palavra de Deus ser falada – nem mesmo as substâncias das quais elas são formadas – mesmo assim *quando* a palavra foi falada, os mundos passaram a *existir*, simplesmente porque a própria palavra fez com que existissem.

Essa é a diferença entre a palavra de Deus e a palavra do homem. O homem pode falar, mas não há poder algum em suas palavras para realizar o que ele fala. Se a coisa que ele falou precisa ser realizada, *o homem* precisa *fazer algo* além de falar a palavra. Ele precisa fazer sua palavra valer.

*Não é assim com Deus.*

Quando Deus fala, a coisa passa a existir. Ela *existe*, simplesmente porque Ele falou. A palavra realiza aquilo que foi do agrado de Deus falar. Não é necessário que o Senhor, à semelhança do ser humano, *faça algo* adicional à palavra falada. Ele não precisa fazer Sua palavra valer. Ela *vale* por si só. Ele fala “*apenas a palavra*”, e as coisas se concretizam.

E é por isso que está escrito: “Pelo que também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós *a palavra* da pregação *de Deus*, a recebestes, *não como palavra de homens*, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus, *a qual* também *opera em vós*, os que *crestes*”, ou seja, em vocês que exercem a fé (1Ts 2:13).

É por essa razão também que a Bíblia diz que “é impossível que Deus minta” (Hb 6:18). Não é só por Deus não *querer* mentir que é impossível

que Ele minta, mas também porque Ele não *pode*. E Ele não *pode* mentir simplesmente *porque* Ele não pode: é impossível. E é impossível porque, quando Ele fala, a energia criativa se encontra na palavra falada, de maneira que “apenas a palavra” faz com que o que foi falado se torne uma realidade.

O ser humano pode falar uma palavra e esta não se concretizar. Logo, o homem pode mentir, pois falar o que não corresponde à realidade *significa* mentir. O homem, então, pode mentir, pode falar coisas que não correspondem à realidade, já que sua palavra não tem poder algum para fazer com que tais coisas se concretizem. Com Deus isso é impossível. Ele não *pode* mentir, “pois Ele falou, e tudo se fez”. Ele fala, e tudo passa a existir.

É por isso também que quando a palavra de Deus é falada acerca de determinado tempo, como em uma profecia a se cumprir centenas de anos no futuro, no momento em que esse tempo de fato chega, a palavra é cumprida. Cumpre-se então a palavra; não porque Deus, separado da palavra, *faça* algo para cumpri-la, mas porque a palavra foi falada com referência àquele tempo, e nela se encontra a energia criativa que faz com que a palavra, *no tempo profetizado*, realize a coisa falada.

É por essa razão que, se as crianças não tivessem exclamado “Hosana ao Filho de Davi!”, as pedras imediatamente teriam clamado. E é por essa razão que quando chegou o terceiro dia, era “impossível” que Cristo continuasse cativo da morte.

Como a palavra de Deus é divina! Nela se encontra energia criativa. Ela “é viva, e eficaz” (Hb 4:12). A palavra de Deus cumpre-se por si só, é autorrealizável; e confiar nela e depender dela *como tal*, isso corresponde a exercer fé. “Você tem fé?” (Rm 14:22, KJV).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 3 de janeiro de 1899.



“O conhecimento do que as Escrituras pretendem ensinar ao insistir sobre a necessidade de cultivarmos a fé é mais essencial do que qualquer outro conhecimento que possa ser adquirido.”

Observe que se trata do conhecimento do que as Escrituras pretendem ensinar no que diz respeito à “necessidade de cultivarmos a fé” – não especificamente sobre *termos* fé, mas *cultivá-la*.

Não há muita coisa dita nas Escrituras sobre nossa necessidade de *ter* fé, ao passo que muitíssimo é dito sobre *cultivar* a fé.

A razão para isso é que uma fé inicial é *concedida* a todos; e tudo o que precisam fazer é *cultivar* essa fé. Ninguém é capaz de ter *mais* fé do que a que lhe foi concedida, a menos que *cultive* a fé que já foi dada. E não há nada conhecido pelo ser humano que se desenvolve tão rapidamente quanto a fé quando esta é cultivada, pois a “fé cresce sobremaneira” (1Ts 1:3).

A fé é a esperança de que a própria palavra de Deus cumprirá o que a palavra diz, bem como a dependência “apenas” da palavra para que se cumpra o que a palavra diz. Cultivar a fé significa cultivar a dependência “apenas” da palavra em si para que esta realize o que ela diz.

A fé é “dom de Deus” (Ef 2:8); e as Escrituras afirmam claramente que ela é dada a todos. Paulo nos fala da “medida da fé” que “Deus repartiu a cada um” (Rm 12:3). Essa medida de fé que “Deus repartiu a cada um” constitui o capital inicial concedido a “todo homem que vem ao mundo” (Jo 1:9, ARC); e espera-se que cada pessoa negocie a partir desse capital – que o cultive – para a salvação da própria alma.

Não há perigo algum de que este capital diminua *ao ser ele usado*. Sempre que ele for usado, ele há de crescer. Crescerá sobremaneira. E tão certo quanto seu crescimento serão a justiça, a paz e a alegria do Senhor – graças garantidas com vistas à plena salvação da alma.

Repito: A fé vem pela palavra de Deus. Portanto, está escrito: “A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; *isto é*, a palavra da fé que pregamos” (Rm 10:8). Assim, a fé, a própria *palavra* da fé, está na boca e no coração de todo ser humano.

Como isso acontece? Dessa forma: quando o primeiro casal pecou no jardim, eles creram completamente em Satanás. Eles se entregaram completamente a Satanás. Eles ficaram completamente cativos dele. Havia então perfeita concordância e paz entre eles e Satanás. Mas Deus não permitiu que ficasse assim. Ele quebrou essa harmonia e destruiu essa paz. E Ele o fez mediante Sua palavra, quando disse a Satanás: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente” (Gn 3:15).

“Somente Deus pode continuamente colocar inimizade entre a descendência da mulher e a da serpente. Depois da transgressão do homem, sua natureza tornou-se má. Havia, então, paz entre Satanás e o homem caído. Caso não tivesse havido nenhuma interferência da parte de Deus, os homens teriam formado uma aliança contra o Céu; e no lugar de guerra entre si, tudo que fariam seria guerrear contra Deus. Não há inimizade natural entre os anjos caídos e os homens caídos. Ambos são maus, e isso devido à apostasia; e o mal, onde quer que se faça presente, formará uma confederação contra o bem. Anjos caídos e homens caídos formam uma parceria unida. O sábio general dos anjos caídos conjecturou que, se pudesse persuadir os homens, como havia persuadido os anjos, a se unir na rebelião, eles se tornariam seus agentes de comunicação com os demais homens para formarem uma confederação em rebelião contra o Céu. Assim que alguém se separa de Deus, não lhe resta nenhum poder de inimizade contra Satanás. A inimizade que existe na Terra entre o homem e Satanás é posta ali de modo sobrenatural. A menos que o poder convertedor de Deus atue diariamente sobre o coração humano, não haverá propensão alguma para a inclinação religiosa; ao contrário, os homens escolherão ser cativos de Satanás em vez de serem livres em Jesus Cristo. Afirmo que é Deus quem coloca a inimizade. O homem não pode fazê-lo. Quando a vontade é posta em sujeição à vontade de Deus, isso precisa ocorrer ao homem inclinar o coração e vontade para que estejam no lado do Senhor” (Ellen G. White, *The Gospel Herald* [O Arauto do Evangelho], 1º de julho de 1898, parágrafos 5-7).

Essa inimizade contra Satanás, esse ódio contra o mal, que Deus põe em cada um mediante Sua palavra, faz com que cada alma anseie por libertação, a qual se encontra unicamente em Jesus Cristo (cf. Rm 7:14-25).

Assim, essa palavra de Deus, que planta em cada alma inimizade contra Satanás, esse ódio contra o mal que clama pela libertação encontrada somente em Jesus Cristo, este é o dom da fé concedido aos homens. Esta é a “medida da fé” que “Deus repartiu a cada um”. Esta é a “palavra da fé”, que está na boca e no coração de todo ser humano do mundo. Esta é “a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação” (Rm 10:8-10).

Portanto, não pergunte em seu coração: Quem subirá ao Céu para trazer a fé até nós? Não pergunte tampouco: Quem descerá ao abismo, ou seja, quem percorrerá os distantes lugares para encontrar a fé e trazê-la até nós? Pois a “palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a *palavra da fé* que pregamos” (Dt 30:11-15; Rm 10:6-8).

Afirme isso e *exercite* a fé que Deus *concedeu* a *você*, bem como a qualquer outra pessoa no mundo, pois “entender como exercitar a fé, esta é a ciência do evangelho” (Ellen G. White, *The Review and Herald*, 18 de outubro de 1898, parágrafo 7).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 10 de janeiro de 1899



A fé é a dependência apenas da palavra de Deus e a esperança de que apenas essa palavra cumprirá o que a palavra diz.

Justificação pela fé, então, significa justificação mediante a dependência apenas da palavra de Deus e a esperança de que apenas essa palavra cumprirá o que ela diz.

Justificação pela fé significa justiça pela fé, pois justificação é o ato de ser declarado justo.

A fé vem pela palavra de Deus. A justificação pela fé, portanto, corresponde à justificação que vem pela palavra de Deus. A justiça pela fé corresponde à justiça que vem pela palavra de Deus.

A palavra de Deus é autorrealizável, pois ao criar todas as coisas, “Ele falou, e tudo se fez”. E quando Ele esteve sobre a Terra, Ele acalmou o tempestuoso mar, purificou os leprosos, curou os enfermos, ressuscitou os mortos e perdoou os pecados, tudo isso mediante Sua palavra. Ali, também, “Ele falou, e tudo se fez”.

Agora, O mesmo que, ao criar, “falou, e tudo se fez”, O mesmo que disse: “Haja luz; e houve luz”, O mesmo que, quando na Terra, com “apenas a palavra”, curou os doentes, purificou os leprosos e trouxe os mortos à vida, Este mesmo pronuncia a palavra da justiça de Deus para todos e sobre todos os que creem.

Pois, embora todos tenham pecado e careçam da justiça de Deus, somos, todavia, “justificados gratuitamente por Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, *ao qual Deus propôs [...] para declarar a Sua justiça para remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus*” (Rm 3:23-25, KJV).

Ao criar todas as coisas no princípio, Deus propôs Cristo para declarar a palavra que faria com que todas as coisas viessem à existência. Cristo falou “apenas a palavra”, e tudo veio à existência. E na redenção, que é a repetição da criação, Deus propôs Cristo para declarar a palavra da justiça. E quando Cristo fala “apenas a palavra”, assim se faz. Sua palavra, quer criando ou redimindo, é a mesma.

“O universo [foi] formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hb 11:3). Houve um tempo em que não havia nenhum mundo criado, nem havia qualquer material de que o universo é agora composto. Deus propôs Cristo para declarar a palavra que criaria os mundos e a própria matéria de que seriam formados.

“Ele falou, e tudo se fez”. Antes de Ele falar, não havia nenhum mundo criado; depois que Ele falou, todos passaram a existir. Logo, a palavra de Deus falada por meio de Jesus Cristo é capaz de trazer à existência aquilo que não existia antes que a palavra fosse pronunciada, e que, sem essa palavra, nunca poderia ter a existência.

Isso é precisamente o que ocorre na vida do homem. Na vida do homem não há justiça alguma. Nele não há justiça alguma a partir da qual a justiça possa aparecer em sua vida. Mas Deus propôs Cristo para declarar a justiça para todo e sobre todo ser humano. Cristo falou “apenas a palavra”, e no vazio entenebrecido da vida humana surge a justiça para todo aquele que a receber. No lugar onde, antes que a palavra fosse recebida, não havia nem justiça nem nada que pudesse produzi-la, depois que a palavra é recebida, há perfeita justiça e a própria Fonte da qual ela jorra. A palavra de Deus, sendo recebida pela fé – ou seja, esperando que a palavra de Deus realize o que ela diz e dependendo dela para fazer o que ela diz –, essa palavra produz a justiça no homem e na vida que antes não possuía justiça nenhuma; exatamente como aconteceu na criação original, quando a palavra de Deus produziu mundos onde antes nunca houvera nenhum. Ele falou, e a coisa falada acontece em favor de todo aquele que crê, isto é, em favor de todo aquele que a recebe. A própria palavra produz a ação.

“Justificados [feitos justos], pois, mediante a fé [ao esperarmos pela palavra de Deus apenas e dependermos dela somente], temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1). É assim que acontece. Louvado seja o Senhor! E quando nos nutrimos dessa bendita promessa, estamos cultivando a fé.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 17 de janeiro de 1899



“O conhecimento do que as Escrituras pretendem ensinar ao insistir sobre a necessidade de cultivarmos a fé é mais essencial do que qualquer outro conhecimento que possa ser adquirido”.

A fé é esperar que a palavra de Deus realize aquilo que essa palavra diz, e depender “apenas” da palavra para cumprir o que a palavra diz.

Abraão é o pai de todos aqueles que são da fé. O registro sobre Abraão, portanto, nos instrui a respeito da fé – o que ela é e o que faz por aquele que a possui.

Que diremos pois ter alcançado Abraão, nosso pai, segundo a fé? O que diz a Escritura?

Quando Abrão tinha mais de 80 anos de idade, e Sarai, sua mulher, já era idosa, e ele não tinha um filho, Deus “conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: *Será assim a tua posteridade*”.

E Abrão “creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gn 15:5-6). Abrão aceitou a palavra de Deus e, com base nessa palavra, esperou que se cumprisse o que a palavra disse. E, ao fazer isso, foi considerado justo.

Sarai, contudo, não colocou sua esperança apenas sobre a palavra de Deus. Ela recorreu a um plano próprio para dar ao esposo um descendente. Ela lhe disse: “Eis que o SENHOR me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela” (Gn 16:2).

Abrão, nesse momento, desviou-se da perfeita integridade da fé. Em vez de firmar sua esperança e dependência apenas sobre a palavra de Deus, ele “anuiu ao conselho de Sarai”.

Como consequência, um filho nasceu. Mas a situação toda se mostrou tão insatisfatória para Sarai que ela repudiou o próprio plano. E Deus manifestou Sua rejeição do estratagema ao ignorar totalmente o fato de que uma criança havia nascido. Ele mudou o nome de Abrão para Abraão e continuou a falar sobre Seu propósito de fazer dele o pai de nações, por

meio do descendente prometido, e de estabelecer Sua aliança com Abraão e com a posteridade prometida. Ele mudou também o nome de Sarai para Sara, pois ela se tornaria “mãe das nações” (Gn 17:16, ARC) por meio do descendente prometido.

Abraão percebeu como Deus havia ignorado completamente a criança que havia nascido e chamou a atenção do Senhor para o fato, dizendo: “Tomara que viva Ismael diante de Ti” (Gn 17:18).

Mas “Deus lhe respondeu: De fato, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque; estabelecerei com ele a Minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência. Quanto a Ismael, Eu te ouvi: abençoá-lo-ei, fá-lo-ei fecundo e o multiplicarei extraordinariamente; gerará doze príncipes, e dele farei uma grande nação. *A Minha aliança, porém, estabelecê-la-ei com Isaque, o qual Sara te dará à luz, neste mesmo tempo, daqui a um ano*” (Gn 17:19-21).

Por meio de toda essa experiência, tanto Abrão quanto Sarai aprenderam a lição de que, para que a promessa fosse efetivada e a palavra de Deus cumprida, nada serviria a não ser a dependência apenas da palavra. Sarai aprendeu que seu estratagema trouxera somente transtorno e perplexidade, além de *atrasar o cumprimento da promessa*. Abrão aprendeu que, ao dar ouvidos a Sarai, ele passara por alto a palavra de Deus e que agora teria que abandonar todo o esquema e voltar-se novamente apenas para a palavra.

Mas *agora* Abraão estava com 99 anos e Sara com 89; e, no mínimo, parecia que o cumprimento da palavra estava, mais do que nunca, bem longe da vista. A situação exigia agora uma dependência mais profunda da palavra de Deus – uma fé maior do que antes.

Estava perfeitamente claro, *agora*, que não havia nenhuma possibilidade de depender de qualquer outra coisa, a não ser da pura e simples palavra, e dela apenas. Eles estavam restritos completamente a isso para o cumprimento do que a palavra dissera. Todas as obras, artifícios, planos e esforços próprios estavam excluídos. Restava-lhes apenas a fé. Restavam-

-lhes apenas a palavra e a absoluta dependência apenas da palavra para o cumprimento do que a palavra havia dito.

Estando o caminho agora desimpedido para que “apenas a palavra” operasse, tal palavra de fato operou com eficácia, e a “descendência” nasceu. Assim, “pela fé”, mediante impotente e total dependência apenas da palavra, “a *própria* Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel Aquele que lhe havia feito a promessa” (Hb 11:11).

Portanto, “também de um, *aliás já amortecido*, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar” (Hb 11:12).

*Dessa forma* cumpriu-se a palavra falada a Abrão quando Deus “conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. [...] Será assim a tua posteridade” (Gn 15:5).

Temos aqui uma lição divina sobre a fé. E essa é a intenção das Escrituras quando instam *conosco* para a necessidade de cultivarmos a fé. Pois isto foi imputado a Abraão para justiça, a saber, a justiça de Deus, que é mediante a fé.

Todavia, “não somente por causa dele está escrito que lhe foi imputado, mas também por *nossa* causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos Naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4:23-25).

E todos “os que são da fé são abençoados com o crente Abraão” (Gl 3:9). Todos aqueles que, excluindo – ou melhor ainda, repudiando – toda obra, planos, estratégias e esforços próprios, passam a depender, em completo desamparo, apenas da palavra de Deus para que essa palavra cumpra o que diz, sim, são *estes* os que são da fé e *são* abençoados com o crente Abraão ao *receberem a justiça de Deus*.

“Entender como exercitar a fé, esta é a ciência do evangelho!” E a ciência do evangelho é a ciência das ciências. Quem não colocaria em ação máxima todos os nervos a fim de compreendê-la?

*Advent Review and Sabbath Herald*, 24 de janeiro de 1899



Depois que Abraão e Sara se livraram de todo esquema de incredulidade que resultou no nascimento de Ismael e se firmaram sobre a fé apenas – sobre a dependência da palavra de Deus apenas –, Isaque, o verdadeiro filho da promessa, nasceu.

Ao anuir ao conselho de Sarai (Gn 16:1-2), Abrão se desviara do caminho da estrita integridade para com a palavra de Deus, do caminho reto da verdadeira fé; e agora, tendo retornado à vereda apenas da palavra, da verdadeira fé, era necessário que ele fosse provado antes que se pudesse dizer com certeza a seu respeito que sua fé lhe fora imputada como justiça.

Ele havia confiado na pura e simples palavra de Deus, após renunciar a Ismael, e havia ganhado Isaque, o verdadeiro filho da promessa de Deus. E agora, havendo obtido Isaque, resta determinar se ele confiaria na pura e simples palavra de Deus, mesmo tendo que renunciar ao próprio Isaque.

Com esse propósito, Deus disse a Abraão: “Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que Eu te mostrarei” (Gn 22:2).

Abraão havia recebido Isaque de Deus por ter confiado apenas na palavra de Deus. Somente Isaque era a descendência prometida pela palavra do Senhor. Depois do nascimento de Isaque, Deus havia confirmado a palavra ao dizer: “Em Isaque será chamada a tua descendência” (Gn 21:12). Chega então a palavra de Deus: “Toma teu filho, teu único filho, [...] e oferece-o ali em holocausto”.

Deus havia declarado a Abraão: Tua descendência será tão numerosa quanto as estrelas dos céus. “Nela serão benditas todas as nações

da terra” (Gn 28:18). “Em Isaque será chamada a tua descendência” (Gn 21:12). E *agora* vem a ordem: Oferece Isaque em holocausto!

*Contudo*, se Isaque for oferecido como holocausto, se Isaque for consumido pelo fogo, o que acontecerá com a promessa da bênção para todas as nações por meio dele? O que aconteceria com a promessa de que a descendência de Abraão seria tão inumerável quanto as estrelas do céu? Todavia, a palavra era certa: Oferece Isaque como holocausto. Abraão já havia confiado apenas na palavra de Deus, tendo que renunciar a Ismael. Mas *esse pedido* exigia *mais* do que confiar na palavra de Deus em renunciar a *Isaque* – isso era confiar na palavra de Deus tendo que renunciar à *palavra de Deus!*

E foi isso que Abraão fez, “esperando contra a esperança” (Rm 4:18). Deus havia dito: Tua descendência será como as estrelas do céu. Em Isaque será chamada a tua descendência. Oferece Isaque em holocausto. Abraão não insistiu que Deus “harmonizasse essas passagens”. Para *ele*, tudo o que precisava saber era que as declarações eram todas *a palavra de Deus*. Sabendo disso, ele estava disposto a confiar nessa palavra, seguir essa palavra e permitir que o Senhor “harmonizasse essas passagens” ou “explicasse esses textos”, se de fato tal fosse necessário.

Abraão disse: Deus disse: Oferece Isaque em holocausto. É isso o que vou fazer. Deus disse: “Em Isaque será chamada a tua descendência”. E tua descendência será tão numerosa quanto as estrelas do céu. Eu já interfi uma vez na promessa e impedi seu cumprimento até o momento em que repudiei tudo que havia feito e voltei apenas para a palavra. *Então*, por meio de um milagre, Deus me deu Isaque, o descendente prometido. Agora *Ele* diz: Oferece Isaque, o descendente prometido, em holocausto. Vou fazer isso. Por um milagre Deus o deu no início; por um milagre Deus pode restaurá-lo. Contudo, depois que eu o oferecer em holocausto, ele estará morto, e o único milagre que poderá então restaurá-lo é um milagre que o trará de volta dos mortos. Mas Deus é capaz de fazer até isso, e *Ele o fará*, pois Sua palavra disse: Tua descendência será tão numerosa como as estrelas do céu e em Isaque será chamada a tua descendência. E até mesmo o fato de Deus trazer de volta

Isaque dos mortos não será para Ele algo mais difícil do que Ele já fez, pois, quanto à capacidade de gerar, tanto meu corpo quanto o de Sara estavam como que mortos, mas mesmo assim Deus fez surgir Isaque por meio de nós. Ele pode ressuscitar Isaque dos mortos, e Ele o fará. Bendito seja o Senhor!

A questão estava decidida. Ele se levantou, tomou consigo seus servos e Isaque e seguiu uma viagem de três dias em direção ao “lugar que Deus lhe havia indicado”. Depois de três dias, ao ver “o lugar de longe”, Abraão “disse a seus servos: Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós” (Gn 22:3-5). Quem iria? “Eu e o rapaz iremos”. E quem voltaria? “Eu e o rapaz iremos até lá e [...] *voltaremos* para junto de vós”. Abraão esperava que o *retorno* de Isaque consigo era tão certo quanto sua *ida*.

Abraão esperava oferecer Isaque em holocausto e esperava *então* ver Isaque ressuscitar das cinzas e voltar com ele. A palavra de Deus havia sido pronunciada: “Em Isaque será chamada a tua descendência” e tua descendência será inumerável como as estrelas do céu. E Abraão decidiu que confiaria apenas nessa palavra, crendo que não havia *possibilidade* de ela falhar (Hb 11:17-19).

ISSO É FÉ. E assim “se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Tg 2:23). Mas acima de tudo isso, “não somente por causa dele está escrito que lhe foi imputado, mas também por nossa causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos Naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4:23-25).

Confiar apenas na palavra de Deus, depender apenas da palavra de Deus, mesmo contra a palavra de Deus – isso é FÉ. Esta é a fé que traz a justiça de Deus.

É *isso* o que significa *exercitar* a fé. É *isso* o que “as Escrituras pretendem ensinar ao insistir sobre a necessidade de cultivarmos a fé”. E “en-

tender como exercitar a fé, esta é a ciência do evangelho”. E a ciência do evangelho é a ciência das ciências.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 31 de janeiro de 1899



“Mas, AO QUE não trabalha, porém crê Naquele que justifica o ímpio, a SUA fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4:5).

Essa é a única maneira como qualquer pessoa deste mundo pode se tornar justa. Deve primeiro admitir que é ímpia, então crer que Deus justifica o ímpio – lhe atribui justiça – e que ela é justa com a própria justiça de Deus.

Todos neste mundo são ímpios. Um ímpio é alguém que não é pio, ou seja, que não tem uma piedade, ou justiça, semelhante a Deus. Está escrito: “Pois todos pecaram e carecem da glória [da bondade, do caráter] de Deus” (Rm 3:23).

Todo aquele, portanto, que admite que em algum momento de sua vida careceu da semelhança com Deus em qualquer coisa, ao fazer isso está confessando que é ímpio.

O fato, porém, é que *todos*, em *tudo*, carecem de ser semelhantes a Deus. Pois “todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3:9-18).

Então, como não há um sequer sobre a terra que não seja ímpio, e visto que Deus justifica o ímpio, isso, da parte de Deus, faz com que a justificação – a justiça, a salvação – seja completa, gratuita e *garantida* para *toda alma nesta Terra*.

E tudo que alguém, da sua parte, precisa fazer para que ela se torne plenamente garantida para si é aceitá-la – crer que Deus de fato justifica, pessoal e individualmente, aquele *que é ímpio*.

Assim, estranho como possa parecer para muitos, a única qualificação, e o único preparo, para a justificação é uma pessoa reconhecer que ela é ímpia. Então, tendo essa qualificação, tendo concluído esse pre-

paro, tudo que se exige dela para *obter* a justificação – completa, gratuita e garantida – é crer que Deus justifica *tal pessoa*, a qual é ímpia.

É um tanto fácil para muitos crer que são ímpios ou até mesmo reconhecer o fato; mas crer que Deus justifica *a eles*, isso é demais.

E a única razão por que esses não conseguem crer que Deus os justifica é porque eles são ímpios, muito ímpios.

Tais pessoas pensam que se pelo menos pudessem encontrar algo de bom em si mesmas, se ao menos pudessem se endireitar e se comportar melhor, quem sabe poderiam ter alguma coragem de esperar que Deus as justificasse. Sim, nesse caso elas se autojustificariam pelas *obras* e então professariam crer na justificação pela *fé!*

Mas tal postura simplesmente eliminaria todo o fundamento para a justificação, pois, se uma pessoa pode encontrar o bem em si mesma, ela já o possui, e não tem a necessidade de obtê-lo em qualquer outro lugar. Se ela pode se endireitar e ter um comportamento melhor por si mesma, ela não precisa de nenhuma justificação provinda de outra parte.

Logo, as palavras são contraditórias se eu disser que sou tão ímpio que não consigo ver como o Senhor possa me justificar. Pois se eu não for ímpio, não preciso me *tornar* justo; eu *sou* justo. Não existe um meio termo entre piedade e impiedade.

Mas quando uma pessoa se vê tão ímpia, a ponto de não encontrar em si fundamento algum de esperança para a justificação, é justamente nesse momento que entra a *fé* – na verdade, é somente nessa situação que a *fé* pode entrar.

Pois a *fé* é a dependência *apenas* da palavra de Deus. Enquanto houver em alguém qualquer dependência de si mesmo, enquanto houver nele qualquer fundamento concebível de esperança para depender de qualquer coisa em si ou a respeito de si mesmo, não pode haver *fé*, visto não haver lugar para a *fé*, uma vez que a *fé* é a dependência apenas da “palavra”.

Mas quando *desaparece* de uma pessoa qualquer fundamento concebível de esperança para depender de qualquer coisa em si ou a respei-

to de si mesma, e ela reconhece o fato; quando tudo que ela pode ver conspira contra qualquer esperança de justificação, *nesse momento então*, lançando-se sobre a promessa de Deus, apenas sobre a palavra, esperando contra a esperança, a fé entra, e pela fé a pessoa recebe a justificação completa e gratuita que deseja, embora ímpia ela seja.

Pois está escrito para sempre: “Mas, ao que não trabalha, porém crê Naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4:5), “isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo” (Rm 3:22, ARC), “ao qual Deus propôs [...] para declarar a Sua justiça para remissão dos pecados dantes cometidos” (Rm 3:25, KJV).

É isso que significa exercitar ou cultivar a fé. Você está exercitando a fé? Repito: “Entender como exercitar a fé, esta é a ciência do evangelho”.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 7 de fevereiro de 1899



“Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1).

Visto que a fé é a dependência apenas da palavra de Deus, crendo no que a palavra diz, ser justificado pela fé é simplesmente ser considerado justo por causa da dependência apenas da palavra.

E visto que a palavra é a palavra de Deus, a dependência apenas da palavra de Deus corresponde à dependência apenas de Deus, na palavra. Justificação pela fé, então, é justificação, ou seja, ser considerado justo mediante a dependência apenas de Deus, e Dele somente, pois Ele prometeu.

Somos todos, sem exceção, pecadores – pecaminosos e ímpios. Logo, estamos todos sujeitos ao juízo de Deus (cf. Rm 3:9-19). Todavia, há para todos nós um escape do juízo divino. Mas o único meio de escape do juízo de Deus é *confiar em Deus*.

Depois que Davi pecou por ter numerado o povo, incorrendo assim, no exemplar juízo de Deus, o Senhor permitiu que ele escolhesse se

queria sete anos de fome, ou se fugiria por três meses de diante de seus inimigos, ou se a nação sofreria a peste por três dias. Davi, porém, não ousou escolher. Ele transferiu a responsabilidade a Deus, deixando que *Ele* escolhesse, dizendo: “Caiamos nas mãos do SENHOR, porque muitas são as Suas misericórdias” (2Sm 24:11-14).

Quando dependemos apenas de Deus em Sua palavra para a justiça, temos paz com Deus, porque dessa forma realmente alcançamos a justiça, e “o efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre” (Is 32:17).

Quando dependemos apenas de Deus em Sua palavra para a justiça, temos paz por nosso Senhor Jesus Cristo, “porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos [Deus e o homem ...] fez um; e, [...] na Sua carne, desfez a inimizade [...] para criar em Si mesmo dos dois [de Deus e o homem] um novo homem, fazendo a paz” (Ef 2:14-15).

Além disso: quando dependemos apenas de Deus em Sua palavra para a justiça, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, porque Deus fez “a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio Dele”, para que “reconciliasse Consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus. E a *vós outros* também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, *agora*, porém, vos reconciliou no corpo da Sua carne, mediante a Sua morte, para apresentar-vos perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, SE é que *permaneceis na fé*” – se permanecéis dependendo de Deus apenas, com base em Sua palavra (Cl 1:20-23).

Visto que Deus deixou o caminho tão claro e proporcionou uma justificação tão completa, garantindo a todos a paz; e visto que Ele pede que todos simplesmente recebam tudo isso, aceitando esse dom que vem Dele e dependendo Dele para isso, por que alguém deixaria de ser assim justificado, perdendo a paz de Deus por nosso Senhor Jesus Cristo?

É *isso* “o que as Escrituras pretendem ensinar ao insistir sobre a necessidade de exercitarmos a fé”. *Você está exercitando a fé? Você está*

justificado pela fé? Você tem a justiça pela fé? Você tem paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo?

“Tende fé em Deus” (Mc 11:22).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 14 de fevereiro de 1899



Fé é completa dependência *apenas* da palavra de Deus para que se cumpra o que a palavra diz.

Sendo assim, não se deve esquecer por um momento sequer que, onde não há palavra de Deus, não pode haver nenhuma fé.

Isso fica demonstrado também na verdade de que “a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10:17, ARC). Visto que a fé vem de fato pela própria palavra de Deus, fica perfeitamente claro que, onde não há a palavra de Deus, não pode haver fé.

Isso é belamente ilustrado por um episódio na vida de Davi. Pelo fato de Davi ter no coração a intenção de construir uma casa ao Senhor, Deus lhe falou por meio do profeta Natã, dizendo: “O SENHOR te faz saber que o SENHOR te fará casa” e “a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre”.

Davi então orou e disse: “Agora, pois, ó Senhor JEOVÁ, esta palavra que falaste acerca de Teu servo e acerca da sua casa, *confirma-a para sempre* e faze como tens falado. E engrandeça-se o Teu nome para sempre, para que se diga: O SENHOR dos Exércitos é Deus sobre Israel; e que a casa de Teu servo Davi seja estabelecida diante de Ti”.

“Pois Tu, SENHOR dos Exércitos, Deus de Israel, revelaste aos ouvidos de Teu servo, dizendo: Edificar-te-ei casa. *Portanto, o Teu servo achou no seu coração o fazer-te esta oração.*”

“Agora, pois, Senhor JEOVÁ, Tu és o mesmo Deus, e as Tuas palavras são verdade, e tens falado a Teu servo este bem. Sê, *pois, agora* servido de abençoar a casa de Teu servo, para permanecer para sempre diante de

Ti, *pois Tu*, ó Senhor JEOVÁ, *o disseste*; e com a Tua bênção será sempre bendita a casa de Teu servo” (2Sm 7:11-29).

A oração de Davi foi inteiramente de fé, pois estava inteiramente fundamentada na palavra de Deus: a palavra de Deus era a *causa* de sua fé; a palavra de Deus era a *base* dela; e a palavra de Deus era *toda a esperança* de Davi de que a oração seria enfim respondida.

Ele pediu de acordo com a vontade de Deus, pois a vontade de Deus estava expressa na palavra de Deus. Tendo pedido de acordo com a clara declaração da vontade de Deus, Davi *sabia* que sua oração tinha sido ouvida. E sabendo que sua oração tinha sido ouvida, Davi sabia que *tinha recebido o pedido* que almejava (1Jo 5:14). Foi por isso que ele disse: que assim seja. Por essa razão também, a resposta àquela oração foi, e é, e será para sempre certa para Davi.

E isso foi escrito para *nosso ensino*, de modo que saibamos como orar em fé, e como cultivar a fé em oração. Assim, vá e faça o mesmo. Pois “o conhecimento do que as Escrituras pretendem ensinar ao insistir sobre a necessidade de cultivarmos a fé é mais essencial do que qualquer outro conhecimento que possa ser adquirido”.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 21 de fevereiro de 1899



A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. Portanto, a palavra de Deus é o único meio de se obter fé. Portanto, onde não há palavra de Deus, não pode haver nenhuma fé.

E onde *existe* a palavra de Deus, a fé é completamente dependente dessa palavra para que se cumpra o que a palavra diz.

A partir disso tudo, que cremos ser a verdade, fica perfeitamente claro que, a fim de uma pessoa pedir em fé, ela deve, antes de tudo, estar certa de que ela tem a palavra de Deus referente ao que está pedindo.

Tendo a palavra de Deus referente ao que se está pedindo, a pessoa, como Davi, tem a certeza em seu coração que ela pode orar com perfeita confiança, ou seja, com perfeita fé.

Essa pessoa, ao orar assim, sabe que está pedindo segundo a vontade de Deus, pois sabe que tem a clara palavra de Deus a respeito daquele assunto.

Logo, ela sabe que Deus a ouve; e, consciente de que Deus a ouve, ela sabe que *tem aquilo* que pediu, pois o único fundamento de sua esperança de alcançar o que pediu é *a palavra* que foi falada a respeito da coisa solicitada, sendo essa palavra a única base de seu pedido.

O Senhor nos diz que devemos orar assim, e, conseqüentemente, Ele fez provisão para o crescimento firme, sólido e contínuo da fé.

Muitas pessoas oram, mas não sabem se é da vontade de Deus que recebam aquilo que pediram; dessa forma, não sabem se podem com certeza reivindicar a bênção. Pelo fato de não saberem se podem reivindicar o que desejam, elas ficam completamente inseguras se suas orações são atendidas ou não.

O Senhor não deseja que as pessoas caminhem na incerteza. Por isso, Ele deu *Sua* palavra, que proporciona plenamente a todos tudo aquilo que possa deixar o ser humano “perfeitamente habilitado para toda boa obra”. E é por meio dessa palavra que “nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade” (2Tm 3:17; 2Pd 1:3).

E a pessoa que procura *na palavra de Deus* as coisas que Deus proporcionou para todos, e, com base especificamente na palavra, ora por algo, dessa forma suplicando de acordo com a clara e expressa vontade de Deus, tal pessoa sabe que sua oração é ouvida e que ela *tem* a coisa pela qual orou.

Agindo assim, as orações serão sempre certas, a vida será repleta dos claros dons de Deus, e a fé será segura e sólida, crescendo sempre em força.

Muitos fazem a oração dos discípulos: “Aumenta-nos a fé” (Lc 17:5). Isso é bom. Contudo, junto com isso, nunca se deve esquecer que a fé vem somente pela palavra de Deus. Portanto, apesar de termos a certeza de que

nossa fé estará crescendo, cumpre saber que isso só acontecerá se houver em nós um crescimento da palavra de Deus. E a única maneira pela qual pode haver em nós um crescimento da palavra de Deus é quando damos ouvidos a essa palavra, orando ao Senhor para recebermos aquilo que a palavra diz, dependendo completamente dessa palavra para alcançarmos a bênção desejada e agradecendo a Deus por *já tê-la recebido*. Então e dessa forma podemos dizer que a palavra é recebida por nós e que ela vive em nós.

Assim, embora possamos orar “Aumenta-nos a fé”, ao mesmo tempo nunca podemos nos esquecer de edificar a nossa fé santíssima (cf. Jd 1:20).

Esse é o meio para o exercício da fé. A fé só pode ser exercitada com base na palavra de Deus, pois onde não há palavra de Deus, não pode haver nenhuma fé.

E “entender como exercitar a fé, esta é a ciência do evangelho”.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 28 de fevereiro de 1899



“O justo viverá pela fé” (Rm 1:17).

Quem são os justos? Os justos são somente aqueles que são da fé, visto que as pessoas são justificadas unicamente pela fé.

Pois, embora seja um fato que “todos pecaram e carecem da glória de Deus”, todavia somos “justificados gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3:23-24).

“Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê Naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4:4).

“Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1). Aqueles que são da fé, e somente esses, são os justos na Terra.

Ora, a fé é a inteira dependência da palavra de Deus, crendo que essa palavra cumprirá o que ela diz. Ela “fará o que Me apraz” (Is 55:1).

Ser justificado pela fé, então, significa ser justificado pela completa dependência da palavra de Deus. Os justos são aqueles que são da palavra de Deus. É assim que as pessoas se tornam justas.

Não devemos apenas *nos tornar* justos pela fé – pela dependência da palavra de Deus – mas, *sendo justos*, devemos *viver* pela fé. O justo *vive* exatamente do mesmo modo e precisamente mediante a mesma coisa pela qual ele se tornou justo.

Nós nos tornamos justos pela fé; e fé é inteira dependência da palavra de Deus. Nós, sendo justos, devemos viver exatamente por meio daquilo pelo que nos tornamos justos, isto é, pela completa dependência da palavra de Deus.

É exatamente isso o que Jesus disse: O homem viverá por “toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). Quando Jesus afirmou isso, fica perfeitamente claro que Ele queria simplesmente dizer, em outras palavras, que o homem viverá pela fé.

Não há outra maneira pela qual o ser humano possa verdadeiramente viver que não seja pela fé, a qual nada mais é do que viver pela palavra de Deus. Sem a fé, sem a palavra de Deus, os homens simplesmente morrem.

Na verdade, sem a palavra de Deus, tudo está destinado a morrer, pois no princípio tudo veio à existência pela palavra de Deus. A palavra de Deus é a origem e a vida de tudo, “pois Ele falou, e tudo se fez”.

Todas as coisas animadas e inanimadas – o sol, a lua, as estrelas e os seres humanos –, todos estão completamente dependentes da palavra de Deus para a existência. Foi somente no caso dos seres humanos que Deus lhes concedeu o maravilhoso dom da escolha para decidirem se viverão assim ou não. Esse dom abre a porta para a fé. Quando uma pessoa vive de fato pela palavra de Deus, que é o único meio de se ter vida, a fé – a completa dependência da palavra de Deus – é o meio pelo qual essa pessoa lança mão do meio de se ter vida.

Assim, “o justo viverá pela fé”, “e tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23), e isso se resume no seguinte: o justo deve viver pela palavra de Deus, e tudo o que não provém da palavra de Deus é pecado.

“Não podemos ter uma experiência cristã saudável, não podemos obedecer ao evangelho para a salvação, até que a ciência da fé seja mais bem compreendida, até que mais fé seja exercitada” (Ellen G. White, *Review and Herald*, 18 de outubro de 1898).

“Você tem fé? (Rm 14:22, KJV). Vamos ter a fé de Deus. Aqui estão os que *guardam* “a fé de Jesus” (Ap 14:12, KJV).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 7 de março de 1899



“A justiça de Deus se revela [...] para fé” (Rm 1:17).

Fé é a completa dependência da palavra de Deus, esperando que essa palavra cumpra o que a própria palavra diz.

Mas será que existe justiça pronunciada pela palavra de Deus, de modo que as pessoas possam depender completamente dessa palavra para que essa palavra cumpra o que ela diz?

Sim. Na verdade, esse é o próprio objetivo do dom de Cristo, pois a Ele “Deus propôs [...] para declarar a Sua justiça para remissão dos pecados dantes cometidos, mediante a paciência de Deus” (Rm 3:25, KJV).

Considerando, então, que Deus propôs Cristo claramente para declarar, *falar*, a justiça de Deus, é certo que a palavra de Deus foi pronunciada, e sobre ela pode haver completa dependência, na esperança de que essa palavra realize o que ela diz. Em outras palavras, existe justiça que pode ser recebida pela fé.

Onde é falada essa palavra? Ela é falada na palavra “perdão”. “Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados” (1Jo 1:9). “Contigo, porém, está o perdão” (Sl 130:4).

Qual é o significado de perdoar? A palavra perdoar é composta de “*per*”, isto é, “por”, e “doar”; ou seja, “doar por” ou “doar em lugar de”. Quando Deus perdoa, Ele doa algo pelo ou no lugar do pecado. Mas o que Deus doa no lugar do pecado? Ele declara “a Sua *justiça* para remissão dos pecados”.

Logo, quando Deus perdoa o pecado – doa algo pelo pecado – Ele doa a justiça no lugar do pecado. Visto que a única justiça que o Senhor tem é a Sua própria, segue-se que a única justiça que Deus dá, ou pode dar, pelo pecado é a justiça de Deus.

É assim que funciona a justiça de Deus como dom: como todos pecaram e só podem ser absolvidos mediante um perdão inteiramente gratuito; e como o perdão do pecado – a justiça de Deus dada no lugar do pecado – é inteiramente gratuito, segue-se que a justiça de Deus é um dom gratuito “sobre todos os homens para a justificação que dá vida” (Rm 5:18).

Toda pessoa, portanto, que pede perdão a Deus, por meio desse próprio ato está pedindo que Deus lhe dê a justiça no lugar do pecado. Toda pessoa que pede perdão a Deus o faz unicamente com base na palavra de Deus, a qual pronuncia perdão. E fé é completa dependência da palavra de Deus para que ela cumpra o que fala. Assim, a justiça provém inteiramente da fé.

“Pois todo o que pede recebe” (Mt 7:8). Você já pediu muitas vezes que Deus perdoe seus pecados, ou seja, você já Lhe pediu que doe algo no lugar do seu pecado. Mas quando você pede que Deus lhe dê algo no lugar do seu pecado, nesse ato você está pedindo que Ele lhe conceda a única coisa que Ele pode, de fato, doar no lugar do pecado, a saber, a justiça. É isso o que significa pedir perdão a Deus.

E Ele de fato perdoa – Ele realmente doa algo no lugar de – seus pecados quando você Lhe pede perdão. Ele *diz* que assim o faz, e de fato Ele o *faz*. “Ele é fiel” – Ele nunca falhará – e Ele é “justo para nos perdoar os pecados”; e a única coisa que Ele dá no lugar dos pecados é Sua justiça (1Jo 1:9).

Então por que não ser grato a Ele pela justiça que Ele gratuitamente concede em lugar de nossos pecados quando Lhe pedimos que o faça?

Você não percebe que a justiça pela fé é tão clara e simples quanto o fato de pedirmos perdão pelo pecado? Na verdade, é simples assim.

Crer que a justiça é dada no lugar do seu pecado, quando você pede perdão, e receber com gratidão essa justiça como o dom de Deus – isso significa exercitar a fé.

Contudo, como é verdade que “sofremos muita perplexidade e dor por causa de nossa incredulidade e de nossa ignorância de como exercitar a fé” (Ellen G. White, *Review and Herald*, 18 de outubro de 1898).

“Você tem fé? (Rm 14:22, KJV). Vamos ter a fé de Deus. Aqui estão os que *guardam* “a fé de Jesus” (Ap 14:12, KJV).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 14 de março de 1899



“Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (Gl 5:6).

Para aqueles a quem este texto foi escrito originalmente, a circuncisão era tudo, e era tudo simplesmente por causa do que ela representava.

E a circuncisão representava nada mais nada menos do que obras. Era a maior de todas as obras – maior do que a própria criação –, porque, como diziam os rabinos, “a circuncisão é tão magnífica que, se não fosse ela, o Santo – bendito seja Ele – não teria criado o mundo”. “Ela é tão exaltada quanto todos os outros mandamentos”, “equivalente a todos os mandamentos da lei” (Farrar, *Life of Paul* [Vida de Paulo], cap. 22, par. 5, nota; cap. 35, par. 4, nota).

Todavia, aquilo que era tão sublime para eles, o Senhor eliminou por completo, como que por uma forte rajada, com as seguintes palavras: “A circuncisão não é nada”, e, em Cristo Jesus, a circuncisão não tem valor algum. E, em vista do que a circuncisão significava para eles, afirmar isso era o mesmo que dizer que as obras não representam nada e que em Cristo Jesus as obras não têm valor algum.

Agora, para todos os outros que, diante dessa afirmação, pudessem ficar inclinados a se vangloriar de sua falta de obras, desculpando assim o pecado, uma advertência lhes chega com igual força: a incircuncisão não representa nada. “Em Cristo Jesus [...] nem incircuncisão [tem] valor algum”. A afirmação, em seu contexto, queria simplesmente dizer que a ausência de obras não representa nada e que em Cristo Jesus a ausência de obras não tem valor algum.

Então, as obras não representam nada, e a ausência de obras não representa nada. Em Cristo Jesus nem as obras, nem a falta de obras têm valor algum.

Essa palavra do Senhor, portanto, terminantemente e para sempre exclui ambas as classes de todo mérito e de todo fundamento meritório nelas próprias ou em qualquer coisa que possam ter ou não ter feito.

E isso tudo é tão verdadeiro hoje quanto sempre o foi. Hoje, quer alguém esteja fora de Cristo ou em Cristo, nem as obras, nem a ausência delas têm algum valor. Pois está escrito:

“Estão vocês em Cristo? Não, se vocês não se reconhecerem como errantes, desajudados, condenados pecadores. [...] Sua origem, reputação, riqueza, seus talentos, virtudes, piedade, filantropia, ou qualquer outra coisa que seja sua ou relacionada com vocês, não formarão um laço de união entre sua alma e Cristo” (Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 48, 49).

O que dizer então? Encontramo-nos todos num completo vazio? Não, não! Graças ao Senhor porque existe *algo* que tem valor para todos, e tem valor para sempre. Embora seja uma verdade eterna que “em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum”, ou seja, nem obras, ou a ausência delas têm valor algum, também é verdade eterna que “em Cristo Jesus [...] a fé que atua pelo amor” certamente tem valor.

Observe que não é a fé e as obras que têm valor; é a “fé que ATUA”. Trata-se da fé que, *em si mesma*, é capaz de operar e de operar com efi-

cácia. Esta é a fé, e somente esta, que tem valor para qualquer pessoa em qualquer lugar e em qualquer tempo.

A fé provém somente de Deus e é operante. Ela opera apenas as obras de Deus. Logo, aquele que em Cristo Jesus possui a “fé *que opera*” (ARC) tem algo que tem valor e eficácia para revelar Deus manifesto na carne, operando as obras de Deus. Assim, “a *obra* de Deus é esta: que *creiais* Naquele que por Ele foi enviado” (Jo 6:29).

Dessa forma, enquanto vocês estiverem em Cristo, “se há qualquer bem em vocês, deve ser atribuído inteiramente à misericórdia do compassivo Salvador. [...] Sua ligação com a igreja e o modo como os irmãos os considerem não terão qualquer valor a menos que creiam em Cristo. Não basta crer *a respeito* Dele; vocês precisam crer *Nele*. Têm de confiar inteiramente em Sua graça salvadora” (*Ibid.*).

“Você tem fé? (Rm 14:22, KJV). Vamos ter a fé de Deus. Aqui estão os que guardam “a fé de Jesus” (Ap 14:12, KJV).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 28 de março de 1899

---



## LIBERTAÇÃO

“Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne” (Gl 5:16). Que promessa bendita! Além de ser bendita, ela se aplica a todo aquele que crê.

Pense sobre a concupiscência da carne. Como ela permeia tudo nesta vida! Quão opressivo é o seu domínio! Quão sombria é a escravidão na qual ela prende o ser humano.

Todos já passaram por essa experiência: ansiar fazer o bem que deseja, mas fazer apenas o mal que odeia; sentir vontade de ter um comportamento melhor, sem saber, no entanto, como colocá-lo em prática; ter

prazer na lei de Deus, segundo o homem interior, mas ver nos seus membros outra lei guerreando contra a lei da sua mente e o fazendo prisioneiro da lei do pecado que está nos seus membros. “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7:14-24).

Graças ao Senhor que existe libertação. Ela se encontra em Cristo Jesus e no Espírito de nosso Deus. (cf. Rm 7:25; 8:1-2). E a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus, tendo nos livrado da lei do pecado e da morte, nos diz então: “Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne”. Não existe somente libertação do cativo da corrupção; há também a gloriosa liberdade dos filhos de Deus reservada para cada alma que recebe o Espírito e anda no Espírito.

“Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne.”

Observe a lista das obras da concupiscência da carne: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas (Gl 5:19-21). Vocês não satisfarão a nenhuma dessas coisas, vocês terão vitória sobre tudo isso, quando andarem no Espírito. Esta é a fiel palavra de Deus.

Não temos diante de nós uma perspectiva muito desejável? Não vale a pena ter algo assim? Se para termos isso basta pedir e receber, não vale a pena pedir e receber essa libertação?

Aceitem a libertação que Cristo operou em seu favor. Permaneçam “firmes na liberdade com que Cristo nos libertou” (Gl 5:1, ARC).

“Pedi, e dar-se-vos-á [...]. Pois todo o que pede recebe” (Mt 7:7-8). “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20:22). “Enchei-vos do Espírito” (Ef 5:18), sim, “andai no” “Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4:30).



# POR NOSSA CAUSA TAMBÉM



**E. J. WAGGONER**

O quarto capítulo de Romanos é um dos mais ricos da Bíblia em esperança e coragem para o cristão. Em Abraão temos um exemplo de justiça pela fé, e é colocada diante de nós a promessa da maravilhosa herança para aqueles que possuem a fé de Abraão. Essa promessa não é limitada. A bênção de Abraão se estende tanto a gentios quanto a judeus. Ninguém é tão pobre que não possa ter parte nela, pois ela “provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência” (Rm:16).

A última parte do verso 17 é digna de atenção especial. Ela contém o segredo da possibilidade de nosso sucesso na vida cristã. Lemos ali que Abraão creu em “Deus, o qual vivifica os mortos e chama as coisas que não são como se já fossem”. Isso ressalta o poder de Deus e coloca em evidência Seu poder criativo. Deus pode chamar as coisas que não são como se já fossem, ou já existissem. Se um homem fizesse isso, o que você pensaria dele? Está contando uma mentira. Se um homem dissesse que algo existe, quando de fato não existe, estaria dizendo uma mentira. Mas Deus não pode mentir. Logo, quando Deus chama as coisas que não são como se já fossem, é evidente que essa ação divina faz com que tais coisas passem a existir. Em outras palavras, elas vêm à existência por meio de Sua palavra. Todos já ouvimos, como ilustração de confiança, a afirmação da criança que disse: “Se a mamãe diz que é assim, então é assim, mesmo que não seja”. O mesmo acontece com Deus. Antes do tempo mencio-

nado como “no princípio”, havia uma monótona imensidão de absoluta inexistência. Deus falou, e instantaneamente mundos vieram à existência. “Os céus por Sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de Sua boca, o exército deles. [...] Pois Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:6-9). É este o poder colocado em evidência em Romanos 4:17. Vamos continuar a leitura a fim de percebermos a força dessa linguagem nesse contexto. Ainda falando de Abraão, o apóstolo diz:

“Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe fora dito: Assim será a tua descendência. E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada do ventre de Sara, não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que Ele era poderoso para cumprir o que prometera. Pelo que isso lhe foi imputado para justiça” (Rm 4:18-22).

Aprendemos aqui que a fé de Abraão em Deus, como Aquele que poderia trazer coisas à existência por Sua palavra, foi exercitada ao ele crer na capacidade de Deus em criar justiça numa pessoa destituída dela. Aqueles que analisam o teste da fé de Abraão como se tratasse apenas do nascimento de Isaque deixam de perceber todo o propósito e beleza do registro sagrado. Isaque era apenas o meio pelo qual o descendente viria à existência, e esse descendente era Cristo (ver Gl 3:16). Quando Deus disse a Abraão que todas as nações da Terra seriam abençoadas por meio de sua descendência, Ele estava pregando o evangelho a Abraão (Gl 3:8). Portanto, a fé de Abraão na promessa de Deus representou uma fé explícita em Cristo como o Salvador dos pecadores. Essa foi a fé que lhe foi imputada para justiça.

Observe agora a força dessa fé. Seu corpo já estava praticamente amortecido devido à idade, e Sara estava em condição semelhante. O nascimento de Isaque por meio desse casal não era mais provável do que restituir a vida a um morto. Esse evento era um símbolo do poder de Deus de vivificar para uma vida espiritual os que estão mortos em delitos e pe-

cados. Abraão esperou contra a esperança. Não havia nenhuma possibilidade humana de que a promessa se cumprisse. Tudo conspirava contra isso, mas sua fé se apegou à imutável palavra de Deus e nela descansou. Ele creu em Seu poder de criar e vivificar. “Pelo que isso lhe foi imputado para justiça”. Observe agora o propósito final de tudo isso:

“E não somente por causa dele está escrito que lhe foi imputado, mas também por nossa causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos Naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4:23-25).

Assim, a fé de Abraão era a mesma fé que precisa ser a nossa, e era posta sobre o mesmo objeto. O fato de que é pela fé na morte e ressurreição de Cristo que temos a mesma justiça imputada a nós que foi imputada a Abraão, revela que a fé de Abraão era igualmente na morte e ressurreição de Cristo. Todas as promessas de Deus a Abraão eram destinadas tanto para nós quanto para ele. Com efeito, é-nos dito em certo lugar que elas eram especialmente para nosso benefício.

“Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por Si mesmo”. “Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do Seu propósito, Se interpôs com juramento, para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta” (Hb 6:13, 17, 18).

Nossa esperança, portanto, repousa sobre a promessa e o juramento de Deus para Abraão, pois essa promessa a Abraão, confirmada mediante juramento, contém todas as bênçãos que Deus pode conceder ao ser humano.

Mas vamos tornar esse assunto um pouco mais pessoal antes de encerrá-lo. Alma tremente, não diga que seus pecados são tantos e que você é tão fraca que não existe esperança para você. Cristo veio para salvar o perdido; e Ele pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus. Você é fraca, mas Ele diz: “O Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12:9, ARC). E o registro sagrado nos fala daqueles que “da fraqueza tiraram força” (Hb 11:34). Isso significa que Deus tomou a própria fraqueza deles e a transformou em força. Ao fazer isso, Ele demonstra Seu poder. Esse é o meio pelo qual Ele opera:

“Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante Ele” (1Co 1:27-29, ARC).

Tenha a simples fé de Abraão. Como ele alcançou a justiça? Não foi por levar em conta o amortecimento e impotência de seu próprio corpo, mas, sim, por se mostrar disposto a conceder toda a glória a Deus e por ter forte fé que Deus poderia trazer à existência todas as coisas a partir daquilo que não existia. Você, portanto, da mesma forma, não leve em conta a fraqueza de seu próprio corpo, mas o poder e a graça de nosso Senhor; e esteja certo de que a mesma palavra capaz de criar um universo e ressuscitar os mortos pode também criar em você um coração puro e vivificar você para Deus. Assim você será um filho ou filha de Abraão; melhor ainda, um filho de Deus pela fé em Cristo Jesus.

*Signs of the Times*, 13 de outubro de 1890

# CRIAÇÃO OU EVOLUÇÃO?



A. T. JONES

Falarei nesta tarde sobre o assunto da evolução. Quero que prestem muita atenção e descubram por vocês mesmos se vocês são ou não evolucionistas. Antes de tudo, lerei para vocês o que significa evolução. Em seguida, ao discutirmos o assunto, vocês poderão concluir se são evolucionistas ou não. Estas declarações são todas extraídas de um tratado sobre a evolução, escrito por um dos principais evolucionistas; portanto, no que diz respeito a definições, são todas corretas.

“Evolução é a teoria que representa o curso do mundo como uma transição gradual do indeterminado para o determinado, do uniforme para o variado, e que aceita que a causa desses processos se encontram imanentes no próprio mundo que deve ser assim transformado.”

“Evolução é, dessa forma, quase sinônimo de progresso. É uma transição do inferior para o superior, do pior para o melhor. Assim, o progresso aponta a um aumento do valor na existência, segundo o julgamento de nossos sentimentos.”

Observem agora os pontos específicos nessas três frases: a evolução representa o curso do mundo como uma transição gradual do inferior para o superior, do pior para o melhor; e aceita que esse processo se encontra imanente no próprio mundo que deve ser assim transformado. Em outras palavras, as coisas melhoram por si mesmas; e a causa para essa melhoria está *em si mesmas*. E esse progresso assinala “um aumento do valor na existência, segundo o julgamento de nossos sentimentos”. Isso

significa que você sabe que você está melhor porque está se sentindo melhor. Você sabe que está havendo progresso porque você sente isso. Seus sentimentos regulam o seu posicionamento. O conhecimento que você tem de seus sentimentos regulam o seu progresso do pior para o melhor.

Agora, nessa questão de progresso do pior para o melhor, será que os *seus* sentimentos têm alguma coisa a ver com isso? Se sim, o que você é? Todos aqui hoje nesta tarde que medem seu progresso, o valor de sua experiência, pelos *sentimentos* são evolucionistas. Não me importa se a pessoa já é adventista do sétimo dia há 40 anos, ela é evolucionista da mesma forma. E todo o cristianismo dela, toda sua religião, não passa de uma profissão de fé sem os fatos, ou de uma forma de piedade sem a presença do poder.

Vou ler agora o significado de evolução de outra forma, de modo que vocês possam ver que se trata de infidelidade. Então, se você descobrir que é evolucionista, saberá de imediato que é um infiel: “A hipótese da evolução tem como objetivo responder a uma série de perguntas relacionadas com o *princípio, ou a gênese, das coisas*”. Ela “ajuda a restaurar o antigo pensamento que vê a natureza como nossa ancestral *e a fonte de nossa vida*”.

Um dos ramos desse tipo de ciência, que mais contribuiu para o estabelecimento da doutrina da evolução, é a nova ciência da geologia, a qual instituiu o conceito de períodos de tempo vastos e inimagináveis na história passada de nosso globo. Esses períodos vastos e inimagináveis, conforme afirma um dos principais escritores sobre o assunto – na verdade o próprio autor do conceito –, “constituem a base para a compreensão da origem do homem” no processo de evolução. Assim, segundo essa visão, o progresso que já ocorreu só foi possível graças a eras incontáveis. Contudo, tal progresso não ocorreu de forma fixa e regular desde seu início até a presente condição. Tudo se passou em meio a altos e baixos. Houve muitos momentos de grande beleza e simetria; então surgia um cataclismo ou alguma erupção e tudo se esfacelava, por assim dizer. O processo, então, recomeçava a partir daquele ponto para novos desenvolvimentos. Esse processo teria

se repetido muitas e muitas vezes; e esse é o processo da evolução, ou seja, a transição do inferior para o superior, do pior para o melhor.

Pergunto: qual tem sido o processo do *seu* progresso do pior para o melhor? Será que ele tem acontecido em meio a muitos “altos e baixos”? Será que a sua aquisição do poder para fazer o bem – as boas obras divinas – tem ocorrido por meio de um longo processo de altos e baixos, desde o momento de sua primeira profissão do cristianismo até o momento? Já aconteceu de você ter feito um progresso aparentemente extraordinário, como se tudo estivesse indo muito bem, dentro dos conformes, e de repente, sem aviso prévio, lhe sobrevém um cataclismo, uma erupção, e tudo cai por terra? No entanto, apesar dos altos e baixos, você inicia outro esforço. Assim, por meio desse novo processo, de longa duração, você chega ao ponto em que se encontra hoje; e “olhando em retrospectiva” para tudo que aconteceu, você pode observar algum progresso, segundo você *pensa*, segundo *o julgamento dos seus sentimentos*. Essa tem sido a sua experiência? É assim que *você* tem feito progresso?

Em outras palavras, você é um evolucionista? Não se esquive do fato. Confesse a pura verdade, pois minha intenção é tirar você do evolucionismo nesta tarde. Há uma maneira para se livrar dele; e todo aquele que chegou aqui neste recinto como evolucionista poderá sair como cristão. Então, se você, à medida que estou descrevendo um evolucionista de modo tão claro, perceber que estou falando de você, reconheça o fato, admita que a definição se aplica a você mesmo, e então siga os passos que Deus lhe dará para que você possa se livrar dessa condição. Mas me permita lhe dizer com honestidade que, se a descrição que fiz se aplica a sua experiência, se esse tem sido o tipo de progresso na sua vida cristã, você é, então, um evolucionista, quer você admita ou não. O melhor caminho, contudo, é admitir o fato, abandoná-lo e ser um cristão.

Outra fase do assunto em questão: “A evolução, em seus postulados, concebe a matéria como eterna”. E, “ao admitir” isso, “a noção de *criação* é eliminada das zonas de existência às quais o conceito é aplicado”. Então,

se você procura em si mesmo o princípio que vai lhe garantir o progresso que deve ocorrer em você, para lhe dar entrada certa no reino de Deus; se você pensa que tal princípio se encontra imanente em você, e que, se você conseguir colocá-lo em funcionamento adequado, fazendo a devida supervisão assim que for posto em operação, tudo vai se sair bem; se é essa sua expectativa quanto a seu progresso, se é assim que você o observa e avalia, então você é um evolucionista. Vou ler mais sobre o que significa a evolução: “Está claro que a doutrina da evolução é definitivamente antagônica à da criação. [...] O conceito da evolução, conforme aplicado à formação do mundo como um todo, está em contradição com a ideia de uma vontade criativa direta”.

Em outras palavras: a evolução, conforme a definição dos que a idealizaram, postula que o mundo, e tudo o que nele há, veio à existência por si mesmo, e que o princípio que o trouxe à condição atual é imanente em si mesmo, sendo adequado para produzir tudo que existe. Considerando essa definição em sua essência, pode-se afirmar que “a evolução é definitivamente antagônica à criação”.

Agora, vamos tratar da questão do mundo e tudo o que nele há. Vocês não creem que ele surgiu por si mesmo. Você sabe que você não é um evolucionista nesse sentido, pois você crê que Deus criou todas as coisas. Todos aqui nesta tarde diriam que creem que Deus *criou* todas as coisas – o mundo e tudo o que nele há. A evolução não reconhece isso; ela não abre nenhum espaço para a criação.

Há, no entanto, outra fase da evolução que professa não ser de modo algum contrária à criação. As pessoas que desenvolveram a teoria da evolução, cujas definições já li, não tinham a pretensão de ser nada além de infieis – homens sem fé –, pois um infiel é simplesmente alguém sem fé. Uma pessoa pode até pretender ter fé, mas se não a tem de fato, ela é infiel. Naturalmente a palavra “infel” tem, atualmente, um uso mais restrito do que esse. Os homens que desenvolveram esses conceitos sobre evolução, que acabei de apresentar, pertenciam a essa classe de pessoas; mas quan-

do eles divulgaram esse tipo de doutrina, havia um grande número de pessoas que professavam ser cristãs, que professavam ser homens de fé, que professavam crer na Palavra de Deus, a qual ensina a criação. Esses homens, destituídos de um conhecimento pessoal das Escrituras e da convicção de que elas são a Palavra de Deus, tendo uma fé que não passa de mera forma de fé sem o poder, sim, esses homens, encantados com esses conceitos recém chegados, e desejosos de ser populares diante da nova ciência, apesar de não terem a intenção de abandonar completamente a Palavra de Deus e os caminhos da fé, não estavam dispostos a afirmar que podiam sobreviver sem Deus, sem algum tipo de criação. Dessa forma, desenvolveram um tipo de evolução que inclui a pessoa do Criador. Essa fase da evolução é chamada evolução teísta, ou seja, *Deus iniciou o processo*, não importa quando foi, e desde então tudo prosseguiu sozinho. Ele deu o início ao processo, o qual, em seguida, foi capaz de prosseguir por si só até realizar tudo o que foi feito. Tal postura, contudo, não passa de um paliativo, um artifício para manter as aparências; e os verdadeiros evolucionistas claramente reconhecem que se trata apenas de “uma fase de transição da hipótese criacionista para a evolucionista”. Tudo isso não passa de evolução, pois não há meio-termo entre criação e evolução.

Quer *você* seja um desses ou não, há muitos nesse grupo, mesmo entre os adventistas do sétimo dia – embora não haja agora tantos quanto havia, graças a Deus! – que creem que devemos deixar Deus fazer Sua obra de perdão de nossos pecados e nos *iniciar*, dessa forma, no caminho direito; mas depois disso, cabe a nós operar *nossa própria* salvação com temor e tremor. Em harmonia com essa visão, eles de fato temem e tremem, o tempo todo, mas não operam salvação nenhuma, visto não terem Deus constantemente operando *neles* “tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade” (Fl 2:12-13).

Em Hebreus 11:3 está registrado que é pela fé que entendemos que o universo foi *formado* – estruturado, colocado em ordem, construído – “*pela palavra de Deus*, de maneira que o visível veio a existir das coisas

que não aparecem”. A terra que temos não foi feita a partir de rochas; os homens não foram feitos a partir de macacos, ou qualquer outro símio, ou do “elo perdido”; símios e macacos e seu “elo perdido” não foram feitos a partir de girinos, e os girinos não foram feitos a partir do protoplasma original bem lá no princípio. Não! “Os mundos, *pela palavra de Deus*, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hb 11:3, ARC).

Agora, por que é que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente? Simplesmente porque as coisas de que os mundos foram feitos não apareciam. E a razão por que essas coisas não apareciam é porque elas *não existiam* absolutamente. Os mundos foram criados pela palavra de Deus, e a palavra de Deus tem aquela qualidade ou aquela propriedade que faz com que ela, ao ser pronunciada, não apenas cause a existência da *coisa* planejada, mas cause a existência da matéria a partir da qual a coisa planejada é feita e que constitui a essência dela.

Vocês conhecem a passagem bíblica que diz que “os céus por Sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de Sua boca, o exército deles. [...] Pois Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:6-9). Diante disso, quero lhes fazer uma pergunta: Depois de quanto tempo, após Deus falar, a coisa planejada passou a existir? [Voz: “Nenhum tempo”]. Não foi uma semana? Não. Não foram seis longos períodos de tempo? Não. A evolução que reconhece um Criador afirma que eras incontáveis, ou “seis longos e indefinidos períodos de tempo” se passaram, *depois de Deus ter falado*, para a formação das coisas que se veem. Mas isso é evolução, não criação. A evolução ocorre por longos processos. A criação acontece pela palavra falada.

Depois que Deus, ao falar a palavra, criou os mundos, Ele disse o seguinte em relação ao nosso: “Haja luz”. Agora, quanto tempo se passou entre as palavras “Haja luz” e o momento em que a luz apareceu? Quero que vocês entendam bem esse assunto para que vocês descubram se vocês são evolucionistas ou criacionistas. Deixem-me fazer a pergunta

novamente. Não houve seis longos períodos de tempo entre o momento em que a palavra foi falada e a realização do fato? Vocês afirmam que não. Não se passou uma semana? Não. Nem um dia? Não. Nem uma hora? Não. Nem um minuto? Não. Nem mesmo um segundo? Certamente não. Não houve um segundo sequer entre o momento em que Deus disse “Haja luz” e a existência da luz. [Voz: “Assim que a palavra foi falada, a luz passou a existir”]. Sim, foi assim que aconteceu. Estou discutindo esse ponto exaustivamente assim para que o assunto fique bem fixo na mente de vocês e por medo de que vocês se esqueçam dele daqui a pouco quando eu fizer outras perguntas. Então, ficou claro que quando Deus disse “Haja luz”, não se passou nem um segundo de tempo entre essa declaração e o aparecimento da luz? [Voz: “Sim”]. Muito bem. Então a pessoa que permite que haja qualquer espaço de tempo entre a fala de Deus e o aparecimento das coisas, essa pessoa é evolucionista. Se a pessoa faz com que esse espaço de tempo se transforme em eras e mais eras incontáveis, ela só é evolucionista em grau maior do que a que pensa que o tempo decorrido foi um dia. É evolucionista da mesma forma, só que num grau maior.

Em seguida Deus disse: “Haja firmamento”. E o que aconteceu? Assim se fez. Então, a partir do momento em que Deus disse “Haja firmamento [...] e separação entre águas e águas”, quanto tempo se passou até que o firmamento existisse? Ele apareceu instantaneamente? Sim. Então, a pessoa que crê que houve um longo e indefinido período de tempo entre a fala de Deus e a existência do fato, essa pessoa é o quê? Ela é evolucionista. Se ela aceitar que houve um dia, ou uma hora, ou um minuto entre o pronunciamento da palavra e a existência da coisa planejada, essa pessoa não admite a criação.

Quando Deus disse: “Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca”; e também quando disse: “Produza a terra relva, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem fruto”, “assim se fez”. Deus então colocou nos céus dois grandes luzeiros e fez também as estrelas, e quando Ele disse a palavra, assim se fez. Ele disse: “Povoem-

-se as águas de enxames de seres viventes; e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus”, e assim se fez. Quando Deus disse: “Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie”, assim se fez. Quando Ele falou, sempre assim se fez. Isso é criação.

Vocês percebem, então, que é perfeitamente lógico e muito razoável também que o evolucionista coloque de lado a palavra de Deus e não tenha fé nela, pois a evolução é antagônica à criação. Se digo que a evolução é antagônica à palavra de Deus e a criação é pela palavra de Deus, concluímos que a evolução é antagônica à palavra de Deus. Naturalmente, o evolucionista consistente, genuíno e original não dá espaço algum para a palavra de Deus. Podemos dizer também que não há lugar para a palavra de Deus por parte dos meio-evolucionistas, ou seja, aqueles que querem levar em conta a criação e a palavra de Deus como o início das coisas. Mas o longo e indefinido tempo exigido, as eras indefinidas para que a evolução realize alguma coisa, tudo isso lança por terra a criação.

O evolucionista genuíno reconhece que a criação deve ser imediata, mas ele não crê em ação imediata; portanto, não crê na criação. Não se esqueça que a criação é imediata; caso contrário não se trata de criação. Se não for imediata, é evolução. Voltando ao tema da criação no princípio, quando Deus fala, há em Sua palavra a energia criativa para produzir a coisa pronunciada pela palavra. Isso é criação; e essa palavra é mesma ontem, hoje e eternamente. Ela vive e permanece para sempre. Ela tem em si a vida eterna. A palavra de Deus é uma coisa viva. A vida que está nela é a vida de Deus – vida eterna. Portanto, ela é a palavra da vida eterna, como disse o Senhor Jesus; e por ter essa característica essencial, ela permanece para sempre. Ela para sempre é a palavra de Deus. Para sempre possui em si energia criativa.

Assim, quando Jesus estava aqui, Ele disse: “As palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida” (Jo 6:63). As palavras que Jesus falou são as palavras de Deus. Elas estão imbuídas da vida de Deus. Elas são

vida eterna, elas permanecem para sempre, e nelas se encontra a energia criativa para produzir a coisa falada.

Isso está ilustrado em muitos incidentes na vida de Cristo, conforme narrados no Novo Testamento. Não é necessário citar todos, mas vou mencionar um ou dois para que vocês entendam o princípio. Vocês se lembram da ocasião em que, depois de concluir o sermão do monte, Jesus desceu e se encontrou com um centurião. O centurião disse: “Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, parálítico, sofrendo horrivelmente. Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. [...] Ouvindo isto, admirou-Se Jesus e disse aos que O seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta” (Mt 8:6-10).

Israel tinha a Bíblia. Eles conheciam a palavra de Deus. Eles se gabavam de ser o povo do Livro, o povo de Deus; eles o liam, e assim pregavam sobre a palavra de Deus: “[Ela] fará o que Me apraz” (Is 55:11). Eles diziam o seguinte quando liam essa palavra: “Tudo bem, a coisa precisa ser feita. Estamos vendo a necessidade e vamos agir. Vamos fazer o que a palavra diz”. Então eles faziam o melhor deles para cumpri-la. Demorava muito tempo, na verdade tanto tempo, que eles *nunca* chegavam a cumpri-la. A prática efetiva da palavra estava tão distante que os mais destacados entre eles eram levados a exclamar: “Se ao menos uma pessoa pudesse por um dia apenas guardar toda a lei e não pecar em um ponto sequer; ou ainda, se uma pessoa ao menos pudesse guardar aquele ponto específico da lei tocante à devida observância do sábado, então os infelizes de Israel chegariam ao fim, e o Messias finalmente viria”. Então, embora começassem a fazer o que a palavra dizia, eles levavam tanto tempo para cumpri-la que não a cumpriam de fato. O que eram eles?

Havia a palavra de Deus que dizia: “[Ela] fará o que Me apraz”. Assim foi dito a respeito do poder criativo. E embora eles professassem reconhecer a energia criativa da palavra de Deus, não levaram isso em conta na própria vida, e disseram: *Nós* faremos. Eles olharam para si mes-

mos em busca do processo que os conduziria ao ponto em que a palavra e eles próprios entrariam em harmonia. O que eles eram? Vocês estão com medo de dizer, receando que a classificação se aplica a vocês? Não tenham medo de dizer que eles eram evolucionistas, pois é isso o que eles eram, e isso é o que muitos de vocês são. O curso de ação deles era antagônico à criação. Não havia nada de criação no pensamento deles. Eles não haviam se tornado novas criaturas. Nenhuma vida nova havia se formado dentro deles. A obra não havia sido realizada pelo poder de Deus; tudo era de autoria deles mesmos. E eles estavam tão distantes da crença na criação que rejeitaram o Criador e O crucificaram na intenção de tirá-Lo do mundo. É isso o que a evolução sempre faz. Não se esqueçam de que “a evolução é definitivamente antagônica à criação”.

Essas eram as pessoas para as quais Jesus olhou quando declarou a respeito da fé em Israel. Ali estava um homem romano que havia crescido entre os judeus que desprezavam os ensinamentos de Jesus. Aquele centurião havia estado nos mesmos lugares onde Jesus estivera. Havia visto Jesus falar, ouvido Suas palavras e percebido o efeito delas, até concluir que: “O que quer que esse homem fala, acontece! Quando Ele diz algo, isso acontece. Agora vou fazer uso disso”. Então ele foi até Jesus e disse o que está escrito. Jesus sabia perfeitamente bem que o homem tinha em mente o poder de Sua palavra, crendo que ela realizaria o que fosse dito. Então Ele respondeu: “Muito bem, irei curar o seu servo”. “Oh, não, o senhor não precisa *vir*”. Vocês percebem que esse homem estava testando a questão para ver se havia ou não poder na palavra. Por isso ele disse: “Apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado” (Mt 8:8). Jesus respondeu: “Como creste te *seja* feito” (v. 13, ARC). Quanto tempo se passou até o servo ser curado? Vinte anos? Não. Será que ele teve que passar por muitos altos e baixos antes de ficar completamente curado? Honestamente, foi isso que aconteceu? Não, não! Quando a palavra foi falada, a palavra fez a obra que foi pronunciada, e a fez *imediatamente*.

Outro dia, Jesus estava caminhando e um leproso, a certa distância, O viu e O reconheceu. Este leproso, também, havia assimilado a bendita verdade da energia criativa da palavra de Deus. Ele disse a Jesus: “Se quiseres, podes purificar-me”. Jesus parou e disse: “Quero, fica limpo!” Não temos a permissão de inserir um momento sequer entre a elocução da palavra e realização da ação: “No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo” (Mc 1:40-42).

Vocês já sabem que a palavra de Deus no princípio da criação tinha em si a energia criativa para produzir a ação pronunciada pela palavra. Vocês percebem, então, que, quando Jesus veio ao mundo para mostrar às pessoas o caminho da vida, para salvá-las de seus pecados, Ele demonstrou, repetidas vezes, em toda e qualquer parte, para as pessoas e para todos os tempos que a mesma palavra de Deus tem ainda em si aquela mesma energia criativa, de maneira que, ao ser ela falada, a energia criativa está lá para produzir a ação.

Agora, você é evolucionista ou criacionista? Essa palavra fala a vocês. Vocês a leram, vocês professam crer nela. Vocês creem na criação, ao contrário dos outros evolucionistas. Estão vocês dispostos a crer na criação, renunciado conceitos contrários a ela? Estão vocês dispostos a permanecer hoje na plataforma onde nada se interporá entre vocês e a energia criativa dessa palavra – nenhum período de tempo sequer?

Jesus disse a certa pessoa: “Perdoados são os teus pecados” (Lc 7:48). Quanto tempo se passou até que isso se cumprisse? Não houve nenhuma extensão de tempo entre a palavra “perdoados” e a concretização do fato. Essa mesma palavra, “Perdoados são os teus pecados”, é pronunciada para você hoje. Por que permitir que qualquer tempo passe entre essa palavra, que é pronunciada em seu favor, e a concretização do fato? Vocês disseram há pouco que qualquer pessoa que permite um intervalo de um minuto, ou mesmo um segundo, entre a elocução da palavra e a realização do fato é evolucionista. Muito bem. É isso mesmo. Apeguem-se a isso. Agora quero lhes perguntar: Por que acontece que, quando Ele lhes declara perdão,

vocês permitem que se passem dias antes que o perdão chegue até vocês, antes que a ação se torne uma verdade em vocês? Vocês disseram que o outro indivíduo é evolucionista. E vocês? Quero saber o que vocês são. Vocês deixarão de ser evolucionistas e se tornarão criacionistas?

Este dia será de importância especial para muitos aqui, pois este é o momento em que muitos decidirão esta questão de uma maneira ou de outra. Se você sair deste recinto um evolucionista, você está em perigo. Trata-se, neste momento, de uma questão de vida ou morte para vocês. Vocês disseram que o evolucionismo significa infidelidade, e é isso mesmo. Logo, se você deixar este lugar como evolucionista, em que plataforma você estará firmado? Qual é a sua escolha? Se você sair deste lugar sem o perdão dos pecados, você é evolucionista, porque você estará permitindo que haja um intervalo de tempo entre a elocução da palavra e a concretização do fato.

Com base no que li, vocês percebem que qualquer pessoa que permite um intervalo de tempo entre a palavra falada e a concretização da ação é evolucionista. A palavra de Deus para você é: Homem, “perdoados são os teus pecados”. Mulher, “perdoados são os teus pecados” [Pastor Corliss: O texto não diz: “perdoados serão os teus pecados”?]. Não, senhor. “Perdoados *são* os teus pecados” – presente do indicativo. “Perdoados *são* os teus pecados”. Agradeço a Deus que seja assim, pois a energia criativa se encontra nessa palavra “perdoados”, capaz de tirar todo pecado e fazer do homem uma nova criatura. Eu creio na criação. E você? Você crê na energia criativa que se encontra na palavra “perdoados” pronunciada em seu favor? Ou você é um evolucionista e diz: “Não posso ver como isso pode ser, porque eu sou tão mal? Tenho tentado fazer o que é correto, mas tenho tido muitos fracassos. Passei por muitos altos e baixos, mais por baixos do que por altos.” Se é isso o que você diz, você é evolucionista, pois isso é evolução.

Muitas pessoas têm ansiado intensamente por um coração puro. Elas dizem: “Eu creio no perdão dos pecados, e tudo o mais, e aceitaria tudo isso se estivesse certo de que poderia resistir, mas há tanto mal no

meu coração e tantas coisas para vencer que não tenho nenhuma confiança”. Mas temos diante de nós a palavra: “*Cria* em mim, ó Deus, um coração puro” (Sl 51:10). Um coração puro vem por meio da *criação* e por nenhum outro meio; e essa criação é produzida pela palavra de Deus. Pois Ele diz: “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo” (Ez 36:26). Você é agora um criacionista ou você é um evolucionista? Você sairá deste recinto com um coração mal ou com um novo coração criado pela palavra de Deus, que tem em si a energia criativa de produzir um novo coração? Ela fala para você um novo coração. Para cada pessoa ela fala exatamente dessa forma; se você permitir que haja um intervalo de tempo entre a elocução da palavra e o novo coração, você é um evolucionista. Quando você permite que haja qualquer intervalo de tempo entre a palavra falada e o cumprimento da ação, então você é um evolucionista.

Há pessoas neste lugar que dizem: “Sim, eu quero isso. Eu vou ter isso. Eu creio que a palavra vai realizar isso”. Contudo, elas têm estendido o tempo até a próxima reunião e continuam a agir assim por muitos anos; por isso, elas nada mais são do que evolucionistas. “Enquanto muitos estão indecisos sobre o mistério da fé e da piedade, eles já poderiam ter resolvido o assunto ao proclamarem [falarem amplamente, propagarem por meio da palavra]: ‘Eu sei que Jesus Cristo é minha porção para sempre’”. O poder que produz isso está na palavra de Deus; e quando isso é aceito, a energia criativa está lá, produzindo a ação falada. Então você pode resolver toda a questão relacionada com o mistério da fé e da piedade ao proclamar que você sabe que Cristo é sua porção para sempre.

Há um mistério em como Deus pode Se manifestar numa carne tão pecaminosa quanto a de vocês. Mas prestem atenção, a questão não é sobre o *mistério*; a questão é: existe a *criação*? Existe um Criador que pode *criar* em você um coração puro? Ou tudo não passa de evolução? Neste momento, e entre os adventistas do sétimo dia, a questão a partir de hoje até o fim deste mundo deve ser: Você crê no Criador? E quando você crê no Criador, como é que Ele cria? É claro que você responde: É

pela palavra de Deus. Muito bem. Pergunto agora: Deus cria coisas para você mediante Sua palavra? Você é um criacionista aos olhos de outros evolucionistas, e, de repente, se torna um evolucionista aos olhos de outros criacionistas? Como pode ser isso?

Outro ponto. A palavra diz: “Purificai-vos” (Is 52:11). Ele disse lá no princípio: “Haja luz; e houve luz”. Ele disse ao leproso: “Fica limpo!”, e “no mesmo instante” ele ficou limpo. Ele diz agora para você: “Fica limpo!”, e qual deve ser sua reação? O que cada um de vocês deve dizer? [Voz: “Assim seja feito”]. Então, pelo amor da alma de vocês, repousem sobre essa palavra que tem o poder criador. Reconheçam a energia criativa na palavra de Deus que chega até você na Bíblia, pois essa palavra de Deus na Bíblia é a mesma aqui para vocês hoje que existiu quando pronunciou no espaço os mundos nas alturas, fez a luz surgir das trevas e purificou o leproso. Essa palavra pronunciada para vocês hoje, se recebida, cria vocês novamente em Cristo Jesus. Essa palavra, falada na imensidão escura e no vazio do seu coração, se recebida, produz ali a luz de Deus. Essa palavra falada hoje a vocês que estão atormentados com a lepra do pecado, se recebida, purifica vocês no mesmo instante. Oh! Permitam que isso aconteça.

Como ficarei limpo? Pelo poder criador daquela palavra: “Fica limpo!” É por isso que está escrito: “Vós *já estais* limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15:3). Você já está? Você será, a partir desse momento, um criacionista? Ou você vai continuar sendo um evolucionista?

Vejam que bênção temos à nossa disposição. Quando você lê a palavra, recebe a palavra e pensa sobre a palavra, o que ela é para você durante todo o tempo? Sim, é criação! A energia criativa de Deus se encontra em você produzindo as coisas que a palavra fala, e você está vivendo na própria presença do poder da criação. A criação está acontecendo na sua vida. Deus está criando em você justiça, santidade, verdade, fidelidade – tudo o que é bom e agradável.

E quando isso for de fato assim, a sua guarda do sábado terá outra dimensão, pois o sábado é um memorial da criação – o sinal de que aque-

le que o guarda conhece o Criador e está familiarizado com o processo da criação. Mas se você for um evolucionista, a sua guarda do sábado é certamente uma fraude.

A menos que você reconheça a palavra de Deus dia após dia como uma energia criativa na sua vida, a sua guarda do sábado é uma fraude, pois o sábado é um memorial da criação. Ele é um “sinal entre Mim e vós, para que [por meio do qual] *saiibais* que Eu sou o SENHOR, vosso Deus”, o Criador de todas as coisas (Ez 20:20).

No segundo capítulo de Efésios, versos 8 a 10, lemos:

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura Dele, *criados* em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.”

Vocês não precisam esperar tirar alguma boa obra de dentro de vocês mesmos. Vocês têm tentado fazer isso. O evolucionista tenta e está sempre *tentando*, sem conseguir realizar a obra. Por que andar por aí tentando operar boas obras se você sabe que o resultado será o fracasso? Escutem. Nunca haverá em vocês alguma coisa boa de qualquer tipo desde agora até o fim do mundo, a menos que ela seja *criada lá* pelo *próprio Criador*, mediante *Sua palavra*, que tem em si a energia criativa. Não se esqueçam disso. Vocês querem andar em boas obras ao saírem deste lugar? Isso só pode acontecer se vocês forem criados em Jesus Cristo para as boas obras. Parem *de tentar*. Olhem para o Criador e recebam Sua palavra criativa. “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo” (Cl 3:16). Então, pelo fato de vocês viverem com o Criador e estarem na presença da energia criativa, vocês terão aquela paz tranquila e agradável, a genuína força e a edificação que pertencem ao cristão.

Quando Ele diz que “somos feitura Dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”, reconheçam, então, o Criador; reconheçam apenas as boas

obras que são *criadas* em vocês e não deem atenção alguma para qualquer boa obra que não for *criada* lá, pois a única coisa boa que existe é aquilo que é criado pelo Senhor.

Vocês são criados novamente em Cristo Jesus. Ele assim o diz. Agradecem a Deus por ser assim. O quê? Será que você vai ser evolucionista nesse verso? Temos aqui o presente do indicativo: “*Somos* feitura Dele”. Somos feitura Dele, criados em Cristo Jesus para boas obras. É esse o seu caso? A palavra está falada. Trata-se da palavra criativa. Que intervalo de tempo você vai permitir que haja entre essa palavra de Deus e você ser criado novamente? Quanto à criação no princípio, vocês disseram que qualquer um que permitir um intervalo de um minuto que seja entre a *palavra* e a *ação* é um evolucionista. O que você é agora com relação a essa palavra de Deus, a qual cria pessoas em Cristo Jesus para boas obras? *Você* é um evolucionista *nesse ponto*? Por favor, vamos todos ser criacionistas.

Vocês não percebem que *dessa forma* não vai ser necessário um processo longo, enfadonho e cansativo para estarmos prontos para o encontro com o Senhor em glória? Há muitas pessoas olhando para si mesmas. Elas reconhecem que, na lógica das coisas, elas terão que passar por um período de tempo excessivamente longo para ficarem completamente prontas para encontrar o Senhor. Se for feito mediante a evolução, *nunca* será feito. Mas quando for feito pela criação, a obra será certa e rapidamente realizada. Aquelas palavras que mencionei aqui devem ser aplicadas a todos nós: “Enquanto muitos estão indecisos sobre o mistério da fé e da piedade, eles já poderiam ter resolvido o assunto ao proclamarem [propagarem por meio da palavra]: ‘Eu sei que Jesus Cristo é minha porção para sempre’”.

Vocês percebem o quanto temos sido evolucionistas? Vamos parar com isso? Por favor, vamos ser criacionistas e encerrar o assunto. Sejamos verdadeiros guardadores do sábado. Vamos crer no Senhor. Ele pronuncia o perdão. Ele pronuncia um coração puro. Ele pronuncia santidade. Ela cria isso. Deixe que Ele crie tudo isso em você. Pare de ser um evolucionista e permita que essa palavra criativa opere em você aquilo que ela

pronuncia; e antes que você deixe este lugar, Deus pode preparar você para se encontrar com Ele. Na verdade, ao fazer isso, você de fato se encontra com Ele. E se você se *encontra* com Ele dessa forma e *verdadeiramente* se encontrar com Ele assim *todos os dias*, então será que você não está pronto para se encontrar com Ele? Você crê nisso? Você acredita que Ele fez os *mundos* quando Ele *falou*, que a *luz* surgiu por Sua palavra quando Ele *falou*, e que o leproso ficou *limpo* “no mesmo instante” em que Ele falou; mas quando diz respeito a *você*, você acha que deve passar um tempo considerável entre o momento em que a palavra é falada e a concretização do fato? Oh, por que ser evolucionista? Criação, *criação*, *esta é a realidade*.

Você e eu devemos convidar as pessoas para a ceia. Devemos dizer às pessoas: “Vinde, porque tudo já está preparado” (Lc 14:17). Como eu posso dizer a uma pessoa que tudo está preparado quando eu mesmo não estou? Para começar, é uma falsidade. Minhas palavras não vão alcançá-la. Não passarão de som vazio. Ah, mas quando existe nesse convite a energia criativa da palavra que nos deixou preparados, que nos purificou do pecado e nos criou para boas obras, que nos sustenta como o Sol é mantido no curso que Deus estabeleceu, então, ao sairmos para dizer ao mundo que jaz na iniquidade: “Vinde, porque tudo já está preparado”, *as pessoas nos ouvirão*. Elas ouvirão no convite os tons da voz do bom Pastor e se animarão a vir até Ele para que elas mesmas tenham a energia criativa, que fará delas novas criaturas e as preparará para a ceia à qual foram convidadas.

Este é o ponto em que nos encontramos na história deste mundo. A marca de Deus está sendo posta sobre as pessoas. Mas lembrem-se de que Ele nunca colocará Sua marca sobre alguém que não esteja purificado de toda contaminação.<sup>1</sup> Deus não colocará Seu selo sobre algo que não é verdadeiro, que não é bom. Vocês pediriam que Ele colocasse Seu

<sup>1</sup> “Agora é o tempo de preparar-nos. O selo de Deus jamais será colocado à testa de um homem ou mulher impuros. Jamais será colocado à testa de um homem ou mulher cobiçosos ou amantes do mundo. Jamais será colocado à testa de homens ou mulheres de língua falsa ou coração enganoso. Todos os que recebem o selo devem ser imaculados diante de Deus — candidatos para o Céu. Pesquisem as Escrituras por vocês mesmos, para que possam compreender a terrível solenidade do tempo presente” (Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 216).

selo sobre uma justiça que é completamente injustiça? Vocês não teriam a coragem de fazer isso. Vocês sabem que Ele é muito justo para fazer tal coisa. Então *Ele* deve purificar vocês a fim de colocar Seu selo sobre a própria obra Dele. Ele não pode colocar Seu selo sobre a obra *de* vocês. O selo Dele pertence apenas a um documento que Ele mesmo aprovou. Permita que Ele escreva Seu caráter sobre o coração de vocês; aí então Ele poderá colocar o selo Dele lá. Ele poderá escrever Seu selo de aprovação *sobre* o coração de vocês somente quando Sua palavra criativa tiver cumprido o propósito dela *dentro* do coração de vocês.

Vocês podem perceber a Presença diante da qual estamos. Vocês podem ver, em certa medida, quanto tempo teríamos que tomar para esgotar a metade de um assunto como esse. Mas, irmãos, quando pararmos, vamos parar na presença da *criação*. Não sejamos mais evolucionistas. Não permitam que haja um momento de tempo entre a palavra de Deus falada *para* vocês e a concretização da ação *em* vocês. Dessa forma, vivendo na presença da criação, andando com o Criador, sustentados por poder criativo, inspirados pela energia criativa – bem, com um povo assim, Deus pode mover o mundo em pouco tempo.

Se no início vocês pensaram que este era um assunto estranho para uma ocasião como hoje [o culto de encerramento da semana de oração], vocês podem ver agora que se trata estritamente da verdade presente. Há apenas dois caminhos. Não há uma via intermediária. Todo homem e mulher neste mundo é ou criacionista ou evolucionista. Evolução significa infidelidade e morte. Criação significa cristianismo e vida. Escolham a criação, o cristianismo e a vida para que possam viver. Sejam apenas criacionistas e criacionistas para sempre. E que todo o povo diga: Amém!

*Advent Review and Sabbath Herald*, 21 de fevereiro de 1899

# FÉ QUE SALVA



E. J. WAGGONER

“**M**as a justiça decorrente da fé assim diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao Céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo; ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos. Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10:6-9).

Podemos aceitar essas palavras, especialmente a declaração no último verso, como literalmente verdadeiras? Não correremos perigo se o fizermos? Não existe algo além da fé necessário para a salvação? Com relação à primeira pergunta, afirmamos: Sim; quanto às duas últimas, respondemos: Não; e temos as Escrituras para confirmar isso. Uma declaração tão direta quanto essa não pode ser outra coisa que literalmente verdadeira, e dela pode o pecador tremente depender.

Se quiserem um exemplo como prova, considerem o caso do carcereiro em Filipos. Paulo e Silas, depois de serem açoitados de forma desumana, foram colocados ao cuidado dele. Apesar das feridas nas costas e das algemas nos pés, eles oravam e cantavam louvores a Deus à meia-noite. De repente um terremoto abalou a prisão, e todas as portas se abriram. Não foi simplesmente o temor natural provocado pela sensação de ver o chão se abrir, nem ainda o pavor da justiça romana, caso os prisioneiros sob sua responsabilidade escapassem, que levaram o carcereiro a tremer,

mas, sim, a impressão de que naquele terremoto havia um presságio do grande julgamento, sobre o qual os apóstolos haviam pregado; e, tremendo sob o peso da culpa, ele prostrou-se diante de Paulo e Silas, dizendo: “Senhores, que devo fazer para que seja salvo?” Observem bem a resposta, pois temos aqui uma alma em angústia extrema, e o que era suficiente para ele deve ser a mensagem para todos os perdidos. Esta foi a resposta de Paulo ao apelo agonizante do carcereiro: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (At 16:30-31). Isso está em plena harmonia com as palavras proferidas por Paulo aos romanos na passagem que citamos.

Certa ocasião os judeus disseram a Jesus: “Que faremos para realizar as obras de Deus?” Isso é exatamente o que nós também queremos saber. Observem a resposta: “A obra de Deus é esta: que creiais Naquele que por Ele foi enviado” (Jo 6:28-29). Quem dera que essas palavras fossem escritas em letras de ouro e conservadas continuamente diante dos olhos de cada cristão em sua luta. O aparente paradoxo é esclarecido. As obras são necessárias; todavia, a fé é todo-suficiente, porque a fé realiza a obra. A fé abarca tudo e sem a fé não há nada.

A dificuldade reside no fato de que as pessoas em geral possuem uma concepção equivocada da fé. Imaginam que ela se resume a um assentimento intelectual, a um ato meramente passivo ao qual obras ativas devem ser acrescentadas. A fé, porém, é ativa e constitui não somente o fator mais essencial, mas o único fundamento verdadeiro. A lei é a justiça de Deus (Is 51:6-7), e a ela devemos buscar, conforme a ordem de Cristo (Mt 6:33); mas a lei só pode ser guardada pela fé, pois a única justiça que resistirá ao juízo é a justiça “que é mediante a fé de Cristo, a justiça que é de Deus pela fé” (Fl 3:9, KJV).

Leiam as palavras de Paulo em Romanos 3:31: “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei”. O fato de os homens anularem a lei de Deus não a revoga, pois isso é uma impossibilidade. Ela é tão firme quanto o trono de Deus. Não importa o que os homens dizem a respeito da lei, nem o quanto eles a pisam e a despre-

zam, ela permanece a mesma. O único modo pelo qual as pessoas podem anular a lei é torná-la sem efeito no coração mediante a desobediência. Nesse sentido, lemos em Números 30:15 que um voto que foi quebrado é considerado como tendo sido anulado. Assim, quando o apóstolo afirma que não anulamos a lei pela fé, ele quer dizer que a fé e a desobediência são incompatíveis. Por mais que um transgressor da lei professe fé, o fato de ele ser um transgressor da lei revela que ele não tem fé alguma. Mas o possuir a profissão de fé se demonstra pelo estabelecimento da lei no coração, de modo que o homem não peque contra Deus. Que ninguém deprecie a fé como se fosse de pequena importância.

Mas não é o apóstolo Tiago que diz que apenas fé não pode salvar uma pessoa e que a fé sem as obras é morta? Vamos examinar suas palavras por um momento. Muitos têm, com intenção honesta, pervertido tais palavras a ponto de adotarem um legalismo morto. Tiago realmente fala que a fé sem as obras é morta, e isso está plenamente de acordo como o que acabamos de citar e escrever. Na verdade, se a fé sem as obras é morta, a ausência de obras mostra a ausência da fé, pois o que está morto não tem existência. Se uma pessoa tem fé, as obras necessariamente aparecerão, e ela não vai se vangloriar nem de sua fé, nem de suas obras, pois pela fé toda jactância é excluída (Rm 3:27). A jactância só acontece por parte daqueles que confiam completamente em obras mortas, ou cuja profissão de fé é um desprezível vazio.

Então o que dizer de Tiago 2:14, que diz: “Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” (Tg 2:14). A resposta implícita aí é, necessariamente, que não pode. Por que não? Porque a pessoa mencionada não tem fé nenhuma. Qual é o proveito se alguém *disser* que tem fé, se por meio de seu comportamento mau ele mostra que não tem fé nenhuma? Será que devemos depreciar o poder da fé simplesmente porque ela não faz nada para a pessoa que a professa falsamente? Paulo fala de alguns que professam conhecer a Deus, mas O negam por suas obras (Tt 1:16).

A pessoa a quem Tiago se refere pertence a essa classe. O fato de ela não ter nenhuma boa obra – nenhum fruto do Espírito – revela que ela não tem nenhuma fé, apesar de sua alardeada profissão. Portanto, é claro que tal fé não pode salvá-lo, pois a fé não tem nenhum poder para salvar uma pessoa que não a possui.

*Bible Echo*, 1º de agosto de 1890

# CRISTO, O FIM DA LEI



E. J. WAGGONER

**E**m Romanos 10:4 lemos o seguinte: “Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê”. Antes de mostrar o que esse texto significa, seria bom mostrar brevemente o que ele *não* significa. Não significa que Cristo pôs fim à lei, pois: (1) o próprio Cristo disse a respeito da lei: “Não vim para revogar” (Mt 5:17); (2) o profeta disse que, em vez de destruí-la, o Senhor iria “engrandecer a lei e fazê-la gloriosa” (Is 42:21); (3) a lei estava no coração de Cristo: “Então, Eu disse: eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a Meu respeito; agrada-Me fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; dentro do Meu coração, está a Tua lei. (Sl 40:7-8); e visto que (4) a lei é a justiça de Deus, o fundamento do Seu governo, não haveria qualquer possibilidade de ela ser abolida (ver Lc 16:17).

O leitor deve saber que a palavra “fim” não significa necessariamente “término”. Ela é frequentemente usada no sentido de desígnio, objetivo, propósito. Em 1 Timóteo 1:5, o mesmo escritor diz: “Ora, o fim do mandamento é a caridade de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida” (ARC). A palavra traduzida aqui como “caridade” é frequentemente traduzida como “amor”, e assim a Almeida Revista e Atualizada a traduziu nesse verso. Em 1 João 5:3 lemos: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos”. E o próprio Paulo afirma que “o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13:10). Nesses dois versos, ele usa a mesma palavra (ágape) que ocorre em 1 Timóteo 1:5. Logo, podemos dizer que esse texto significa que o propósito

do mandamento (ou lei) é que ele seja cumprido. Todos vão reconhecer que temos aqui um fato autoevidente.

Mas esse não é o propósito final da lei. No verso seguinte ao que estamos considerando, Paulo cita Moisés como tendo dito a respeito da lei que “o homem que fizer estas coisas viverá por elas” (Rm 10:5, ARC). Cristo disse ao jovem rico: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mt 19:17). Portanto, visto que o propósito da lei era que fosse guardada, ou, em outras palavras, que produzisse caráter justo – e a promessa é que aqueles que são obedientes viverão –, podemos dizer que o propósito final da lei era dar vida. As palavras de Paulo estão em harmonia com esse pensamento, quando disse que o mandamento “era para a vida” (Rm 7:10, ARC).

Mas “todos pecaram e carecem da glória de Deus”, e “o salário do pecado é a morte” (Rm 3:23; 6:23). Logo, é impossível que a lei cumpra seu desígnio em produzir caráter perfeito e, conseqüentemente, é impossível que ela conceda vida. Quando uma pessoa transgride a lei uma vez, nenhuma obediência subsequente jamais poderá tornar seu caráter perfeito. Portanto, a lei que era para a vida se torna “para morte” (Rm 7:10).

Se parássemos nesse ponto com o fato de que a lei é incapaz de cumprir seu propósito, deixaríamos o mundo inteiro sob a condenação e sentença de morte. Veremos, porém, que Cristo capacita homens e mulheres a garantir para si tanto a justiça quanto a vida. Lemos que somos “justificados gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3:24). “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1). Mais do que isso, Ele nos capacita a guardar a lei, pois “Ele [Deus] O fez [Cristo] pecado por nós; para que, Nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5:21). Em Cristo, portanto, é possível nos tornarmos perfeitos – sermos “feitos justiça de Deus”, e é justamente isso o que nós nos teríamos tornado mediante obediência constante e permanente da lei.

Lemos ainda:

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. [...] Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:1-4, ARC).

O que a lei não podia fazer? Ela não poderia libertar da condenação nem sequer uma alma culpada. Por que não? Porque ela estava “enferma pela carne”. Não há elemento algum de fraqueza na lei; a fraqueza está na carne. Não é culpa da melhor ferramenta que seja se ela não consegue produzir uma coluna sólida a partir de uma madeira apodrecida. A lei não estava em condições de purificar o registro passado de uma pessoa e deixá-la sem pecado; e o ser humano, pobre e caído, não tinha em sua carne nenhuma força que o capacitasse a guardar a lei. É por isso que Deus imputa aos crentes a justiça de Cristo, o qual Se tornou “em semelhança da carne do pecado” (ARC), ou “em semelhança de carne pecaminosa” (ARA)<sup>1</sup>, a fim de que “a justiça da lei se cumprisse” na vida deles. Dessa forma, Cristo é o fim da lei.

Então, para concluir, verificamos que o propósito da lei era que ela desse vida por causa da obediência. Todos pecaram e foram sentenciados à morte. Mas Cristo tomou sobre Si a natureza humana e comunicará Sua própria justiça àqueles que aceitam Seu sacrifício; e, finalmente, quando eles, por Seu intermédio, se forem praticantes da lei, Ele cumprirá, em favor deles, Seu objetivo final: coroá-los com a vida eterna. Por isso repetimos que é impossível apreciar em demasia o fato de que Cristo “Se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1:30).

---

<sup>1</sup> Ver nota na página 107.



# A VIDA INVENCÍVEL



E. J. WAGGONER

“**N**ele, estava a vida e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (Jo 1:4-5, ARC). A Almeida Revista e Atualizada traduz como “prevaleceram”, e este é o exato significado do texto, o qual transmite uma mensagem de grande conforto ao crente. Vejamos qual é.

Cristo é a luz do mundo (ver Jo 8:12). Mas Sua luz é Sua vida, conforme afirma o texto mencionado. Ele diz: “Eu Sou a luz do mundo; quem Me segue não andar­á nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8:12). Todo o mundo estava nas trevas do pecado. Essas trevas se deviam à falta do conhecimento de Deus, conforme demonstra o apóstolo Paulo ao falar que os gentios estavam “obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração” (Ef 4:18).

Satanás, o dominador deste mundo tenebroso (cf. Ef 6:12), havia se esforçado ao máximo para enganar os homens quanto ao verdadeiro caráter de Deus. Ele havia levado o mundo a crer que Deus era como os homens – cruel, vingativo e irascível. Mesmo os judeus, o povo a quem Deus escolhera para ser os portadores de Sua luz ao mundo, haviam se afastado de Deus e, embora declaradamente separados dos pagãos, estavam envolvidos em trevas pagãs. Então Cristo veio, e “o povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz” (Mt 4:16). Seu nome era Emanuel, Deus cono-

co. “Deus estava em Cristo” (2Co 5:19). Deus refutou as falsidades de Satanás, não mediante argumentos ruidosos, mas simplesmente por meio de Sua vida entre os homens, de maneira que todos a pudessem observar. Ele demonstrou o poder da vida de Deus e a possibilidade de esta se manifestar nos seres humanos.

A vida que Cristo viveu não tinha a mancha do pecado. Satanás exerceu todas as suas poderosas artimanhas; contudo, não conseguiu atingir aquela vida impecável. A luz dela sempre irradiava com brilho nunca oscilante. Como Satanás não podia trazer sobre a vida de Cristo a mínima sombra de pecado, ele não estava em condições de retê-la no poder da morte. Ninguém podia tirar a vida de Cristo. Ele voluntariamente a entregou. E pela mesma razão, depois de ter entregado Sua Vida, Satanás não podia impedi-Lo de retomá-la novamente. Jesus disse: “Dou a Minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de Meu Pai” (Jo 10:17-18). As palavras do apóstolo Pedro referentes a Cristo transmitem a mesma ideia: “Ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse Ele retido por ela” (At 2:24). Assim ficou demonstrado o direito do Senhor Jesus Cristo de ser feito sumo sacerdote “segundo o poder de vida indissolúvel” (Hb 7:16).

É essa vida indissolúvel e imaculada que Cristo concede a todos os que creem Nele. “Assim como Lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que Ele conceda a vida eterna a todos os que Lhe deste. E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:2-3). Cristo habita no coração de todos aqueles que Nele creem. “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo se entregou por mim” (Gl 2:20; ver também Ef 3:16, 17).

Cristo, a Luz do mundo, habitando no coração de Seus seguidores, faz deles a luz do mundo. A luz deles não provém de si mesmos, mas de Cristo, que habita neles. A vida que possuem não é própria, mas é a vida de Cristo manifesta na carne mortal (ver 2Co 4:11). É isso o que significa viver “uma vida Cristã”.

A luz viva procede de Deus numa corrente ininterrupta. O salmista exclama: “Pois em Ti está o manancial da vida; na Tua luz, vemos a luz” (Sl 36:9). “Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22:1). “O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22:17).

“Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6:53-54). Essa vida de Cristo, nós a comemos e bebemos quando nos banqueteamos com Sua palavra, pois Ele acrescentou: “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida” (Jo 6:63). Cristo habita em Sua Palavra inspirada, e, por meio dela, obtemos Sua vida. Essa vida é dada gratuitamente a todos que a recebem, como lemos acima; e, além disso, lemos que Jesus Se levantou e exclamou: “Se alguém tem sede, venha a Mim e beba” (Jo 7:37).

Essa vida constitui a luz do cristão; e é ela que o torna luz aos outros. Essa é a Sua vida. E o bendito conforto que ele tem é que, não importa quão densas sejam as trevas pelas quais ele tem de passar, elas não terão nenhum poder para apagar essa luz. Essa luz da vida pertence a ele durante todo o tempo em que ele continuar a exercer a fé, e as trevas não poderão atingi-la. Portanto, que todos os que professam o nome do Senhor tenham a confiança de poder dizer: “Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei; se morar nas trevas, o SENHOR será a minha luz” (Mq 7:8).

*Bible Echo*, 15 de outubro de 1892

## CAPÍTULO 8

# FÉ

E. J. WAGGONER

“Tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23). É por isso que “justificados” – feitos justos – “mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1).

A fé, e não as obras, é o meio pelo qual as pessoas são salvas. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8-9).

“Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3:27-28).

O evangelho exclui a jactância, e esta é a consequência natural de todas as tentativas de alcançar a justificação pelas obras; todavia, o evangelho não exclui as obras. Pelo contrário, as obras – boas obras – consistem no supremo objetivo do evangelho. “Pois somos feitura Dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10).

Não há aqui a mínima contradição. A diferença reside entre nossas obras e as obras de Deus. Nossas obras são sempre defeituosas; as obras de Deus são sempre perfeitas. Portanto, precisamos das obras de Deus a fim de sermos perfeitos. Mas não somos capazes de realizar as obras de Deus, pois Ele é infinito, e nós não somos nada. Não existe presunção maior do que alguém pensar que é capaz de realizar as obras de Deus. Rimos quando um menino de cinco anos imagina que pode fazer o trabalho

do seu pai. Tolice ainda maior é um ser humano insignificante imaginar ser capaz de realizar as obras do Todo-Poderoso.

A bondade não é algo abstrato. É uma ação, e ações só são encontradas em seres vivos. E visto que unicamente Deus é bom, somente Suas obras têm algum valor. Somente quem possui as obras de Deus é justo. Como ninguém pode realizar as obras de Deus, segue-se, necessariamente, que Deus deve concedê-las a nós, se é que devemos ser salvos. É justamente isso que Ele faz para todos os que creem.

Quando os judeus em sua autossuficiência perguntaram: “Que faremos para realizar as obras de Deus?”, Jesus respondeu: “A obra de Deus é esta: que creiais Naquele que por Ele foi enviado” (Jo 6:28-29). A fé é atuante (Gl 5:6; 1Ts 1:3). Ela traz as obras de Deus ao crente, visto que ela traz Cristo para o coração (Ef 3:17); e em Cristo habita toda a plenitude da divindade (Cl 2:9). “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13:8). Portanto, Deus não apenas estava, mas está em Cristo, “reconciliando Consigo o mundo” (2Co 5:19). Assim, se Cristo habita no coração pela fé, as obras de Deus se manifestarão na vida, “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade” (Fl 2:13).

O modo como isso ocorre não está ao alcance de nossa compreensão. Não precisamos saber como é realizado, já que não somos nós que realizamos a obra. Basta-nos reconhecer o fato. Somos tão incapazes de entender como Deus realiza Suas obras quanto o somos de realizá-las nós mesmos. Assim, a vida cristã é sempre um mistério, mesmo para o próprio cristão. Trata-se de um vida que “está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3:3). Ela está oculta mesmo da visão do cristão. Cristo em nós, a esperança da glória, é o mistério do evangelho (Cl 1:27).

Em Cristo somos criados para boas obras, as quais Deus já preparou para nós. Temos apenas que aceitá-las pela fé. A aceitação dessas boas obras corresponde à aceitação de Cristo. Quanto tempo atrás Deus preparou essas obras para nós? “As obras [estavam] concluídas desde a fundação do

mundo. Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera. E novamente, no mesmo lugar” – os incrédulos – “não entrarão no Meu descanso” (Hb 4:3-5). “Nós, porém, que cremos, entramos no descanso” (v. 3).

Portanto, o sábado – o sétimo dia da semana – é o descanso de Deus. Deus deu o sábado como sinal pelo qual os homens possam saber que Ele é Deus e que é Ele quem santifica (cf. Ez 20:12, 20). A guarda do sábado não tem absolutamente nada que ver com justificação pelas obras, mas é, ao contrário, o sinal e o selo da justificação pela fé. É um sinal de que o ser humano renuncia a suas obras pecaminosas e aceita as obras perfeitas de Deus. Como o sábado não é uma obra, mas um repouso, ele é a marca de descanso em Deus mediante a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

Nenhum outro dia além do sétimo dia da semana se qualifica para ser a marca do perfeito descanso em Deus, porque foi somente neste dia que Deus descansou de todas as Suas obras. É o descanso do sétimo dia, no qual Ele diz que os incrédulos não podem entrar. Somente ele, dentre todos os demais dias da semana, consiste no dia de descanso, e está inseparavelmente ligado à perfeita obra de Deus.

Nos outros dias da semana, incluindo o primeiro dia da semana, Deus trabalhou. Nesses dias nós também podemos e devemos trabalhar. Contudo, em cada um deles podemos e devemos descansar em Deus. Esse será o caso se nossas obras forem “feitas em Deus” (Jo 3:21). Assim, as pessoas deveriam descansar em Deus todos os dias na semana, mas somente o sétimo dia pode ser o sinal desse descanso.

Duas coisas podem ser observadas como conclusões autoevidentes das verdades já apresentadas. A primeira é que o ato de separar outro dia além do sétimo, como o sinal de aceitação de Cristo e do descanso em Deus por meio de Cristo, é na realidade um sinal de rejeição de Cristo. Como se trata da substituição do caminho de Deus pelo caminho do homem, essa troca constitui, de fato, o sinal da pretensão humana de superioridade acima de Deus e da ideia de que o homem pode se salvar por suas

próprias obras. É claro que nem todos que observam outro dia têm essa pretensão. Há muitos que amam o Senhor com sinceridade e O aceitam humildemente, que observam outro dia além daquele que Deus concedeu como sinal do descanso Nele. Tais pessoas simplesmente não aprenderam ainda a expressão plena e adequada da fé. Mas sua sinceridade e o fato de que Deus aceita sua fé não fingida não alteram o fato de que o dia que elas observam é o sinal de exaltação acima de Deus. Quando essas pessoas ouvirem a misericordiosa advertência de Deus, elas abandonarão o sinal da apostasia como abandonariam uma casa infestada de pragas.

O segundo ponto é que as pessoas não podem ser forçadas a guardar o sábado, visto que ele é um sinal de fé, e ninguém pode ser forçado a crer. A fé surge espontaneamente como resultado de se ouvir a palavra de Deus. Ninguém pode forçar nem a si mesmo a crer, muito menos obrigar outra pessoa. Sob a coação da força, os temores de uma pessoa podem ser manipulados de tal forma que ela pode dizer que crê e até mesmo agir como se cresse. Em outras palavras, uma pessoa que teme o homem em vez de Deus pode ser forçada a mentir. Mas “mentira alguma jamais procede da verdade” (1Jo 2:21). Portanto, como o sábado é o sinal da fé perfeita, conseqüentemente ele é o sinal da perfeita liberdade – “a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8:21) –, a liberdade que o Espírito concede, pois o sábado, como parte da lei de Deus, é espiritual. E assim, finalmente, que ninguém se engane com o pensamento de que uma observância externa até mesmo do dia de descanso designado por Deus – o sétimo dia –, sem fé e confiança somente na palavra de Deus, corresponde à guarda do sábado de Deus. “Tudo o que não provém de fé é pecado”.

*Bible Echo*, 17 de agosto de 1896

## CAPÍTULO 9

# GRAÇA ILIMITADA GRATUITA A TODOS



A. T. JONES

“**E**a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo” (Ef 4:7). A proporção do dom de Cristo é, “corporalmente, toda a plenitude da divindade” (Cl 2:9). Isso é verdade tanto no que diz respeito à proporção do dom que Deus concedeu ao dar Cristo, quanto à medida do dom que o próprio Cristo concedeu; pois o dom que Deus concedeu é Seu filho unigênito, e “Nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade”. Portanto, nessa perspectiva, visto que a medida do dom de Cristo não é nada menos do que a plenitude da divindade, corporalmente; e visto que nesse dom se concentra a medida da graça concedida a todos nós, conclui-se que a cada um de nós é concedida graça sem medida, nada menos do que graça ilimitada.

Analisando o assunto da perspectiva da medida do dom por meio do qual o próprio Cristo Se dá a nós, a conclusão é a mesma, pois Ele “a Si mesmo Se deu por nós” (Tt 2:14). Ele Se entregou por nossos pecados, e, nesse ato, Ele Se doou *para* nós. E como Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e como Ele a Si mesmo Se deu, então a medida do dom de Cristo procedente Dele representa também nada menos do que a plenitude da divindade corporalmente. Conclui-se, portanto, nessa perspectiva, que a medida da graça que é concedida a cada um de nós é apenas a medida da plenitude da divindade; em outras palavras, simplesmente incomensurável.

Assim, não importa o ângulo pelo qual o assunto é visto, a clara palavra do Senhor afirma que Ele concedeu a cada um de nós graça segundo a proporção da plenitude da divindade, corporalmente; isto é, graça ilimitada e incomensurável – toda a graça que Ele possui. Isso é muito bom! E é exatamente assim que Deus age. Tal atitude é bem típica do Senhor, pois Ele é bom.

E toda essa graça ilimitada é dada, gratuitamente, a “*cada um de nós*”. Isso mesmo, a cada um de *nós* individualmente, a vocês e a mim, tal qual estamos. Isso é muito bom. E é justamente dessa quantidade de graça que precisamos para que o Senhor nos torne naquilo que Ele deseja para nós. E Ele é tão bom a ponto de concedê-la em sua totalidade a nós, gratuitamente, para que, de fato, nos tornemos o que Ele quer que sejamos.

O Senhor deseja que cada um de nós seja salvo, e com toda a plenitude da salvação. Portanto, Ele concedeu a cada um de nós a própria plenitude da graça, visto ser a graça que nos traz a salvação. Pois está escrito: “a graça de Deus *que traz a salvação* apareceu a todos os homens” (Tt 2:11, KJV). A leitura na margem da KJV diz: “A graça de Deus que traz a salvação a todos os homens apareceu”. Assim, o Senhor deseja que todos sejamos salvos; e foi por isso que Ele concedeu a totalidade de Sua graça, trazendo salvação a todos. A totalidade da graça de Deus é concedida gratuitamente a cada pessoa, trazendo salvação a todos. Se todos, ou mesmo se alguém, vai recebê-la, isso é outra questão. O que estamos estudando agora é a verdade e o fato de que Deus a *concedeu*. Visto que Deus concedeu a graça em sua totalidade, Ele está livre de qualquer acusação, mesmo que os homens a rejeitem.

O Senhor deseja que sejamos perfeitos; por isso está escrito: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5:48). Com esse desejo de que sejamos perfeitos, Ele nos concedeu, a cada um, toda a graça que Ele possui, trazendo a plenitude de Sua salvação, a fim de que todos possam ser apresentados perfeitos em Cristo Jesus. O próprio objetivo desse dom de Sua graça ilimitada é que nos tornemos *semelhantes*

a Jesus, o qual é a imagem de Deus. Por essa razão está escrito: “E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. [...], com vistas ao aperfeiçoamento dos santos [...], até que *todos* chegemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à *perfeita varonilidade*, à *medida* da estatura da *plenitude* de Cristo” (Ef 4:7, 12, 13).

Você quer ser semelhante a Jesus? Receba então a graça que Ele concedeu tão plena e tão gratuitamente. Receba-a segundo a medida que *Ele a concedeu*, não segundo a medida que você pensa que a merece. Entregue-se a ela, para que opere em você e para você o maravilhoso propósito pelo qual ela é dada. Ela cumprirá o propósito e o desejo Daquele que a concedeu, tornando você semelhante a Jesus. “Ofereci-vos a Deus” (Rm 6:13). “Nós [...] também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus” (2Co 6:1).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 17 de abril de 1894



# SERÁ A GRAÇA OU O PECADO?



A. T. JONES

**N**unca é demais repetir que, sob o reinado da graça, é tão fácil fazer o que é correto quanto é, sob o reinado do pecado, fazer o que é errado. Isso precisa ser assim, pois se não existe na graça mais poder do que existe no pecado, então não pode haver salvação do pecado. Mas existe salvação do pecado. Ninguém que creia no cristianismo pode negar isso.

Contudo, a salvação do pecado certamente depende do fato de que há mais poder na graça do que no pecado. Então, considerando que há mais poder na graça do que no pecado, não há outra conclusão possível senão a de que, onde quer que o poder da graça tenha o controle, será tão fácil fazer o que é correto quanto é, sem esse poder, fazer o que é errado.

Ninguém jamais achou naturalmente que seja difícil fazer o que é errado. A grande dificuldade de todos sempre foi fazer o que é certo. Mas isso ocorre porque o ser humano se encontra naturalmente escravizado por um poder – o poder do pecado – que reina absoluto em seu domínio. E enquanto esse poder tem o controle, não é apenas difícil, mas impossível que uma pessoa faça o bem que conhece ou deseja. Mas se uma força mais poderosa do que essa passa a ter o controle, então será que não é um fato suficientemente claro que será tão fácil servir a vontade da força mais poderosa, quando esta reina, quanto o era servir a vontade do outro poder, quando este reinava?

Mas a graça não é somente mais poderosa do que o pecado. Mesmo que fosse só isso, ainda assim haveria plenitude de esperança e de bom

ânimo para cada pecador do mundo. Mas isso, por melhor que seja, não é tudo. Não é nem quase tudo. Há muito mais poder na graça do que no pecado. Pois “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). E assim como há muito mais poder na graça do que no pecado, igualmente existe muito mais esperança e bom ânimo para cada pecador do mundo.

Quanto poder a mais existe, então, na graça em comparação com o pecado? Deixem-me pensar por um momento. Preciso me fazer uma ou duas perguntas. De onde vem a graça? De Deus, evidentemente. “Graça e paz a vós outros, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (Fl 1:2). De onde vem o pecado? Do diabo, é claro. “O pecado é do diabo, porque o diabo peca desde o princípio” (1Jo 3:8, ARC). Então, quanto poder a mais existe na graça do que existe no pecado? É tão claro quanto o sol do meio dia o fato de que há mais poder na graça do que no pecado, já que há mais poder em Deus do que no diabo. Fica também perfeitamente claro, portanto, que o reinado da graça é o reinado de Deus, e que o reinado do pecado é o reinado de Satanás. Não fica também perfeitamente claro que é tão fácil servir a Deus pelo poder de Deus quanto é servir Satanás com o poder de Satanás?

A dificuldade que surge em tudo isso é que muitas pessoas tentam servir a Deus com o poder de Satanás. Mas isso nunca poderá acontecer. “Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore” (Mt 12:33). Ninguém pode colher “uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos” (Mt 7:16). A árvore precisa se tornar boa, tanto a raiz quanto os ramos. Ela precisa se tornar nova. “Importa-vos nascer de novo” (Jo 3:7). “Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura” (Gl 6:15). Que ninguém jamais tente servir a Deus com qualquer coisa a não ser o presente e vivificante poder de Deus, que torna a pessoa uma nova criatura, nem com qualquer coisa a não ser a graça muito mais abundante que condena o pecado na carne e reina por meio da justiça para a vida eterna mediante Jesus Cristo nosso Senhor. Assim, o serviço a Deus será de

fato em “novidade de vida” (Rm 6:4). Dessa forma se verá que o jugo de Cristo é realmente “suave” e Seu fardo é “leve” (Mt 28:30), e também que o serviço a Deus é prestado “com alegria indizível e cheia de glória” (1Pd 1:8). Será que Jesus alguma vez achou difícil fazer o que é certo? Todos vão responder imediatamente que não. Mas por que não? Ele era tão humano quanto nós o somos; assumiu a mesma carne e sangue que temos.<sup>1</sup> “E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14). E o tipo de carne de que Ele foi feito neste mundo foi justamente a que existia neste mundo. “Convinha que, em todas as coisas, Se tornasse semelhante aos irmãos” (Hb 2:17). “Em todas as coisas!” O texto não diz em todas as coisas, *menos uma*. Não há exceção. Ele se tornou em todas as coisas semelhante a nós. De Si mesmo, Ele era tão fraco quanto nós,<sup>2</sup> pois Ele disse: “Eu nada posso fazer de Mim mesmo” (Jo 5:30).

Por que, então, sendo semelhante a nós em todas as coisas, Ele achou sempre fácil fazer o certo? Porque Ele nunca confiou em Si mesmo, mas colocava Sua confiança sempre e unicamente em Deus. Toda Sua dependência repousava sobre a graça de Deus. Ele sempre buscou servir a Deus apenas com o poder de Deus. Dessa forma, portanto, o Pai habitou Nele e operou as obras de justiça. Portanto, sempre foi fácil para Ele fazer o que é certo. Mas “segundo Ele é, também nós somos neste mundo” (1Jo 4:17). Ele nos deixou um exemplo para seguirmos os Seus passos (cf. 1Pd 2:21). “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade” (Fl 2:13) – uma obra tão eficaz quanto a que

<sup>1</sup> Neste ponto, Jones aplica a expressão “a mesma carne e sangue que temos”, não como sinônimo de corrupção moral inata ou inclinação para o mal que caracteriza uma vida de pecado, mas reconhecendo que Ele veio “em semelhança de carne pecaminosa” (Rm 8:3). Ver nota na página 107. Para uma discussão ampla sobre o assunto, envolvendo diferentes pontos de vista, ver Robert W. Olson, *A Humanidade de Cristo: Excertos dos Escritos de Ellen G. White* (São Paulo, SP: Centro de Pesquisas Ellen White, 1990); Woodrow W. Whidden, *Ellen White e a Humanidade de Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009).

<sup>2</sup> Ellen White reitera esse pensamento com as seguintes declarações: “Unicamente a natureza humana de Cristo nunca poderia ter suportado este teste, mas Seu poder divino combinado com a natureza humana ganhou a vitória infinita em favor do homem” (*No Deserto da Tentação*, p. 80, grifo acrescentado). “Se não fosse pelo poder que Deus Lhe deu, Ele [Cristo] não poderia ter resistido aos assaltos do inimigo, mas Ele resistiu” (*Manuscrito 8*, 1888, grifo acrescentado).

Ele operou em Cristo. Todo o poder no Céu e na Terra é dado a Ele, e Ele deseja que vocês sejam “fortalecidos com *todo o poder*, segundo a força da Sua glória” (Cl 1:11). “Nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade”, e Ele fortalece vocês com poder por meio do Seu Espírito no homem interior, para que Cristo possa habitar em seu coração pela fé, “para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef 3:19).

É verdade que Cristo participou da natureza divina, mas você também pode, se você for um filho da promessa e não da carne, pois pelas promessas somos “coparticipantes da natureza divina” (2Pd 1:4). Não há nada que foi concedido a Ele neste mundo ou nada que Ele possuísse que não seja livremente dado a cada um de vocês, ou que vocês não possam ter.<sup>3</sup>

Tudo isso é para que vocês possam andar em novidade de vida, para que, de agora em diante, vocês não sirvam ao pecado, para que vocês sejam servos apenas da justiça, para que vocês fiquem livres do pecado, para que o pecado não tenha mais domínio sobre vocês, para que vocês glorifiquem a Deus sobre a Terra, e para que vocês sejam semelhantes a Jesus.

Portanto, “a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. [...] até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:7, 13). E eu vos exorto “a que não recebeis em vão a graça de Deus” (2Co 6:1).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 1º de setembro de 1896

---

<sup>3</sup> “Em Cristo combinaram-se divindade e humanidade. A divindade não se degradou, para tornar-se humanidade; a divindade conservou seu lugar, *mas a humanidade, pela união com a divindade, resistiu à mais feroz prova da tentação no deserto.* [...] Resistiu Ele à tentação, mediante o Poder que o homem também pode possuir. Apoiou-Se no trono de Deus, e *não existe homem ou mulher que não possa ter acesso ao mesmo auxílio, pela fé em Deus.* Pode o homem tornar-se participante da natureza divina; não vive uma alma que não possa chamar o auxílio do Céu, quando tentada e provada. Cristo veio para revelar a fonte de Seu poder, a fim de que o homem não confiasse jamais em suas capacidades humanas desajudadas” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 408, grifo acrescentado).

# NÃO RECEBAIS EM VÃO A GRAÇA DE DEUS



A. T. JONES

É possível o crente receber graça suficiente para mantê-lo livre de pecar? Sim.<sup>1</sup> De fato, todos podem ter o suficiente para guardá-los de pecar. O suficiente é dado, e é dado para esse propósito. Se alguém não tem essa medida, não é porque o suficiente não lhe foi dado, mas, sim, porque ele não recebe o que foi dado. “E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo” (Ef 4:7). A proporção, ou a medida, do dom de Cristo constitui Ele próprio por completo, e esta corresponde à medida de “toda a plenitude da divindade”, “corporalmente” (Cl 2:9). Não há um limite para “toda a plenitude da divindade”; trata-se de algo ilimitado cujo alcance é a infinitude de Deus. Todavia, essa nada mais é do que a medida da graça concedida a cada um de nós. A ilimitada medida da plenitude da divindade é a única coisa que pode expressar a proporção de graça concedida a cada pessoa deste mundo, pois “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). Essa graça é dada “a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso

---

<sup>1</sup> Ellen White confirma este pensamento nos seguintes textos: “Nem por um pensamento [Jesus] cedia à tentação. *O mesmo se pode dar conosco.* [...] Enquanto a Ele estivermos ligados pela fé, o pecado não mais terá domínio sobre nós” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 77, grifo acrescentado). “Cristo veio para nos tornar ‘participantes da natureza divina’, e Sua vida declara que a humanidade, unida à divindade, *não comete pecado*” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 180, grifo acrescentado).

Senhor” (Rm 5:21), e para que “o pecado não [tenha] domínio sobre vós; pois [...] estais debaixo [...] da graça” (Rm 6:14).

Ela é dada também “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos” (Ef 4:12). O alvo dela é conduzir cada um à perfeição em Cristo Jesus – a uma perfeição, também, que está plenamente à altura do padrão de Deus, pois tal graça é dada para a edificação do corpo de Cristo, “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:13). Ela é dada “a cada um de nós” “até que todos cheguemos” à perfeição, à medida da estatura da plenitude de Cristo. Repito: essa graça é concedida a cada um que vive numa condição em que abundou o pecado e ela traz salvação a cada um a quem ela é dada. Ao trazer em si a salvação, a medida da salvação que essa graça traz a cada um não é nada menos do que a medida de sua própria plenitude, que, por sua vez, não é nada menos do que a medida da plenitude da divindade.

Visto que graça ilimitada é concedida a cada um trazendo uma quantidade de salvação equivalente à própria plenitude dela mesma, então se alguém não tem salvação ilimitada, por que isso ocorre? Em termos claros, isso só pode ocorrer porque a pessoa não está disposta a receber a graça concedida.

Visto que graça ilimitada é concedida a cada um a fim de que ela reine no indivíduo contra todo o poder do pecado, tão certamente como o pecado reinou, e a fim de que o pecado não tenha mais domínio, então se o pecado ainda reina na pessoa, se o pecado ainda tem domínio sobre ela, onde está a culpa? Claramente se conclui que o problema reside no fato de que a pessoa não permite que a graça realize por ela e nela a obra para a qual foi dada. Devido à incredulidade, tal pessoa frustra a graça de Deus. No que diz respeito a esse indivíduo, a graça foi concedida em vão.

Mas cada crente, segundo sua profissão de fé, afirma ter recebido a graça de Deus. Então, se a graça não reina no crente em lugar do pecado, se a graça não tem o domínio no lugar do pecado, é suficientemente

evidente que ele está recebendo a graça de Deus em vão. Se a graça não está conduzindo o crente avante rumo à perfeita varonilidade, segundo a medida da estatura da plenitude de Cristo, conclui-se que ele está recebendo a graça de Deus em vão. Daí a exortação das Escrituras: “Nós, na qualidade de cooperadores com Ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus” (2Co 6:1).

A graça de Deus é plenamente capaz de realizar a obra para a qual ela foi dada, mas somente se tiver a permissão de operar. Vimos que, pelo fato de a graça proceder completamente de Deus, o poder da graça é nada menos que o poder de Deus. É mais do que evidente, portanto, que o poder de Deus é abundantemente capaz de realizar toda a obra para a qual foi outorgado, a saber, a salvação da alma, a libertação do pecado e do seu poder, o reinado da justiça na vida e o aperfeiçoamento do crente até a medida da estatura da plenitude de Cristo. Mas, para isso ocorrer, tal poder precisa ter lugar no coração e na vida da pessoa, a fim de operar de acordo com a vontade de Deus. O propósito do poder de Deus é “a salvação de todo aquele que *crê*” (Rm 1:16). A incredulidade frustra a graça de Deus. Muitos creem e recebem a graça de Deus para a salvação de seus pecados passados, mas se contentam com isso; e apesar de terem dado lugar a essa graça na alma para a salvação dos pecados passados, não fazem o mesmo para que ela reine contra o poder do pecado. Isso não passa, também, de outro estágio de incredulidade. Assim, no que diz respeito ao objetivo final da graça – a perfeição da vida à semelhança de Cristo –, tais pessoas, na prática, recebem a graça de Deus em vão.

“Nós, na qualidade de cooperadores com Ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus (porque Ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, *agora*, o tempo sobremodo oportuno, eis, *agora*, o dia da salvação); não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado” (2Co 6:1-3). A palavra “ministério” aqui não se refere simplesmente ao ministério ordenado do púlpito. Ela inclui a cada um que

recebe a graça de Deus e afirma confessar o nome de Cristo, pois “cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros [mordomos] da multiforme graça de Deus” (1Pd 4:10). Logo, Deus não deseja que as pessoas recebam a Sua graça em vão, a fim de que essa graça e sua bendita obra não seja erroneamente representada diante do mundo, pois isso impediria ainda mais que homens e mulheres rendam-se a ela. Deus não quer que Sua graça seja recebida em vão, pois, quando este é o caso, motivos de escândalo ocorrem em muitas coisas e a culpa é posta sobre o próprio ministério da graça. Por outro lado, quando a graça de Deus não é recebida em vão, mas a ela é dado o lugar que lhe é devido, “nenhum motivo de escândalo” haverá “em coisa alguma”, e o ministério, além de não ser censurado, será, sim, abençoado.

E agora, para mostrar quão completo e plenamente abrangente será o reino da graça na vida de quem não a recebe em vão, o Senhor nos apresenta a seguinte lista, que abrange tudo, e pela qual iremos recomendar a nós mesmos como ministros aprovados de Deus. Vamos ler com cuidado:

Em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus:

Na muita paciência,

Nas aflições,

Nas privações,

Nas angústias,

Nos açoites,

Nas prisões,

Nos tumultos,

Nos trabalhos,

Nas vigílias,

Nos jejuns,

Na pureza,

No saber,

Na longanimidade,

Na bondade,

No Espírito Santo,  
No amor não fingido,  
Na palavra da verdade,  
No poder de Deus,  
Pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas;  
Por honra e por desonra,  
Por infâmia e por boa fama,  
Como enganadores e sendo verdadeiros;  
Como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos;  
Como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos;  
Como castigados, porém não mortos;  
Entristecidos, mas sempre alegres;  
Pobres, mas enriquecendo a muitos;  
Nada tendo, mas possuindo tudo.

Essa lista cobre todas as experiências pelas quais a vida do crente pode passar neste mundo. Ela mostra que, onde a graça de Deus não é recebida em vão, tal graça terá de tal forma a posse e o controle da vida, que cada experiência pela qual o crente passar em sua vida será apropriada pela graça e transformada para que sejamos aprovados e recomendados diante de Deus e para que sejamos edificados com vistas à perfeição segundo a medida da estatura da plenitude de Cristo. “Nós, na qualidade de cooperadores com Ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus”.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 22 de setembro de 1896



# A CARNE DO PECADO



A. T. JONES

Há um erro sério e muito inquietante cometido por muitas pessoas. O erro consiste em pensar que quando uma pessoa se converte, a velha carne pecaminosa é apagada.

Em outras palavras, essas pessoas cometem o erro de pensar que precisam se livrar da carne mediante a completa eliminação dela de seu ser.

Então, quando constatam que isso não é uma realidade, quando descobrem que a mesma velha carne, com suas inclinações, ataques e incitações, ainda está lá, eles se veem despreparados para o fato e se desanimam, prontos a pensar que nunca se converteram realmente.

Todavia, se pensassem um pouco, eles certamente veriam que tudo isso *não passa* de um erro. Depois da sua conversão, o seu corpo não continuou sendo exatamente o mesmo que você tinha antes? Esse corpo, depois da sua conversão, não continuou sendo composto dos mesmos materiais – a mesma carne, ossos e sangue – que o formavam antes? A essas perguntas todos imediatamente responderão sim. E honestamente, essa é a verdade.

Tenho algumas perguntas adicionais a fazer: Essa carne não continuou tendo exatamente a mesma *qualidade* que antes? Ela não continuou sendo carne humana, carne natural, tão certamente quanto era antes? A isso todos responderão sim.

Mais uma pergunta: visto que essa carne continua sendo a mesma e tendo a mesma qualidade – sem deixar de ser carne humana, carne natural –, não é ela também ainda carne *pecaminosa* tão certamente quanto antes?

É justamente aqui que o erro sorrateiramente entra na mente dessas pessoas. A essa última pergunta elas estão inclinadas a pensar que a resposta deveria ser “não”, quando, na verdade, deveria ser um decidido “sim”. E esse decidido “sim” deve ser mantido enquanto continuarmos neste corpo natural.

E quando fica decidido e constantemente mantido que a carne de uma pessoa convertida é ainda carne pecaminosa, e nada além de carne pecaminosa, tal pessoa estará tão plenamente convencida de que em sua carne não habita bem algum que ela não permitirá que haja nem um pingo de confiança na carne. Sendo esse o fato, ela colocará toda sua dependência em algo que não seja a carne, a saber, no Espírito Santo de Deus. Sua fonte de força e esperança se encontra totalmente fora da carne, ou seja, unicamente em Jesus Cristo. E vigiando, suspeitando e desconfiando eternamente da carne, ela nunca vai esperar que venha algo de bom dessa fonte, e, dessa forma, vai estar sempre preparada, pelo poder de Deus, para rebater e esmagar sem misericórdia qualquer impulso ou sugestão que possa brotar dela. Agindo assim, o crente não falhará, não ficará desanimado, mas seguirá avante, de vitória em vitória e de força em força.

A conversão, portanto, como vocês podem ver, não coloca uma nova carne sobre o velho espírito, mas um novo Espírito dentro da velha carne. Seu propósito não é levar uma nova carne para a velha mente, mas, sim, uma nova mente para a velha carne. Libertação e vitória não são alcançadas mediante a retirada da natureza humana, mas mediante o recebimento da *natureza divina*, capaz de subjugar e ter o domínio sobre a humana. Tal não ocorre por meio da eliminação da carne pecaminosa, mas pelo envio para o interior de nosso ser do *Espírito sem pecado* a fim de vencer e condenar o pecado na carne.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> As seguintes declarações de Ellen White reiteram esse ponto: “Os seguidores de Cristo devem tornar-se semelhantes a Ele – pela graça de Deus devem *formar caráter em harmonia com os princípios de Sua santa lei*. Isto é santificação bíblica. Essa obra unicamente pode ser efetuada pela fé em Cristo, pelo poder do Espírito de Deus habitando em nós. [...] *O cristão sentirá as insinuações do pecado, mas sustentará luta constante contra ele*. Aqui é que o auxílio de Cristo é necessário. A fraqueza humana se une à força divina, e a fé exclama: ‘Graças a Deus que nos dá a vitória por

As Escrituras não dizem: Tende em vós a mesma *carne* que houve também em Cristo Jesus, mas, sim: “Tende em vós a mesma *mente* que houve também em Cristo Jesus” (Fl 2:5, KJV).

As Escrituras não dizem: Transformai-vos pela renovação da vossa *carne*, mas, sim: “Transformai-vos pela renovação da vossa *mente*” (Rm 12:2). Seremos *transladados* pela renovação da nossa *carne*, mas devemos ser *transformados* pela renovação da nossa *mente*.

O Senhor Jesus assumiu a mesma carne e sangue, a mesma natureza humana que temos, uma carne assim como a nossa carne do pecado<sup>2</sup>, e, por causa do pecado, e pelo poder do Espírito de Deus mediante a mente divina que estava Nele, “condenou o pecado na carne” (Rm 8:3, ARC). Nisso reside nossa libertação (Rm 7:25); nisso reside nossa vitória. “Tende em vós a mesma *mente* que houve também em Cristo Jesus”. “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo” (Ez 36:26).

Não se desanimem diante da pecaminosidade da carne. É somente graças à luz do Espírito de Deus e ao discernimento da mente de Cristo que vocês conseguem enxergar toda essa pecaminosidade na carne de vocês; e quanto maior for a pecaminosidade que vocês conseguirem enxergar na carne, tanto mais do Espírito de Deus vocês certamente terão.

---

nosso Senhor Jesus Cristo’ (1Co 15:57)” (*Jesus, Meu Modelo*, p. 359, grifo acrescentado). “Satanás assaltou a Cristo com as suas mais cruéis e sutis tentações; foi, porém, repellido em cada conflito. *Aquelas batalhas foram travadas em nosso favor; aquelas vitórias nos tornam possível vencer*. Cristo dará força a todos os que a busquem. [...] O fato de Cristo ter vencido deve incutir em Seus seguidores coragem para combater varonilmente na peleja contra o pecado e Satanás” (*O Grande Conflito*, p. 510, grifo acrescentado). “Ensinai-lhes que, se se ligarem com Deus, *Dele terão forças para resistir às mais ferozes tentações*” (*Orientação da Criança*, p. 266, grifo acrescentado).

<sup>2</sup> Ao discutir esse assunto, Jones estava seguindo de perto os conceitos presentes no guia de estudos bíblicos *Bible Readings for The Home*, amplamente divulgado em sua época, e traduzido em língua portuguesa em 2006 sob o título *Estudos Bíblicos: Guia Completo de Orientação e Estudo das Escrituras Sagradas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006). Nos comentários sob a pergunta de número seis do estudo “Vida sem Pecado” pergunta-se: “Até que ponto partilhou Jesus de nossa humanidade comum?” Após citar Hebreus 2:17, o estudo tece os seguintes comentários: “Em Rom. 8:3 e 4, Paulo declara corretamente que Jesus Cristo possuía a mesma carne que nós, carne de pecado, carne na qual pecamos, na qual, entretanto, Ele não pecou; mas carregou nossos pecados nessa carne de pecado. Por haver nascido na mesma família humana, Jesus é meu irmão na carne; ‘por cuja causa não Se envergonha de lhes chamar irmãos’ (Heb. 2:11)” (p. 66).

Esse é um teste seguro. Então, quando vocês constatarem a abundância de pecaminosidade em vocês, agradeçam ao Senhor por terem essa grande medida do Espírito de Deus que lhes permite ver tanto assim da pecaminosidade, e saibam com toda segurança que “onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5:20, 21).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 18 de abril de 1899

# FORMALISMO MORTO – I



A. T. JONES

O Israel incrédulo, não tendo a justiça que é pela fé, e consequentemente não dando valor ao grande sacrifício feito pelo Pai celestial, buscou a justiça pela eficácia da *própria oferta* e pelo mérito de apresentar a oferta.

Assim foram pervertidas todas as formas do ritual, bem como tudo que Deus havia designado para ser o meio de expressão de uma fé viva – rituais que não tinham em si nenhum significado genuíno, exceto pela presença viva e pelo poder do próprio Cristo na vida. E mesmo isso não foi suficiente. Por não encontrarem em nenhum desses serviços, nem na soma de todos eles, a paz e a satisfação de uma justiça eficaz, eles amontoaram sobre esses rituais, estabelecidos por Deus para outro propósito, mas os quais eles tinham pervertido para cumprir propósitos de sua própria invenção, sim, eles amontoaram sobre essas coisas dez mil tradições, exigências e distinções minuciosas de invenção própria; e tudo, *tudo* isso mesmo, numa vã esperança de alcançar a justiça. Prova disso estava no ensino dos rabis, que era praticamente uma confissão de desespero. Eles diziam:

“Se ao menos uma pessoa pudesse por apenas um dia guardar toda a lei e não pecar em um ponto sequer; ou ainda, se uma pessoa ao menos pudesse guardar aquele ponto específico da lei tocante à devida observância do sábado, então os infortúnios de Israel chegariam ao fim, e o Messias finalmente viria” (Farrar, *Life and Work of St. Paul* [Vida e Obra de Paulo], p. 37. Ver também p. 36, 83).

Seria possível apresentar uma descrição mais apropriada do que essa a respeito de um formalismo morto? Todavia, apesar dessa consciência de carência na própria vida, os judeus supunham ter suficiente mérito, a ponto de se acharem tão melhores do que as outras pessoas, que eles as consideravam como meros cães, em contraste consigo mesmos.

Mas não é assim com aqueles que são considerados justos pelo Senhor com base numa fé viva livremente exercitada. Pois quando o Senhor considera uma pessoa justa, ela de fato é justa diante de Deus, e por meio desse ato se torna separada de todas as pessoas do mundo. Mas isso não ocorre por causa de alguma excelência própria, ou de algum “mérito” proveniente de algo que ela mesma tenha feito. Tudo se deve à excelência do Senhor e àquilo que *Ele* fez. E a pessoa que é alvo dessa obra sabe que, em si mesma, ela não é melhor do que ninguém; ao contrário, à luz da justiça de Deus que lhe é gratuitamente comunicada, ela, na humildade da verdadeira fé, voluntariamente considera os outros superiores a si mesma (Fl 2:3).

O ato de atribuírem a si mesmos grande crédito por suas obras e de se considerarem superiores a todos os demais, com base no mérito proveniente do que haviam praticado, levou, sem qualquer demora, os judeus a aterrizar na completa justiça própria do farisaísmo. Eles se consideravam tão melhores do que todos os outros que era impossível haver qualquer parâmetro de comparação. Parecia-lhes uma revolução perfeitamente destruidora ensinar como verdade divina que “para com Deus não há acepção de pessoas” (Rm 2:11).

E o que dizer da vida dessas pessoas? Ah, a vida delas estava cheia de injustiça e opressão, malícia e inveja, discórdia e rivalidade, apunhalamento pelas costas e maledicência, hipocrisia e mesquinhez; jactância por grandemente honrarem a lei, mas desonrando a Deus com suas transgressões; tinham o coração repleto de homicídio e a língua manchada com o estrondoso grito pelo sangue de Um de seus irmãos, e, contudo, não podiam adentrar num tribunal romano “para não se contaminarem”

(Jo 18:28). Ferrenhos defensores do sábado, todavia, passando o dia santo em traiçoeira espionagem e conspiração de assassinato.

O que Deus pensava e ainda pensa de todo esse comportamento descrito acima se encontra suficientemente sintetizado, para o presente propósito, em duas curtas passagens das Escrituras. Esta é a palavra de Deus para Israel – as dez tribos – enquanto ainda lhes restava um tempo de graça:

Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer. E, ainda que Me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não Me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados. *Afasta de Mim o estrépito dos teus cânticos*, porque não ouvirei as melodias das tuas liras. *Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene*” (Am 5:21-24).

E para Judá, aproximadamente à mesma época, Deus apresentou a mesma mensagem por meio das seguintes palavras:

Ouvi a palavra do SENHOR, vós, príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós, povo de Gomorra. De que Me serve a Mim a multidão de vossos sacrifícios? – diz o SENHOR. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não Me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante Mim, quem vos requereu o só pisardes os Meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para Mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a Minha alma as aborrece; já Me são pesadas; estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue.”

“Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos Meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem;

atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas. Vinde, pois, e arrazoemos, diz o SENHOR; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã” (Is 1:10-18).

O próprio Senhor havia designado esses dias de festas, as convocações solenes, os holocaustos, as ofertas de manjares, as ofertas pacíficas; mas agora Ele diz que as aborrece e que não vai aceitá-las. Suas maviosas canções apresentadas por corais preparados e acompanhadas de instrumentos musicais em grande exibição, tudo aquilo que eles consideravam *música* refinada, Deus agora chamava de “estrépito” e queria que fosse afastado Dele.

Deus nunca havia designado nenhum dia de festa, nenhuma convocação solene, nem sacrifícios, nem cânticos com o propósito para os quais estavam sendo usados. Tudo havia sido estabelecido como meio de expressar reverentemente a fé viva pela qual o próprio Senhor pudesse habitar no coração e operar a justiça na vida, de maneira que, em justiça, eles *pudessem* defender o direito do órfão e pleitear a causa das viúvas, a fim de que o juízo *pudesse* correr como as águas, e a justiça, como ribeiro perene.

Cânticos entoados com inflexões pomposas e elegantes, em vãs exibições, não passam de “estrépito”; por outro lado, a simples expressão “Pai nosso” a fluir de um coração tocado pelo poder de uma fé genuína e viva e “pronunciada em sinceridade por lábios humanos é música” que penetra os ouvidos inclinados do Pai celestial (Sl 116:2) e traz bênção divina para a alma.

Este e somente este era o propósito para o qual Deus designara todas essas coisas, e nunca para serem usadas na ostentação vazia de um formalismo morto que tentava comunicar justiça à iniquidade de um coração carnal. Nada senão a limpeza dos pecados pelo sangue do cordeiro de Deus e a purificação do coração mediante a fé viva – nada além disso poderia tornar essas coisas aceitáveis Àquele que as designara.

# FORMALISMO MORTO – II



A. T. JONES

Mesmo vivendo após Cristo ter morrido na cruz, a qual, por si só, deveria representar a destruição eterna de qualquer formalismo morto, vemos, todavia, que este continua estampado numa profissão de fé vazia e tem se exaltado a ponto de se tornar o veneno da fé cristã em toda parte. Já nos primórdios do cristianismo, pessoas não convertidas foram gradual e dissimuladamente se unindo à igreja e acabaram se exaltando no lugar de Cristo. Por não possuírem a presença vivificante de Cristo no coração mediante fé viva, elas, desde então, têm procurado suprir a falta de Sua presença por meio da adoção de rituais, deixando de perceber que somente Cristo pode dar significado e vida a esses rituais.

Nesse sistema de perversão, a regeneração ocorre por meio do ritual do batismo, e mesmo este se resume à aspensão de algumas gotas de água. A presença real de Cristo se manifesta no ritual da ceia do Senhor. A esperança da salvação se concentra no fato de estar ligado a algum ritual prescrito pela igreja. Poderíamos, assim, continuar com toda a lista dos rituais e práticas do cristianismo. Como se não bastasse, sobre esses foram amontoadas milhares e milhares de invenções próprias que podem ser vistas na forma de penitências, peregrinações, tradições e minuciosas distinções.

Como sempre ocorreu com os formalistas, desde a antiguidade, a vida se resume numa manifestação contínua das obras da carne: riva-

lidades e contendas, hipocrisia e iniquidade, perseguição, espionagem, traição e toda sorte de obra má. *Isso é o papado.*

Contudo, o espírito maligno do formalismo morto espalhou-se grandemente para além dos limites do papado como organização. Ele representa, na atualidade, o veneno da profissão da fé cristã em toda a parte, e mesmo aqueles cristãos que professam a mensagem do terceiro anjo não escaparam completamente dele. Ele será o mal predominante, em escala mundial, dos últimos dias até a vinda do Senhor em glória nas nuvens dos céus.

Paulo faz a seguinte descrição:

“Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafiados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes” (2Tm 3:1-5).

Essa predominante forma de piedade sem o poder, chegando até mesmo a negar-lhe o poder, é o formalismo morto contra o qual devemos combater o bom combate de uma fé viva. A fé viva, que está contida na mensagem do terceiro anjo e que deve ser levada ao mundo, tem como objetivo nos salvar do dilúvio mundial do formalismo morto.

Como está a sua vida pessoal hoje? Está marcada pelo formalismo morto ou por uma fé viva? Tem você a forma de piedade sem o poder dela? Ou sua vida possui, mediante fé viva, a presença vivificante do poder do Salvador vivo, a qual dá significado, vida e alegria a todas as formas de adoração e a todos os serviços que Cristo instituiu? Está você praticando as obras de Deus e manifestando os frutos do Espírito em todos os aspectos da sua vida?

Se não for como meio de encontrar a Cristo, o Salvador vivo, *na palavra*, bem como a fé vivificante proveniente Dele, mesmo essa palavra pode se transformar num formalismo morto hoje, à semelhança do que

ocorreu no passado quando Cristo esteve sobre a Terra. Cristo disse aos judeus de então: “Examinais as Escrituras, porque *julgais ter nelas a vida eterna*, e são elas mesmas que testificam de Mim. Contudo, *não quereis vir a Mim para terdes vida*” (Jo 5:39-40).

Eles imaginaram poder encontrar a vida eterna nas Escrituras *sem Cristo*, ou seja, por meio da *prática individual e independente de obras*. Contudo, “o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho”, *o qual encontramos nas Escrituras* e não nas palavras das Escrituras sem Ele, pois são elas que testificam Dele. Este é o propósito delas. Portanto, “aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1Jo 5:11-12).

“A verdadeira piedade eleva os pensamentos e ações. *Então* as formas exteriores da religião entram em harmonia com a pureza interna do cristão; então aquelas cerimônias requeridas no serviço de Deus não são ritos sem significado, como aquelas dos fariseus hipócritas” (Ellen G. White, *Spirit of Prophecy*, vol. 2, p. 219).



# MINISTROS DE DEUS



A. T. JONES

Com base na lista que o Senhor apresenta em 2 Coríntios 6:1-10, fica evidente que não há nada que possa sobrevir à vida do crente em Cristo que a graça de Deus não possa fazer uso e transformar para o bem do crente para que sirva apenas para seu progresso rumo à perfeição em Cristo Jesus. Isso, e nada além disso, é o que a graça de Deus sempre fará se o crente simplesmente permitir que o Senhor cumpra os Seus propósitos na vida dele, e se permitir que a graça reine. É assim que “todas as coisas existem por amor de vós” (2Co 4:15), e é assim que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8:28). Isso é maravilhoso. Realmente glorioso. É a própria salvação. É assim que o crente é capacitado a “sempre” “triumfar em Cristo” (2Co 2:14, ARC).

Isso, porém, só é a metade da história. O Senhor Se propõe não apenas a salvar uma pessoa, mas é Seu desejo usá-la a fim de que ministre a todos os demais o conhecimento de Deus, para que os outros também possam crer. Não devemos pensar que a graça e os dons do Senhor em nosso favor se restringem apenas a nós. Eles são para nós primeiramente, é verdade. Porém, eles são primeiramente para nós a fim de que não apenas nós mesmos sejamos salvos, mas para que sejamos capacitados para beneficiar outros ao lhes comunicarmos o conhecimento de Deus. Nós mesmos precisamos ser participantes da salvação antes de conduzirmos outros até ela. Por isso está escrito: “Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1Pd 4:10,

ARC). E “tudo provém de Deus, que nos reconciliou Consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (2Co 5:18).

Assim, toda pessoa que recebe o dom da graça de Deus, recebe com ela, ao mesmo tempo, o ministério dessa graça para todos os outros. Toda pessoa que se reconcilia com Deus recebe, com essa reconciliação, o ministério da reconciliação a todos os demais. A exortação também se aplica aqui: “Nós [...] também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus” (2Co 6:1). Você é um participante da graça? Então “administre aos outros” (1Pd 4:10). Não receba essa graça em vão. Você está reconciliado com Deus? Então saiba que Ele lhe deu também o ministério da reconciliação. Será que você recebeu esse ministério em vão?

Se não recebermos a graça de Deus em vão, se permitirmos apenas que a graça de Deus reine, o Senhor fará com que ela nos permita “em tudo” sermos recomendáveis “como ministros de Deus”. Esta é a verdade. O Senhor diz assim, e assim é. “*Em tudo* recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus” (2Co 6:4). Isto é: em todas as coisas estaremos transmitindo a outros o conhecimento de Deus. Desse forma, o Senhor Se propõe não somente a nos fazer “triumfar em Cristo” “sempre”, individualmente, mas também a tornar “manifesta *em todo lugar* a fragrância do Seu conhecimento”. (2Co 2:14). Ou seja: Ele Se propõe a tornar conhecido aos outros *por meio de nós, e em todo lugar*, o conhecimento de Si mesmo.

Não podemos realizar isso por conta própria. Cabe a Ele fazer isso por meio de nós. Devemos cooperar com Ele. Devemos ser cooperadores com Ele. E quando assim cooperarmos com Ele, tão certa quanto nossa cooperação será a ação divina de sempre nos fazer triunfar em Cristo e de tornar manifesto o conhecimento de Si mesmo por meio de nós em todo lugar. Ele pode realizar isso. Graças ao Senhor. Não digam, nem mesmo *ensem* que Ele não pode fazer isso por meio de vocês. Ele *pode* realizar isso por meio de vocês. Ele o fará também se vocês simplesmente não receberem Sua graça em vão, se vocês simplesmente permitirem que a graça reine; e se vocês forem cooperadores com Ele.

É verdade que existe um mistério sobre como isso ocorre. É realmente um mistério como Deus pode tornar manifesto o conhecimento de Si mesmo por meio de pessoas como vocês e eu em *algum* lugar, muito menos em *todo* lugar. Por mais misteriosa que seja essa obra, trata-se da pura verdade. Mas será que nós não cremos no mistério de Deus? Certamente que sim. Então nunca se esqueçam de que o mistério de Deus é Deus manifesto na carne. E vocês e eu somos carne. Então o mistério de Deus é Deus manifesto em vocês e em mim, os que cremos. Creiam nisso.

Não se esqueçam também de que o mistério de Deus *não é* Deus manifesto em carne não pecaminosa, mas Deus manifesto em carne pecaminosa.<sup>1</sup> Nunca poderia haver algum mistério no fato de Deus Se manifestar em carne não pecaminosa – em alguém sem nenhuma conexão com o pecado. Isso seria algo bem simples. O fato, porém, de Ele Se manifestar em carne sob a carga do pecado e com todas as tendências ao pecado, tal como a que nós temos, isso sim é um mistério. Sim, esse é o mistério de Deus. E trata-se de uma realidade gloriosa, graças ao Senhor! Creiam nisso. E diante de todo o mundo, e para a alegria de cada ser humano, em Jesus Cristo Deus demonstrou que esse grande mistério é de fato uma realidade na experiência humana. “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também Ele, igualmente, participou” (Hb 2:14). “Convinha que, *em todas as coisas*, Se tornasse semelhante aos irmãos” (Hb 2:17). Portanto, Deus “O fez pecado por nós” (2Co 5:21) “O SENHOR fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (Is 53:6). Assim, em nossa carne, tendo nossa natureza carregada de iniquidade, e Ele mesmo tendo sido feito pecado, Cristo Jesus viveu neste mundo, foi tentado em todos os pontos como nós, e, todavia, Deus sempre fez com que Cristo triunfasse em Deus,<sup>2</sup> tornando manifesta a fragrância do

---

<sup>1</sup> Ver nota na página 107.

<sup>2</sup> “A menos que haja a possibilidade de ceder, a tentação não é tentação. Ela é resistida quando o homem é fortemente influenciado a cometer uma má ação; e, sabendo que pode praticá-la, resiste, pela fé, com firme apego ao poder divino. Foi esta a provação pela qual Cristo passou” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 132).

Seu conhecimento por meio Dele em todo lugar. Deus, então, foi manifesto na carne, em nossa carne, em carne humana sob a carga do pecado, uma carne que se tornou pecado, fraca<sup>3</sup> e que foi tentada como a nossa é.<sup>4</sup> Dessa forma o mistério de Deus se tornou conhecido a todas as nações para a obediência da fé. Oh, creia nisso!

E esse é o mistério de Deus hoje e para sempre – Deus manifesto na carne, em carne humana, na carne, sob a carga do pecado, uma carne tentada e provada. Nessa carne Deus tornará manifesto o conhecimento de Si mesmo em todo lugar em que o crente se encontrar.<sup>5</sup> Creia nisso e louve Seu santo nome!

Esse é o mistério que, na atualidade, por meio da mensagem do terceiro anjo, deve se tornar conhecido a todas as nações para a obediência da fé. Esse é o mistério de Deus que nesse tempo deve “cumprir-se” (cf. Ap 10:7) – não se cumprir apenas no sentido de ser finalizado diante do mundo, mas deve ser cumprido no sentido de sua ampla obra ser completada *no crente*. Este é o tempo em que o mistério de Deus deve ser cumprido no sentido de que Deus deve Se tornar manifesto na carne de cada crente genuíno e em todo lugar onde o crente estiver. Nisso consiste, de fato e em verdade, a guarda dos mandamentos e a fé de Jesus.

“Tende bom ânimo; Eu venci o mundo” (Jo 16:33). E revelei Deus na carne. Nossa fé é “a vitória que vence o mundo” (1Jo 5:4). Portanto, e hoje, “graças [...] a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do Seu conhecimento” (2Co 2:14).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 29 de setembro de 1896

---

<sup>3</sup> Ver nota na página 97.

<sup>4</sup> “Como livre agente moral, Ele foi posto à prova, com liberdade para ceder às tentações de Satanás e agir em oposição à vontade de Deus. Se assim não fora, se não fosse possível que Ele caísse, não poderia ter sido tentado em todos os pontos como a família humana é tentada” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 131).

<sup>5</sup> “Mas sobre aquele que olha a Jesus como autor e consumidor da fé, as tentações de Satanás não têm poder. Não pode levar ao pecado aquele que pela fé aceite as virtudes Daquele que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 224).

# GUARDADOS PELA PALAVRA



A. T. JONES

**N**a vida cristã, tudo depende da palavra de Deus. É verdade que Deus é capaz de nos guardar de pecar, e deseja fazê-lo, mas isso deve acontecer por meio de Sua palavra. Por isso está escrito: “Pela palavra dos Teus lábios, eu me tenho guardado dos caminhos do violento” (Sl 17:4). “Guardo no coração as Tuas palavras, para não pecar contra Ti” (Sl 119:11). Este é o meio designado por Deus e não há outro caminho para que isso seja realizado.

Além disso, vale dizer que esse meio não foi simplesmente designado porque Deus, de forma arbitrária, escolheu que esse *deveria* ser o meio, e então o impôs ao ser humano, exigindo que este seguisse nesse caminho. A Sua palavra é o meio de salvação e o meio de santificação (vida cristã), porque esta é a maneira como Deus faz as coisas e esta é a maneira como Ele Se manifesta. Foi por meio de Sua palavra que Deus criou todas as coisas no princípio. É por meio de Sua palavra que Ele recria o ser humano e é por meio de Sua palavra que Ele vai recriar este mundo e todas as coisas referentes a ele. “Os céus por Sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de Sua boca, o exército deles. [...] Pois Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:6, 9). “Pois fostes regenerados [...] mediante a palavra de Deus” (1Pd 1:23). “E Aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. [...] Disse-me ainda: Tudo está feito” (Ap 21:5, 6).

Os mundos não foram somente criados pela palavra de Deus, mas são também sustentados pela mesma palavra. “De longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual [isto é, pela palavra de Deus] veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água. Ora, os céus que agora existem e a terra, *pela mesma palavra*, têm sido entesourados” (2Pd 3:5-7). Da mesma forma, o cristão não é somente criado pela palavra de Deus, mas pela mesma palavra ele é sustentado, nutrido e motivado a crescer. Deus sustenta “todas as coisas pela palavra do Seu poder (Hb 1:3). E o cristão não é menos parte de “todas as coisas” do que todos os mundos.

Não há nenhuma dúvida sequer de que todos os mundos são sustentados e mantidos no lugar pelo Senhor. Contudo, não são somente os mundos, mas “todas as coisas” são sustentadas e mantidas no lugar pelo Senhor. E essa verdade se aplica com a mesma força tanto para o cristão quanto para qualquer estrela do firmamento ou mundo nas alturas. Não há nenhuma dúvida de que as estrelas e os mundos são sustentados e mantidos em seu curso pela palavra do Senhor. Existe menos dúvida ainda de que o cristão é sustentado e mantido em seu correto curso pela palavra do Senhor.

Temos aqui algo em que todo aquele que professa o nome de Cristo precisa crer e depender. Nem vocês nem eu estamos em melhores condições de nos manter no caminho certo do que o sol e a terra em seu curso. Assim como é certo que os mundos são dependentes de Sua palavra, é igualmente certo que o cristão é dependente dessa palavra. E quando isso é um fato, o cristão é mantido no caminho do Senhor com a mesma certeza e a mesma facilidade com que o é qualquer planeta no universo. Está escrito que Ele “é poderoso para vos guardar de tropeços” (Jd 1:24). Ele diz: “Eu te sustento com a destra da Minha justiça” (Is 41:10). “Mas *estará* firme, porque poderoso é Deus para o firmar” (Rm 14:4).

Ó, você que se encontra em lutas, será que essa palavra que sustenta grandes mundos não é capaz de sustentar você também? Confie nessa palavra. Dependendo implicitamente dela. Descanse completamente *sobre* essa

palavra, e então você encontrará descanso *nela*. Confie que o Senhor há de sustentar você, assim como você confia que Ele sustém o sol. Sua palavra sustenta o sol, e Sua palavra constantemente lhe diz: “Não temas, porque Eu sou contigo; [...] [Eu] te sustento” (Is 41:10). Eu te guardarei, tu és Meu. “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hb 13:5). “Estou com você e cuidarei de você, aonde quer que vá [...]. Não o deixarei enquanto não fizer o que lhe prometi” (Gn 28:15, NVI). “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz” (Hb 4:12). A palavra de Deus é viva e repleta de poder para realizar por você, com você e em você tudo que a palavra diz. Creia nessa palavra, confie nela, pois é a palavra do Deus vivo. É a palavra do salvador compassivo. “Acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma” (Tg 1:21). “Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à *palavra* da Sua graça, que tem poder para vos edificar” (At 20:32). “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo” (Cl 3:16). “[Vós] sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé” (1Pd 1:5). O poder de Deus é manifestado por meio de Sua palavra; portanto, trata-se de Sua palavra poderosa. “A fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10:17). E essa palavra é “fiel” [Tt 1:9]. Temos, assim, uma palavra repleta de fé. Portanto, quando Deus diz que vocês são “guardados pelo poder de Deus, mediante a fé”, isso é a mesma coisa que dizer: Vocês são guardados pela palavra de Deus, “para a salvação preparada para revelar-se no último tempo” (1Pd 1:5). Confie nessa palavra, confie nela e descubra seu poder mantenedor.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 13 de outubro de 1896



# O PODER DA PALAVRA – I



A. T. JONES

“**P**orque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da Minha boca: não voltará para Mim vazia, mas fará o que Me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Is 55:10-13).

A terra só pode produzir vegetação graças à umidade da chuva ou da neve que cai sobre ela. Sem isso, tudo murcharia e morreria. O mesmo ocorre com a vida humana e a palavra de Deus. Sem a palavra de Deus, a vida humana se torna tão destituída de poder e do bem quanto a terra sem a chuva. Mas quando a palavra de Deus cai sobre o coração como as chuvas sobre a terra, então a vida será viçosa e formosa na alegria e paz do Senhor, sendo produtiva com os frutos da justiça que vêm mediante Jesus Cristo.

Observem, também, que não são *vocês* que devem realizar o que Lhe apraz; “mas fará o que Me apraz”. *Vocês* não devem ler ou ouvir a palavra de Deus e dizer: *Eu* devo fazer isso, *eu* farei aquilo. Vocês devem abrir o coração a essa palavra, para que ela cumpra a vontade de Deus em vocês. Não são *vocês* que devem cumpri-la, mas a própria *palavra*. É ela que faz a obra, e cabe a cada um de nós *permitir* que ela a realize. “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo” (Cl 3:16).

Essa mesma ideia é expressa da seguinte forma em outro lugar: “Tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a pala-

vra de Deus, *a qual, com efeito, está operando eficazmente* em vós, os que credes” (1Ts 2:13). Assim, é a palavra de Deus que deve operar em vocês. Não são vocês que devem agir para realizar a palavra de Deus: é a palavra de Deus que deve agir em vocês para levar vocês a cumpri-la. “Para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a *sua eficácia* que opera *eficientemente* em mim” (Cl 1:29).

Visto que a palavra de Deus é viva e poderosa, quando ela tem a permissão de operar na vida, obras poderosas serão realizadas na vida do indivíduo. Visto que essa palavra é a palavra de Deus, o poder, do qual ela está repleta, nada mais é do que o poder de Deus. E quando essa palavra tem a permissão de operar na vida, a obra de Deus se manifestará na vida mediante a operação eficiente do poder de Deus. Então é Deus *que opera* em vocês “tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade” (Fl 2:13). “A *palavra* [...] fará o que Me apraz”. Vamos permitir isso.

Como base nesses textos bíblicos, fica evidente que se espera de nós que consideremos a palavra de Deus como *autorrealizável*. A palavra de Deus é autorrealizável. Esta é a grande verdade apresentada em todas as Escrituras. Esta é a diferença entre a palavra de Deus e a palavra dos homens. E esta é a diferença enfatizada na passagem que diz: “Tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes *não como palavra de homens*, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes”.

Não há nenhum poder na palavra do ser humano que a faça cumprir o que diz. Não importa qual seja a habilidade de uma pessoa para cumprir o que ela diz, não há nenhum poder na sua palavra em si para realizar o que essa palavra diz. A palavra de uma pessoa pode expressar a coisa mais fácil possível de ser cumprida, e você pode confiar nela completamente; todavia, ela é inteiramente dependente da própria pessoa para que seja cumprida; e isso ocorre de forma *desassociada da palavra pronunciada pela pessoa*. Não é a palavra que realiza a ação. É a própria pessoa que deve cumpri-la. A ação se cumpre tão verdadeiramente

quanto se nenhuma palavra tivesse sido emitida. É assim que funciona com a palavra humana.

No entanto, não é assim com a palavra de Deus. Quando a palavra é falada pelo Senhor, há *nessa palavra*, no momento da elocução, o poder vivo para realizar o que a palavra expressa. Não se faz necessário que o Senhor empregue o mínimo que seja de qualquer outro meio, exceto a própria palavra para que seja realizado o que a palavra diz. A Bíblia está repleta de ilustrações desse fato, e elas estão ali escritas para nos ensinar estes fatos: devemos considerar a palavra como a palavra de Deus, e não como a palavra de homens; e devemos recebê-la como, em verdade é, a palavra de Deus, para que ela opere eficientemente em nós o querer e a boa vontade de Deus.

“Os céus por Sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de Sua boca, o exército deles. [...] Pois Ele falou, e tudo se fez” (Sl 33:6, 9). “Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.” (Hb 11:3, ARC). No princípio não havia nenhum mundo. Mais do que isso, não havia nenhum material de que os mundos são formados. Não havia nada. Deus então falou, e todos os mundos estavam em seus respectivos lugares. De onde vieram os mundos então? Antes que Deus falasse, não havia nenhum; depois que falou, lá estavam eles. Então de onde eles vieram? Que agente os produziu? Que agente produziu o material de que são formados? Que agente fez com que eles existissem? Foi *a palavra* que foi falada que realizou tudo isso. E essa palavra fez tudo isso porque era a palavra de Deus. Havia nessa palavra a divindade de vida e espírito, o poder criativo, capaz de realizar tudo o que a palavra expressou. Esta é a palavra de Deus.

“E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada” (1Pd 1:25). A palavra de Deus na Bíblia é a mesma – a mesma em vida, em espírito [princípio vital], em poder criativo –, exatamente a mesma que fez os céus e o exército deles. Foi Jesus Cristo que falou a palavra na criação; é Ele que fala a palavra na Bíblia. Na criação, a palavra que Ele falou criou

os mundos; na Bíblia, a palavra que Ele fala salva e santifica a alma. No princípio, a palavra que Ele falou criou os céus e a terra; na Bíblia, a palavra que Ele fala cria em Cristo Jesus a pessoa que recebe a palavra. Em ambas as situações, e em tudo que tem a ver com a obra de Deus, é a palavra que realiza a obra.

Que a palavra de Cristo habite ricamente em vocês. Que vocês a recebam, não como palavra de homens, mas como, em verdade é, a palavra de Deus que opera eficientemente também em vocês. Então, “assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, *assim será a palavra* que sair da Minha boca: não voltará para Mim vazia, mas fará o que Me apraz e prosperará naquilo *para que* a designei” (Is 55:10-13). “A vós vos é enviada a palavra desta salvação” (At 13:26). “Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à *palavra* da Sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados” (At 20:32).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 20 de outubro de 1896

# O PODER DA PALAVRA – II



A. T. JONES

Vimos que o poder que reside na palavra de Deus é suficiente, bastando ser pronunciada, para criar mundos. Semelhantemente, é suficiente, ao ser ela agora falada aos homens, para recriar, em Cristo Jesus, todo aquele que a recebe.

No capítulo 8 de Mateus está relatado que um centurião veio até Jesus e lhe implorou:

“Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente. Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas *apenas manda com uma palavra*, e o meu rapaz *será curado*. [...] Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado” (Mt 8:6-8, 13).

O que o centurião esperava que fosse curar o servo? Era “apenas a palavra”. Ele não espera que o Senhor realizasse o milagre de alguma forma desassociada da palavra. Não. Ele ouviu a palavra: “Seja feito conforme a tua fé”. Ele aceitou a palavra que é, em verdade, a palavra de Deus e colocou sua esperança *nela*, dependeu *dela*, a fim de que ela realizasse o que ela havia dito. E assim se fez. E essa palavra é hoje a palavra de Deus tão certamente quanto era no dia em que ela foi originalmente falada. Ela não perdeu nada de seu poder, pois a palavra é “viva e [...] permanece para sempre” (1Pd 1:23).

Novamente lemos em João 4:46-53 que certo oficial, cujo filho estava doente em Cafarnaum, foi ter com Jesus “e Lhe rogou que descesse para curar seu filho, que estava à morte. Então, Jesus lhe disse: Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis. Rogou-lhe o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra. Vai, disse-lhe Jesus; teu filho vive. O homem creu na palavra de Jesus e partiu. Já ele descia, quando os seus servos lhe vieram ao encontro, anunciando-lhe que o seu filho vivia. Então, indagou deles a que hora o seu filho se sentira melhor. Informaram: Ontem, à hora sétima a febre o deixou. Com isto, reconheceu o pai ser aquela precisamente a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive”.

Este é o poder da palavra de Deus para a pessoa que a recebe como, em verdade é, a palavra de Deus. Este é o poder que “está operando eficazmente em vós, os que credes” (1Ts 2:13). Este é o modo pelo qual a palavra de Deus realiza o que é do agrado de Deus naqueles que a recebem e permitem que ela habite neles. Observem que, em ambos os casos, o milagre foi realizado no mesmo momento em que a palavra foi falada. Observem também que os doentes não estavam na presença imediata de Jesus, mas a alguma distância Dele – o último estava pelo menos a um dia de viagem de onde o oficial o abordou. Todavia, ele foi curado imediatamente, assim que a palavra foi pronunciada. E essa palavra é viva e repleta de poder hoje, tão certamente quanto era naquele dia, para todo aquele que a recebe como os personagens da história a receberam naquele dia. É um ato de fé aceitar essa palavra como a palavra de Deus e depender *dela* para que realize a obra que ela pronuncia. A respeito do centurião que disse “Apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado” Jesus falou o seguinte aos que estavam ao Seu redor: “Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei *fé como esta*” (Mt 8:10). Que Ele encontre essa fé em toda parte no Israel de hoje.

Jesus diz a cada um de nós: Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15:3). É *por meio da palavra* que essa purificação ocorre. O Senhor não Se propõe a purificar vocês de qualquer outra forma dis-

sociada de Sua palavra, mas por meio da palavra que Ele falou. É ali e somente ali que vocês devem procurar pelo poder purificador, recebendo-o como, em verdade é, a palavra de Deus que opera eficazmente em vocês e realiza o que é do Seu agrado. Ele não Se propõe a torná-los puros exceto mediante o poder e a interiorização de Suas puras palavras.

Um leproso disse a Jesus: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”. E Jesus lhe respondeu: “Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra” (Mt 8:2-3). A resposta é a mesma agora para você: “Quero, fica limpo!” E “imediatamente” *vocês são purificados* tão certamente quanto aquele outro leproso o foi. Creia na palavra, e louve ao Senhor por Seu poder purificador. Não creia na palavra pelo que ela pôde realizar pelo leproso daqueles tempos; creia nela pelo que ela pode fazer por você aqui, agora, imediatamente. Esta palavra é para você agora: “Fica limpo!” Aceite-a como o fizeram as pessoas daquela época, e ela imediatamente passa a operar eficazmente em você a boa vontade do Pai.

Que todos que recebem sobre si o nome de Cristo recebam Sua palavra hoje como, em verdade é, a palavra de Deus, dependendo dessa palavra para que ela realize o que a palavra diz. Então, como Cristo amou a igreja e deu a Si mesmo por ela, “para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a Si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5:26-27), isso se cumprirá agora para a glória de Deus.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 27 de outubro de 1896



# VIVENDO PELA PALAVRA



A. T. JONES

“**M**as agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:21-23).

A justiça de Deus é a primeira coisa que uma pessoa deve buscar. “Buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça” (Mt 6:33). E no caminho da justiça há vida. É impossível separar a vida de Deus da justiça de Deus. Se você tiver a justiça de Deus, é certo que terá a vida de Deus.

E “*agora*, sem lei, se manifestou a justiça de Deus”. A palavra “*agora*” significa neste tempo presente, exatamente neste momento, até mesmo enquanto você está lendo. Exatamente neste momento, então, a justiça de Deus se manifesta “para todos e sobre todos os que creem”. Você crê em Jesus Cristo *agora*, neste momento? Você crê? Se a resposta for afirmativa, então “*agora*”, neste exato momento, a justiça de Deus se manifesta para você e sobre você. Você crê nisso? A palavra de Deus afirma que isso é assim; e *você*, afirma que isso é assim? Caso você não diga que é isso o que acontece, será que você crê na palavra? Quando o Senhor lhe diz claramente que Sua justiça é “*agora*” manifesta para você e sobre você, e você não declara que ela se manifesta “*agora*” para você e sobre você, então será que você realmente crê no Senhor? Quando Ele claramente fala sobre algo destinado para você e você não diz que isso é uma verdade para você, será que você realmente crê Nele?

O Senhor quer que você diga que aquilo que Ele afirma é um fato, um fato “agora”, neste momento, para você e em você. “[Eu] vos escrevo novo mandamento, aquilo que é verdadeiro Nele e em vós” (1Jo 2:8). Quando o Senhor diz uma coisa, ela é verdadeira mesmo que ninguém no mundo venha a crer nela. Seria uma verdade Nele, mas não neles. Mas Deus quer que tal coisa seja uma verdade tanto em você quanto *Nele mesmo*. Então quando você reconhece que o que Ele diz é verdadeiro para você “agora”, neste momento, então essa coisa será verdadeira Nele e *em você*. Isso é crer em Deus. É crer em Sua palavra. Isso significa ter Sua palavra permanecendo em você. E “se permanecerdes em Mim, e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15:7).

Muitas pessoas estão dispostas a admitir, de maneira geral, que aquilo que o Senhor diz é um fato. Elas admitem que pode ser um fato para outras pessoas; contudo, não afirmam que tal fato é uma realidade, exatamente agora, para elas mesmas. Essas pessoas não sabem realmente que a palavra de Deus é verdadeira. “Você tem fé? Tenha para você mesmo diante de Deus” (Rm 14:22, KJV). Se você não tem fé por si mesmo, uma fé pessoal, você não tem nenhuma fé. Se você não crê na palavra do Senhor como verdade para você individualmente e *agora*, você não crê nela de forma alguma; pois, visto que você não está vivendo ontem nem amanhã, mas exatamente agora, enquanto perdurar o *agora*, se você então não crê *agora*, você não crê absolutamente. Portanto, a palavra de Deus declara que *agora* é o “tempo sobremodo oportuno”, que *agora* é o “dia da salvação” (2Co 6:2), e que “*agora* [...] se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem”.

Você crê em Jesus Cristo como seu Salvador pessoal *agora*? Não custa mais do que um momento para você poder responder isso. Então, nesse momento agradeça ao Senhor porque Sua justiça se manifesta para você e sobre você. Ele não somente diz isso, mas Ele fornece testemunhas do fato – Sua justiça é testemunhada pela lei e pelos profetas. A lei que

you transgressed, the law that showed your guilt before God, that same law “*agora*”, taking into account the manifestation of God’s justice, testifies that you have a valid claim to possess that justice of God and that, for that, you are justified by the faith of Jesus Christ. The prophets also testify in favor of this blessed fact. “At the moment when the sinner believes in Christ, he remains without condemnation before God, for the justice of Christ is imputed to him. Perfect obedience to Christ is imputed” (Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 429). Will that be sufficient to impel you to say *agora*, at this moment, if you did not do it before, that “*agora* [...] he manifested the justice of God” for you and over you that *agora* believe in Jesus?

“Being justified freely by His grace, by the redemption that is in Christ Jesus, to whom God has propitiated by the faith in His blood, to declare His justice for the remission of sins committed, under the patience of God” (Rm 3:24-25, KJV). Do you prefer to have *agora* the justice of God in place of your sins? You say yes. Very good. God has propitiated “*agora*” to Jesus Christ “to declare” to you “the justice of God for the remission of sins committed”. Do you want to abandon your sins *agora*, at this moment, and to appropriate the justice that He intentionally has propitiated to give and to which *agora*, at this moment, He gives freely? “Being justified freely”. “Being” refers to the present; “was”, to the past, and “will be”, to the future; but “being” has to do with the present. Therefore, the Lord says to you and about you that believe in Christ: “Being [*agora*, at this moment] justified freely by His grace, by the redemption that is in Christ Jesus, [...] under the patience of God”.

But God does not close the matter there. He emphasizes the power and the blessing present in this fact infinitely. “For demonstration of His justice *in this present time*”. First He says that it is “*agora*” that the justice of God is manifested for all and over all those who believe; then He speaks of all these as “being justified freely”, and then He emphasizes the whole matter in this way: “For demonstration of His justice *in this present time*”.

*po presente*”. Ó, alma carente, tremente e insegura, não é suficiente esta certeza de que *agora*, neste momento, a justiça de Deus é sua? Que *agora* você está sendo justificada gratuitamente por Sua graça? Que *agora*, “neste tempo presente”, a justiça é declarada sobre você para a remissão de todos os seus pecados dantes cometidos?

Isso não é suficiente? É suficiente para satisfazer a Deus, pois Ele diz: “Para declarar neste tempo presente a Sua justiça; *para que Ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus*” (Rm 3:26, KJV). Então, visto que essa justiça é toda-suficiente para satisfazer ao Senhor, será que não é suficiente para satisfazer a você? Não quer você *agora* receber a plenitude desse bendito “dom da justiça” (Rm 5:17), que é vida, de maneira que o Senhor, ao ver “o fruto do penoso trabalho de Sua alma” (Is 53:11), fique satisfeito novamente, ou seja, fique duplamente satisfeito ao ver em você a alegria da salvação? Isso é tudo o que Ele pede de você. “Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4:5).

Aqui está a palavra de Deus, a palavra da justiça, a palavra da vida, para você “agora”, “neste tempo presente”. Você gostaria de se tornar justo por meio dela *agora*? Gostaria de viver por ela *agora*?

Isso é justificação pela fé. Isso é justiça pela fé. É a coisa mais simples do mundo. Trata-se simplesmente de saber se a palavra de Deus será verdadeira em você “agora” ou não. Deus falou a Abraão: “Conta as estrelas, se é que o podes. [...] Será assim a tua posteridade” (Gn 15:5). E Abraão “creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gn 15:6). “E não somente por causa dele está escrito que lhe foi imputado, mas *também por nossa causa*, posto que a nós igualmente nos *será imputado*, a saber, a nós que cremos Naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação. Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 4:23-25; 5:1).

# ESTUDOS EM GÁLATAS



## GÁLATAS 1:3-5

A. T. JONES

“Graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do nosso Senhor Jesus Cristo, o qual Se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém!”

“Graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do nosso Senhor Jesus Cristo”. Esta é a saudação em cada epístola de Paulo, exceto a endereçada aos Hebreus; e, com pequenas variações, é a mesma encontrada em ambas as cartas de Pedro.

Todavia, não se trata apenas de forma. Essas epístolas chegaram até nós como a palavra de Deus, o que em verdade elas são. Essa saudação, então, embora repetida com frequência – ou melhor, até mesmo *pelo fato* de ser repetida com frequência –, chega até nós como a palavra de Deus em saudação e plena certeza de Seu favor e paz, que foram oferecidos para sempre a toda alma.

Graça é favor. Essa palavra de Deus, então, estende Seu favor a cada alma que a lê ou que a ouve.

O próprio nome de Deus é Gracioso (Ex 34:6, KJV), Aquele que concede graça. Seu nome nada mais é do que aquilo que Ele mesmo é. E o que Ele é, Ele o é “ontem e hoje, [...] e o será para sempre” (Hb 13:8). Nele “não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1:17). Portanto,

por meio Dele, graça, favor sem limites, é sempre estendida a cada pessoa. Quem dera que todos tão somente cressem nisso!

“E paz”. Ele é o “Deus da paz” (1Ts 5:23). Não há paz verdadeira senão a que vem de Deus. E “para os perversos [...] não há paz, diz o SENHOR” (Is 48:22). “Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar” (Is 57:20).

Mas o mundo inteiro jaz em impiedade; contudo, o Deus da paz pronuncia paz a cada pessoa, pois, Cristo, o “Príncipe da Paz” (Is 9:6) “nossa paz”, fez de Deus e o homem, um só, desafiando na Sua carne a inimizade, para criar em Si mesmo dos dois – Deus e o homem – um novo homem, fazendo *assim* a paz – “fazendo a paz” “pelo sangue da Sua cruz” (Ef 2:14-17; Cl 1:20, KJV). “E, *havendo feito* a paz pelo sangue da Sua cruz”, Ele veio e “*pregou* a paz a vós que estáveis longe e aos que estavam perto”, paz a todos vocês. Assim, a saudação de Deus a cada pessoa é sempre e eternamente: “Paz seja contigo”, e toda ela provinda de Deus o Pai, e de nosso Senhor Jesus Cristo!

Quem dera se todos cressem nisso, a fim de que “a paz de Deus, que excede todo o entendimento”, guardasse seu coração e mente por Cristo Jesus (Fl 4:7).

Deixe que “a paz de Deus [...] domine em vossos corações” (Cl 3:15). Deixe que isso aconteça. Isso é tudo o que Deus pede; não recuse, nem o rejeite, mas apenas *deixe*.

“O qual Se entregou a Si mesmo *pelos* nossos pecados”. Ó, irmão e irmã, pecador, não importa quem você seja, por mais intenso que seja o fardo dos seus pecados, Cristo Se entregou a Si mesmo pelos seus *pecados*. Deixe que Ele os tenha. Ele os comprou – *comprou os pecados* – com o terrível preço da crucificação de Si mesmo. Deixe que Ele os *tenha*.

Ele não pede que você lance fora todos os seus pecados antes de se aproximar Dele e ser completamente Dele. Ele pede que você venha, *com seus pecados e tudo o mais*, e seja completamente Dele, *com seus pecados e tudo o mais*; e Ele tirará de você e lançará longe, e para sempre, *todos os*

*seus pecados*. Ele entregou a Si mesmo por você, *com seus pecados e tudo o mais*. Ele comprou você, *com seus pecados e tudo o mais*. Deixe que Ele tenha o que Ele comprou; deixe que Ele tenha o que Lhe pertence; deixe que Ele tenha você, *com seus pecados e tudo o mais*.

Ele “Se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados, *para nos desarraigar deste mundo perverso*”. Observem que, a fim de nos desarraigar deste mundo perverso, Ele Se entregou a Si mesmo pelos nossos *pecados*. Isso mostra que tudo que existe deste mundo perverso para cada um de nós se encontra *em* nossos *pecados*.

E trata-se de “nossos pecados”. Eles *nos* pertenciam. Nós éramos responsáveis por eles. E no que dizia respeito a nós, este mundo perverso atual jazia no nosso próprio eu, em nossos pecados. Mas, louvado seja Deus, Ele Se entregou a Si mesmo por nós, com nossos pecados e tudo o mais; Ele Se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados, por nós e tudo o mais, e isso Ele fez “para nos livrar do presente século mau” (ARC).

Vocês gostariam de ficar livres deste presente século mau? Permitam que Ele tenha a posse da sua vida, com os pecados e tudo o mais, os quais Ele comprou e que, por pleno direito, pertencem a Ele. Por favor, não roubem a Cristo daquilo que Lhe pertence, pois dessa forma vocês permanecerão neste presente século mau, mesmo que queiram ficar livres dele. Por favor, não cometam o pecado adicional de conservar o que não pertence a vocês.

Visto que os pecados eram *nossos* e Ele Se entregou a Si mesmo por eles, conclui-se claramente que Ele Se entregou *para nós* pelos nossos pecados. Então, quando Ele Se entregou a Si mesmo pelos pecados *de vocês*, os pecados de vocês se tornaram *Dele*; e quando Ele Se entregou a Si mesmo para você pelos seus pecados, *Ele* passou a ser *de vocês*. Permitam que Ele tenha a posse de seus pecados, que pertencem a *Ele*, e, no lugar deles, apropriem-se *Dele*, pois Ele pertence *a vocês*. Bendita troca, pois Nele vocês têm, como propriedade garantida, toda a plenitude da divindade, corporalmente, e tudo “segundo a vontade de Deus”. Graças ao Senhor.

Como não dar a Ele “glória para todo o sempre” (Fl 4:20), e por que não dizer, todos juntos: Amém?

*Advent Review and Sabbath Herald*, 10 de novembro de 1896

---



## GÁLATAS 2:20

A. T. JONES

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a pela fé no Filho de Deus, O qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim.”

Não seria inapropriado enfatizar o que esse texto *realmente* diz, notando o que ele não diz.

Ele *não* diz: Eu quero estar crucificado com Cristo. Ele *não* diz: Eu gostaria de estar crucificado com Cristo, de maneira que Ele pudesse viver em mim; mas *diz*: “Já *estou* crucificado com Cristo”.

Além disso, o texto *não* diz: Paulo estava crucificado com Cristo; Cristo vivia em Paulo, e o Filho de Deus amou a Paulo e Se entregou a Si mesmo por Paulo. Tudo isso é verdadeiro, mas isso *não é* o que o texto diz, nem é este o seu significado, pois ele significa justamente o que diz. Ele *diz*: Já *estou* crucificado com Cristo; e *vivo*, não mais *eu*, mas Cristo vive em *mim*; e a vida que agora vivo na carne vivo-a pela fé no Filho de Deus, O qual *me* amou e Se entregou a Si mesmo por *mim*”.

Assim, esse verso representa um belo e sólido fundamento da fé cristã para cada pessoa do mundo. Ele torna possível que cada pessoa possa dizer, com plena certeza de fé cristã: “Ele *me* amou”. “Ele Se entregou a Si mesmo por *mim*”. “*Eu* estou crucificado com Cristo”. “Cristo vive *em mim*”. Leia também 1 João 4:15.

Afirmar “Já estou crucificado com Cristo” não é mera especulação. Não é crer em uma conjectura. Não se trata de afirmar alguma coisa sobre a qual não há nenhuma certeza. Qualquer pessoa neste mundo pode dizer com toda verdade e sinceridade: “Já estou crucificado com Cristo”. Trata-se apenas da aceitação de um fato, a aceitação de algo já realizado, pois essa palavra é a declaração de um fato.

É um fato que Jesus Cristo foi crucificado. E quando Ele foi crucificado, nós também fomos crucificados, pois Ele é um de *nós*. Seu nome é Emanuel, “que quer dizer: Deus conosco” (Mt 1:23) – não Deus com *Ele*, mas “Deus conosco”. Considerando que Seu nome *não* é Deus com *Ele*, mas “Deus conosco”, e que Deus com *Ele não era* Deus com *Ele*, mas Deus conosco, então quem era *Ele* senão “*nós*”? Ele tinha que ser “*nós*”, a fim de que Deus com *Ele* não fosse Deus com *Ele*, mas “Deus conosco”. E quando *Ele* foi crucificado, quem foi crucificado, a não ser “*nós*”?

Esta é a poderosa verdade anunciada nesse texto. Jesus Cristo era “*nós*”. Ele tinha a mesma carne e sangue que nós.<sup>1</sup> Ele era feito de nossa própria natureza. Ele era em todos os pontos como nós. “Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, Se tornasse semelhante aos irmãos” (Hb 2:17). Ele “a Si mesmo Se esvaziou, [...] tornando-Se em semelhança de homens” (Fl 2:7). Ele era “o último Adão” (1Co 15:45). E precisamente como o primeiro Adão era nós mesmos, assim Cristo, o último Adão, era nós mesmos. Quando o primeiro Adão morreu, nós, estando envolvidos nele, morremos com ele. E quando o último Adão morreu, nós, estando envolvidos Nele, morremos com Ele. E quando o último Adão foi crucificado – sendo *Ele* nós mesmos e estando nós envolvidos Nele –, nós fomos crucificados *com Ele*. Como o primeiro Adão era em si mesmo a totalidade da raça humana, assim o último Adão era em *Si mesmo* a totalidade da raça humana; e, dessa forma, quando o último Adão foi crucificado, a totalidade da raça humana – a velha e pecaminosa natureza humana – foi crucificada com Ele. Por isso está escrito: “Sabendo isto: que FOI CRU-

<sup>1</sup> Ver nota na página 97.

CIFICADO COM ELE *o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado*” (Rm 6:6).

Logo, toda pessoa neste mundo pode verdadeiramente dizer, no perfeito triunfo de fé cristã: “Já estou crucificado com Cristo”. Minha velha natureza humana pecaminosa está crucificada com Ele para que este corpo de pecado seja destruído, para que, de agora em diante, eu não sirva o pecado (Rm 6:6). Contudo eu vivo, mas não mais eu, mas Cristo vive em mim. Sempre carregando em meu corpo a morte do Senhor Jesus – a crucificação do Senhor Jesus, pois estou crucificado com Ele –, a fim de que *a vida também de Jesus* se manifeste em meu corpo. Porque eu, que vivo, sou sempre entregue à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em minha carne mortal (cf. 2Co 4:10, 11). Portanto, a vida que agora vivo na carne vivo-a pela fé no Filho de Deus, O qual *me* amou e Se entregou a Si mesmo por *mim*.

Nesse bendito fato da crucificação do nosso Senhor Jesus, realizado em favor de cada ser humano, reside não somente o fundamento de fé *para* cada pessoa, mas também o *dom da fé* dado PARA cada pessoa. Assim, a cruz de Cristo representa não somente a sabedoria de Deus revelada da parte de Deus para nós, mas também o *próprio poder de Deus* manifestado para nos livrar de todo pecado e nos conduzir a Deus.

Ó pecador, meu irmão e minha irmã, creia nisso. Por favor, receba essa poderosa verdade e renda-se a ela. *Declare* essa verdade com plena certeza de fé, e declare-a para sempre. “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a pela fé no Filho de Deus, O qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim”. Repita isso, pois é a verdade, a própria verdade e sabedoria e poder de Deus, que salva a alma de todo pecado.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 24 de outubro de 1896



**GÁLATAS 3:10-14****A. T. JONES**

“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se Ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido” (Gl 3:13-14)

A maldição da lei, toda maldição que já existiu ou possa existir, se deve simplesmente ao pecado. Isso é poderosamente ilustrado em Zacarias 5:1-4. O profeta viu “um rolo voante, [de] vinte côvados de comprimento e dez de largura”. O Senhor então lhe disse: “Esta é a maldição que sai pela face de toda a Terra”; ou seja, esse rolo representa toda a maldição que está sobre a face de toda a Terra.

E qual é a *causa* dessa maldição sobre a face de toda a Terra? É esta: “Porque qualquer que *furtar* será cortado conforme a maldição desse lado, e qualquer que *jurar* falsamente será cortado conforme a maldição do outro lado” (KJV). Em outras palavras, esse rolo representa a lei de Deus, e um mandamento é citado de cada tábua, indicando que ambas as tábuas estão inclusas no rolo. Toda pessoa que furtar – todo aquele que transgredir nas coisas pertinentes à segunda tábua – será cortado conforme a maldição decorrente desse lado da lei; e toda pessoa que jurar falsamente – todo aquele que transgredir nas coisas pertinentes à primeira tábua da lei – será cortado conforme a maldição decorrente do outro lado da lei.

Assim, os anjos registradores no Céu não precisam *escrever em detalhes* uma declaração de cada pecado do ser humano, mas simplesmente indicar o mandamento específico violado em cada transgressão. Fica claro também, no verso que se segue, que esse rolo da lei acompanha cada pessoa onde quer que ela vai, residindo até mesmo em sua casa: “Fá-la-ei sair, diz o SENHOR dos Exércitos, e a farei entrar na casa do ladrão e na

casa do que jurar falsamente pelo Meu nome; e ela permanecerá no meio de sua casa”. E a menos que se encontre um remédio, o rolo vai permanecer ali até que a maldição consuma tal pessoa e a casa dela com “sua madeira e as suas pedras”; ou seja, até que a maldição devore toda a Terra naquele grande dia em que “os elementos se desfarão abrasados” (2Pd 3:10), pois “a força do pecado” e da maldição “é a lei” (1Co 15:56).

Mas graças sejam dadas a Deus, pois “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se ele próprio maldição em nosso lugar” (Gl 3:13). Todo o peso da maldição recaiu sobre Ele, pois “o SENHOR fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (Is 53:6); e “Aquele que não conheceu pecado, [Deus] O fez pecado por nós” (2Co 5:21). E todos que O recebem, recebem liberdade de todo pecado e liberdade da maldição, visto estarem livres de todo pecado.

Cristo suportou a maldição de forma tão completa que, da mesma forma que a maldição veio sobre a Terra depois do pecado do ser humano, produzindo “espinhos e ervas daninhas” (Gn 3:17, 18 NVI), o Senhor Jesus, ao redimir todas as coisas da maldição, usou a *coroa de espinhos* e, assim, resgatou da maldição tanto o homem quanto a terra. Bendito seja o Seu nome. A obra *está* realizada. “Cristo nos *resgatou* da maldição”. Graças ao Senhor. Ele *Se tornou* maldição por nós, pois *foi pendurado* em madeiro.

E como tudo isso se trata de uma obra já realizada, a libertação da maldição por meio da cruz de Jesus Cristo corresponde ao dom gratuito de Deus a cada ser humano desta Terra. E quando uma pessoa recebe esse dom gratuito de resgate de toda a maldição, esse rolo ainda a acompanha; contudo, graças ao Senhor, sem mais trazer consigo uma maldição, mas testemunhando a “justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção” (Rm 3:21-22). Na verdade, o objetivo final de Deus ao nos resgatar da maldição é “que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo” (Gl 3:14). Essa bênção de Abraão é a justiça de Deus, a qual, como já vimos nesses estudos, só pode vir de Deus, como dom gratuito de Deus, recebido pela fé.

Considerando que “todos quantos [...] são das obras da lei estão debaixo de maldição” (Gl 3:10) e que “Cristo nos resgatou da maldição da lei” (v. 13), podemos concluir que Ele também nos resgatou das obras da lei, as quais, por serem nada mais do que *nossas próprias obras*, constituem apenas pecado, e que Ele, pela graça de Deus, nos concedeu *as obras de Deus*, as quais, por serem as obras da fé, que é dom de Deus, são apenas justiça, conforme está escrito: “A obra de Deus é esta: que creiais Naquele que por Ele foi enviado” (Jo 6:29). Temos aqui o verdadeiro descanso, o descanso celestial, o descanso de Deus. E “aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das Suas” (Hb 4:10).

Portanto, “Cristo nos resgatou da maldição da lei” e da maldição de nossas próprias obras, a fim de que a bênção de Abraão, que é a justiça e as obras de Deus, “chegasse aos gentios, por meio de Jesus Cristo”. E tudo isso “a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido”. Assim, “agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. E “o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:1-4, ARC).

Graças sejam dadas a Deus pelo dom indizível de Sua própria justiça no lugar de nossos pecados, e de Suas próprias obras de fé no lugar de nossas obras da lei – um dom que chegou até nós na redenção que temos em Cristo Jesus, o qual “nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se Ele próprio maldição em nosso lugar”.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 19 de dezembro de 1899



## GÁLATAS 5:3

A. T. JONES

“De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que ele é um devedor para guardar toda a lei.”

“Devedor para guardar toda a lei”. É curioso que muitos, ao considerarem essa declaração, a tem interpretado como se ela fizesse uma distinção entre duas leis e eliminasse a lei de Deus do assunto em questão, permitindo que a palavra “devedor” tenha apenas o sentido de “obrigação”.

Eles sabem, pelas Escrituras, que o dever de todo homem é temer a Deus e guardar os Seus mandamentos (cf. Ec 12:13). Eles reconhecem que nenhuma outra passagem pode contradizer essa. Eles estão conscientes de que todos estão sob a obrigação de guardar toda a lei de Deus, quer sejam circuncidados ou não. E aceitando que o termo implica somente obrigação – que, se o homem for circuncidado, ele está sob a obrigação de guardar toda a lei –, chegam à conclusão de que isso não inclui a lei de Deus; e supõem que deva se tratar de alguma lei que ninguém tem a obrigação de cumprir, a menos que a pessoa seja circuncidada; concluem, portanto, que “toda a lei” aqui em questão só pode ser toda a lei cerimonial de sacrifícios e ofertas.

Por outro lado, há aqueles que mantêm a postura de que estão totalmente desobrigados de guardar a lei de Deus, e apresentam esse texto como apoio para sua desobediência e oposição. Acreditam que somente os circuncidados estão sob a obrigação de guardar a lei, e que a obrigação se impõe a partir do momento em que uma pessoa é circuncidada – e eles estão conscientes de que a circuncisão não é um rito obrigatório. Com essas premissas, argumentam que não estão sob a obrigação de guardar os dez mandamentos.

Mas ambos os grupos estão equivocados; ambos deixam de perceber o pensamento encontrado nesse verso. E a causa desse equívoco é o fato de darem à palavra “*devedor*” apenas o sentido de “obrigação”.

É verdade que a palavra significa “obrigação”. Mas nesse lugar e em todos os outros contextos relacionados com obrigações morais das pessoas, a palavra tem um significado tão mais amplo e profundo do que o de mera obrigação que o sentido de mera obrigação se torna realmente secundário.

A expressão “ser devedor”, encontrada nesse verso (Gálatas 5:3), significa não apenas que uma pessoa está em dívida e na obrigação de pagá-la, mas que, além disso, ela tem uma dívida estonteante, *sem absolutamente nada* com que pagar. Se uma pessoa é devedora, estando assim na obrigação de pagar, por exemplo, mil dólares, mas ao mesmo tempo tem muito dinheiro, ou pelo menos a capacidade de saldar essa dívida, a coisa está muito simples. Mas se alguém é devedor, estando na obrigação de saldar uma dívida de 14 milhões de dólares, sem ter um único centavo para pagar, e está preso, sem qualquer capacidade para ganhar um centavo sequer para quitar sua dívida, para *essa pessoa* a palavra “devedor” significa muito mais do que uma mera “obrigação de pagar”.

E esse é precisamente o caso aqui. Esse é o pensamento nesse versículo. Esse é o significado embutido na palavra “devedor”. Isso acontece porque a palavra “devedor”, quando usada em conexão com aspectos morais, implica, e só pode implicar, na ideia de pecado, indicando que a pessoa é pecadora.

A expressão “devedor” é precisamente a mesma usada em Lucas 13:4. “Ou cuidais que aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou eram mais *culpados* que todos os outros habitantes de Jerusalém?” A margem da ARC traz “devedores” como alternativa de “culpados”.

Esta é a palavra usada na oração do Senhor (Mt 6:12): “Perdoa-nos as nossas *dívidas*, assim como nós temos perdoado aos nossos *devedores*”; e Lucas, em sua versão da mesma oração claramente expressa o conceito de pecado com as seguintes palavras: “Perdoa-nos os nossos *pecados*, pois também nós perdoamos a todo o que nos *deve*” (Lc 11:4).

É ainda a mesma palavra usada pelo Salvador em Lucas 7:41-42: “Certo credor tinha dois *devedores*: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. *Não tendo* nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos”.

É a mesma palavra também usada na parábola encontrada em Mateus 18:23-35. Na verdade, no versículo 4 de Lucas 13, onde “devedores” é uma alternativa de “pecadores”, temos uma referência direta a esta parábola de Mateus 18. Essa é a parábola em que se afirma que quando um rei resolveu “ajustar contas com os seus servos”, então “trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos” - cerca de 144 milhões de reais. O servo não tinha *nada* com que pagar. Então o senhor “perdoou-lhe a *dívida*”. Mas quando o servo “encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários” – uns 300 reais – ele não lhe perdoou a dívida, mas o lançou na prisão até que saldasse os 300 reais. O rei, então, chamou seu devedor e “o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também Meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão as suas *ofensas*” (Mt 18:23-35, KJV).

O pensamento de entregar o devedor aos verdugos até que pagasse toda a dívida a seu senhor é próprio dessa palavra, pois “o uso da palavra envolve o conceito de que o devedor deve expiar sua culpa”. E “pecado é chamado de ‘opheilema’ [dívida], pois requer expiação e pagamento como dívida, por meio de punição e compensação” [E. W. Bullinger, *A Critical Lexicon and Concordance to the English and Greek New Testament*, 1895, p. 208. Essa palavra ocorre somente em Mateus 6:12 e Romanos 4:4].

Com base nessas passagens, o leitor cuidadoso pode começar a perceber que, nas palavras de Gálatas 5:3 – “ele é um devedor para guardar toda a lei” –, há implicações muito maiores do que a mera obrigação de aceitar as reivindicações da lei sobre si e fazer o melhor que pode para cumpri-las. Tudo isso mostra que o ser humano não está apenas sob a *obrigação* de reconhecer as exigências obrigatórias da lei de Deus, mas que ele, de fato, é um *devedor*, estando na obrigação de render a essa lei tudo aquilo que ela exige dele. Esse fato mostra ainda que, de si mesmo,

ele sempre será *devedor*, já que ele nada possui com que pagar; e, de si mesmo, não tem nenhuma condição de adquirir algo com que pagar.

E essa dívida não se resume apenas à obrigação de cumprir a lei de hoje em diante; ela envolve também a obrigação de realizar compensação por *tudo que ficou no passado* – tudo que se acumulou desde o passado até o presente momento.

Conseqüentemente, o ser humano, de si mesmo, é eternamente um devedor no que diz respeito a tudo relacionado com esse pensamento em Gálatas 5:3, bem como em outros textos similares que citamos aqui, visto que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:23). E quem quer que fosse circuncidado a fim de ser salvo, procurando assim ser salvo por obras de justiça própria, estaria, dessa forma, assumindo a obrigação de pagar à lei de Deus toda sua dívida desde o começo de sua vida até o final dela. E ao fazer isso, ele assume a obrigação de *expiar toda a culpa* ligada a sua transgressão e acumulada no decorrer dos anos.

Esse é o significado da frase “devedor para guardar toda a lei”. É isso que está declarado nas palavras: “De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que ele *é um devedor para guardar toda a lei*”. Ele não somente é um devedor, mas, por meio dessa transação, assume voluntariamente a responsabilidade de pagar, *por conta própria*, tudo o que esteja relacionado a sua dívida.

Agora, é verdade que cada pessoa neste mundo é, por si só, esse tipo de devedor. É também verdade que qualquer pessoa hoje que procura a justificação por meio das próprias obras, mesmo que se trate da guarda dos dez mandamentos ou de qualquer outra coisa que o Senhor ordenou, tal pessoa, conseqüentemente, assume a responsabilidade e se compromete a pagar tudo que diz respeito à dívida. Mas ela não pode pagar. Não há nela o mínimo indício de possibilidade de pagar, por conta própria, qualquer quantia da dívida. Ela fica esmagada e perdida.

Mas, louvado seja Deus, pelo fato de que quem tiver a justiça *de Deus* que é pela *fé de Jesus Cristo*; quem depender *somente do Senhor Jesus*

e do que *Ele fez*, embora em si mesma tal pessoa seja uma devedora assim como qualquer outro ser humano; ainda assim, *em Cristo*, tal pessoa tem *em abundância* os meios para pagar *toda a dívida*. Cristo expiou por punição e compensação toda a culpa de cada pessoa; e por meio da justiça de Deus que Ele traz, Cristo supre uma abundância de justiça para pagar todas as exigências que a lei possa fazer na vida daquele que crê em Jesus.

Graças a Deus pelo dom inefável das riquezas insondáveis de Cristo. Oh, creiam nisso. Oh, recebam esse dom. Pobre, oprimido e perdido “devedor”, apelo para que “compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires” (Ap 3:18). Sim, “vinde, compra [...] sem dinheiro e sem preço” (Is 55:1).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 21 de Agosto de 1900

---



## GÁLATAS 5:16-18

A. T. JONES & E. J. WAGGONER

“Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei.”

“Se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei”, “pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8:14). Como filhos de Deus, eles têm a mente do Espírito, a mente de Cristo, e, assim, com a mente eles servem a lei de Deus (cf. Rm 7:25). Consequentemente, todo aquele que é guiado pelo Espírito de Deus – e tem, portanto, a mente de Cristo – cumpre a lei, pois por meio desse Espírito “o amor de Deus [é] derramado em nosso coração” (Rm 5:5), amor este que, em si mesmo, é “o cumprimento da lei” (Rm 13:10) em todo aquele que o tem.

Por outro lado, todo aquele que é *guiado pela carne*, possuindo, portanto *a mente carnal*, *pratica as obras da carne e, dessa forma, serve a lei do pecado*.

E os dois caminhos, o caminho do Espírito e o caminho da carne, estão *sempre abertos diante de todos*. E, tão certo quanto a carne está ali, ela “milita contra o Espírito”; e tão certo quanto o Espírito está ali, Ele “[milita] contra a carne”. A pessoa que é guiada pela carne não pode realizar o bem que gostaria. Ela serve à lei do pecado e, por essa razão, está sob a lei. Mas os que são “guiados pelo Espírito, não [estão] sob a lei”.

Todo ser humano terá sempre a liberdade de escolher qual será seu caminho – o caminho do Espírito ou o caminho da carne. “Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis” (Rm 8:13).

Observem que, no texto de Gálatas que estamos analisando e nos textos correlatos em Romanos e também em Colossenses, é declarado literalmente e destacado constantemente o fato de que a carne, em sua verdadeira natureza carnal e pecaminosa, ainda está presente com aquele que tem o Espírito de Deus e que essa carne milita contra o Espírito.

Em outras palavras, quando uma pessoa se converte e dessa forma se coloca sob o poder do Espírito de Deus, ela não é liberta da carne, de tal forma que fique completamente separada dela, com suas tendências e desejos, a ponto de não mais ser tentada pela carne e não mais ter que lutar contra ela. Não. A mesma carne degenerada e pecaminosa está lá com as mesmas tendências e desejos. Mas o indivíduo não está mais sujeito a tudo isso. Ele é liberto da *sujeição à carne*, com suas tendências e desejos, e agora se encontra sujeito ao Espírito. Ele está agora sujeito a *um poder que vence*, subjuga, crucifica e mantém sob controle *a carne*, pecaminosa como é, com todas as suas paixões e desejos pecaminosos. Portanto, é por isso que está escrito que, “*pelo Espírito*” nós mortificamos “os feitos do corpo” (Rm 8:13). “Mortificai, pois, *os vossos membros que estão sobre a terra*: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria” (Cl

3:5, ARC). Observem que todas essas coisas estão ali *na carne* e viveriam e reinariam *se a carne tivesse a permissão de dominar*. Mas visto que *a carne é colocada em sujeição ao poder de Deus*, pelo Espírito, todas essas coisas más são mortas *pela raiz* e, dessa forma, impedidas de aparecer na vida.

Esse contraste entre o domínio da carne e o domínio do Espírito é claramente mostrado em Romanos 7:14-24 e em 1 Coríntios 9:26-27. O capítulo 7 de Romanos retrata o homem que se encontra sob o poder da carne, o homem “carnal, vendido à escravidão do pecado”, que anseia fazer o bem, que quer fazer o bem, mas está sujeito a um poder na carne que não lhe permite fazer o bem que ele quer. “Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço”. “Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, NOS MEUS MEMBROS, *outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros*. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Essa é a descrição do homem que está sujeito à carne, à “lei do pecado” que está nos membros. E quando ele deseja romper com o poder da carne e quer fazer o bem, esse poder ainda o mantém em escravidão e o segura sob o domínio da carne – da lei do pecado – que está em seus membros.

Mas há *libertação desse poder*. Portanto, quando ele clama: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”, a resposta vem em seguida: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7:25). Esse é o caminho da libertação, pois somente Cristo é o Libertador.

Esse homem, agora, embora liberto por Cristo, *não está liberto de UM COMBATE*: ele não é colocado num estado em que não tenha mais que lutar *contra a carne*. Há uma luta a ser travada, e não é uma batalha de faz de conta. Não é a luta contra um fantasma. A luta desse homem é descrita em 1 Coríntios 9:26-27: “Assim luto, não como desferindo golpes no ar”. Contra o que ele *luta*? O que ele *esmurra*? Vamos ler: “Mas esmurro o *meu corpo* e o *reduzo à escravidão*, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado”.

Assim, a luta que o cristão precisa travar é contra *seu corpo*, é contra *a carne* com suas paixões e concupiscências. O cristão precisa manter o corpo em sujeição ao *novo poder*, o *poder do Espírito de Deus*, ao qual ele está agora sujeito e do qual ele se tornou súdito quando foi liberto do poder da carne e da lei do pecado.

A frase “esmurrar o corpo”, em 1 Coríntios 9:27, no original grego é bem expressiva. Ela significa, literalmente, “golpear em baixo dos olhos, atingir, bater na face e deixá-la coberta de hematomas”. Fiel a essa ideia, Conybeare e Howson traduzem esse texto dessa forma: “Assim luto, não como um pugilista desferindo golpes contra o ar, mas machuco meu corpo e o forço a se manter em escravidão”.

Portanto, o capítulo 7 de Romanos mostra *o homem* sujeito ao poder *da carne* e da lei do pecado que está em seus membros, mas ansioso por libertação. O capítulo 9 de 1 Coríntios mostra *a carne* sujeita *ao homem* por meio do novo poder do Espírito de Deus. Em Romanos 7, *a carne* está *no controle* e o homem está *subjugado*. Em 1 Coríntios 9, *o homem* está *no controle* e *a carne* está *subjugada*.

Essa bendita inversão das coisas é operada na conversão. Mediante a conversão, o homem é posto em posse do poder de Deus e é colocado sob o domínio do Espírito de Deus, de maneira que, por meio desse poder, ele adquire a supremacia sobre a carne, com todas as suas paixões e desejos pecaminosos, e, pelo Espírito, crucifica a carne com essas paixões e desejos pecaminosos ao travar o “bom combate da fé” (1Tm 6:12).

As pessoas não são salvas por alcançarem plena libertação da carne, mas por *receberem poder para vencer e dominar* todas as más tendências e desejos da carne. Ninguém desenvolve caráter – de fato, tal nunca seria possível – por ser transportado a um ambiente sem a possibilidade de tentação, mas, sim, *por receber poder para vencer toda tentação*, exatamente no campo da tentação em que a pessoa se encontra.

Se as pessoas tivessem que ser salvas mediante libertação completa da carne, tal como a temos, então Jesus jamais precisaria ter vindo ao mundo.

Se as pessoas tivessem que ser salvas mediante libertação de toda tentação ao serem colocadas num terreno isento de tentação, então Jesus não precisaria ter vindo ao mundo. Com esse tipo de libertação, ninguém nunca seria capaz de desenvolver caráter. Então, em vez de tentar salvar as pessoas por meio de plena libertação da carne – sendo que a carne é exatamente onde as pessoas se encontram – Jesus veio ao mundo e *Se colocou NA CARNE*, exatamente onde nos encontramos, e *enfrentou essa carne*, TAL COMO É, com todas as suas tendências e desejos;<sup>2</sup> e, pelo poder divino que Ele trouxe<sup>3</sup> pela fé, Ele “condenou o pecado *na carne*” (Rm 8:3, ARC), trazendo, assim, a toda a humanidade a divina fé que traz o poder divino ao homem, a fim de livrá-lo do poder da carne e da lei do pecado, exatamente onde ele está, e para dar-lhe domínio garantido sobre a carne, tal como ela é.

Em vez de Jesus tentar salvar os homens de um modo que os deixaria sem firmeza de caráter, por deixá-los num terreno isento de tentação, Ele alcançou o ser humano exatamente onde este se encontrava, *em meio a todas as suas tentações*. Jesus assumiu *a própria carne que o ser humano possui*,<sup>4</sup> e *nessa carne* enfrentou todas as tentações conhecidas dessa carne, e venceu cada uma delas; e, por essa conquista, trouxe vitória a cada pessoa deste mundo. Bendito seja Seu nome.

E toda pessoa que receber e guardar “a fé de Jesus” pode ter essa vitória em sua plenitude; pois “esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5:4).

*Advent Review and Sabbath Herald*, 18 de setembro de 1900



---

<sup>2</sup> Ellen White afirma claramente que “[Cristo] é um irmão em nossas fraquezas, mas não em possuir *idênticas paixões*. Sendo sem pecado, Sua natureza recuava do mal” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 2, p. 201). Ver nota na página 107.

<sup>3</sup> “Cristo veio para revelar a *fonte de Seu poder*, a fim de que o homem não confiasse jamais em suas capacidades humanas desajudadas” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 408, grifo acrescentado).

<sup>4</sup> Ver nota na página 97.

**GÁLATAS 5:22-26****A. T. JONES**

“Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros.”

Vimos, em certa medida, a maldade e o engano inerente das obras da carne. Mas, graças ao Senhor, há uma perspectiva mais promissora.

O Espírito de Deus, o qual, em Sua plenitude, é gratuitamente concedido a todo crente, milita contra a carne, de modo que, na pessoa que é guiada pelo Espírito de Deus, a carne não pode fazer as coisas que ela gostaria. Nessa pessoa, o Espírito de Deus governa e faz com que apareça na vida “o fruto do Espírito” no lugar das “obras da carne”.

E embora seja verdade que os que praticam “coisas semelhantes” às mencionadas na lista das obras da carne “não herdarão o reino de Deus” (Gl 5:21), todavia, por meio do dom do Espírito Santo, mediante a graça de Cristo, Deus fez todas as provisões pelas quais cada pessoa, apesar de todas as paixões, concupiscências, desejos e inclinações da carne, *pode* herdar o reino de Deus.

Em Cristo a batalha já foi travada *em todas as coisas*, e a vitória foi completa. Ele Se tornou carne – *a mesma carne e sangue*<sup>5</sup> daqueles a quem veio redimir. Ele Se tornou semelhante aos seres humanos em todas as coisas. Ele foi “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança” (Hb 4:15). Se Ele não tivesse *sido* “à nossa semelhança” em qualquer “coisa”, então *naque-la* coisa seria impossível que Ele tivesse sido tentado “à nossa semelhança”.

---

<sup>5</sup> Ver nota na página 97.

Ele pôde “compadecer-Se das nossas fraquezas” (Hb 4:15), pois foi “*tentado em todas as coisas, à nossa semelhança*”. Quando Ele foi tentado, sentiu os desejos e as inclinações da carne precisamente da forma como nós os sentimos ao sermos tentados;<sup>6</sup> pois “cada um [...] é tentado pelo próprio mau desejo [as inclinações da carne], sendo por este arrastado e seduzido” (Tg 1:14, NVI). Jesus foi capaz de experimentar tudo isso “sem pecado”, já que ser tentado *não constitui pecado*.<sup>7</sup> É somente pecado quando o “desejo [é] concebido”, ou acariciado, quando a inclinação é aprovada; é somente então que tal desejo “dá à luz o pecado” (Tg 1:15, NVI). Quanto a Cristo, Ele nunca, nem sequer em um pensamento, acariciou o desejo ou autorizou alguma inclinação da carne. Assim, numa carne semelhante à nossa Ele foi tentado em todas as coisas, mas sem nenhuma mancha de pecado.

Dessa forma, pelo poder divino que Ele recebeu mediante a fé em Deus, Cristo, *em nossa carne*, sufocou por completo toda inclinação da carne; e, com eficácia, matou, pela raiz, todo desejo da carne e, conseqüentemente, “condenou o pecado na carne” (Rm 8:3). Ao agir assim, Ele trouxe não somente *vitória completa* a cada pessoa do mundo, mas também *poder divino para mantê-la*. Ele fez tudo isso “para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:4, ARC).

Essa vitória em sua plenitude é gratuita a todos em Cristo Jesus. Ela é recebida pela fé *em* Jesus. É realizada e mantida pela “fé *de* Jesus” (Ap 14:12, KJV), que Ele preparou com toda perfeição e concedeu a todo crente Nele. Pois “esta é a vitória que vence *o mundo*: a nossa fé” (1Jo 5:4).

---

<sup>6</sup> Embora Ellen White claramente afirme que “Cristo não possuía a mesma deslealdade pecaminosa, corrupta e caída que possuímos” (*Manuscrito* 94, 1893), ela também declara que “toda tentação que poderia ser trazida contra a humanidade caída, Ele enfrentou e venceu” (*Signs of the Times*, 17 de junho de 1897), e que “Cristo veio revelar a Fonte de Seu poder, a fim de que o homem jamais precise depender de suas capacidades humanas desajudadas” (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 533). “Ele assumiu a humanidade, era osso de nossos ossos e carne de nossa carne, e Se submeteu a todas as tentações com as quais o homem seria atacado” (*Carta* 11a, 1894).

<sup>7</sup> “Não há pecado em ser tentado; mas o pecado ocorre quando se cai em tentação.” (Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 4, p. 357).

Ele, “*na Sua carne*, desfez a inimizade” que separava a humanidade de Deus (Ef 2:15, ARC). Para realizar isso, Ele assumiu *a carne* – e *era necessário* que assim fosse –, *na qual a inimizade existia*. Ele, então, desfez em Sua carne a inimizade “para criar *em Si mesmo* dos dois”, Deus e o homem que havia se extraviado, “um novo homem, fazendo a paz”.

Ele “na Sua carne, desfez a inimizade” para que “reconciliasse ambos”, judeus e gentios – toda a humanidade sujeita à inimizade – “em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo “em Si mesmo, a inimizade” (Ef 2:16, KJV, margem). “A inimizade” estava “*em Si mesmo*” pelo fato de ela estar “*na Sua carne*”. E ali “*na Sua carne*” Ele a matou e a desfez. Ele só pôde fazer isso com a inimizade porque ela, de fato, estava “em Sua carne”.

Assim, Jesus tomou sobre Si a maldição em toda a sua plenitude, da mesma forma que essa maldição repousa sobre a humanidade. Isso foi possível ao Ele Se fazer “maldição em nosso lugar” (Gl 3:13). Mas “a maldição sem causa não virá” e nunca veio (Pr 26:2). A causa da maldição é o pecado. Ele Se fez maldição em nosso lugar por causa dos nossos pecados. E para que Ele conhecesse a *maldição* tal como repousa sobre nós, era necessário que Ele conhecesse o *pecado* tal como é *em nós*. Dessa forma, “Àquele que não conheceu pecado, [Deus] O fez *pecado* por nós”, e isso “para que, NELE, fôssemos feitos *justiça de Deus*” (2Co 5:21).

Embora Cristo tenha Se colocado completamente no mesmo terreno desvantajoso em que se encontra toda a humanidade – tornando-Se em tudo semelhante a nós e sendo “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança” (Hb 4:15), mesmo assim nenhuma tendência ou inclinação sequer da carne jamais foi tolerada ou admitida por ele, no mínimo que fosse, mesmo em pensamento; todas, porém, foram eficazmente mortas pela raiz mediante o poder de Deus, o qual, por meio da fé divina, Ele trouxe à humanidade.

Assim, “visto [...] que os filhos têm participação comum de *carne e sangue*, destes também *Ele, igualmente*, participou, para que, por Sua

morte, destruisse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e *livrasse todos que*, pelo pavor da morte, estavam *sujeitos à escravidão* por toda a vida. Pois Ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão. Por isso mesmo, convinha que, *em todas as coisas*, Se tornasse *semelhante aos irmãos*, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados” (Hb 2:14-18).

E essa vitória que Cristo operou em carne humana é acionada pelo Espírito Santo, a fim de socorrer a todos que, em carne humana, creem hoje em Jesus. Pois, mediante o Espírito Santo, a própria presença de Cristo vem ao crente, pois Seu constante desejo é que “segundo a riqueza da Sua glória, [...] sejais fortalecidos *com poder*, mediante o *Seu Espírito* no homem interior; e, assim, *habite Cristo no vosso coração, pela fé*, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais *tomados de toda a plenitude de Deus*” (Ef 3:16-19).

Assim, esta libertação da culpa do pecado e do poder do pecado, a qual mantém o crente triunfante sobre todos os desejos, tendências e inclinações da carne pecaminosa pelo poder do Espírito de Deus – esta libertação é operada hoje pela presença pessoal de Cristo Jesus EM CARNE HUMANA no crente,<sup>8</sup> *precisamente como foi operada* pela presença pessoal de Cristo em carne humana há 2 mil anos atrás.

Cristo é sempre o mesmo – “ontem e hoje, [...] e o será para sempre” (Hb 13:8). O evangelho de Cristo é sempre o mesmo – ontem e hoje, e o será para sempre. O evangelho de Cristo é o mesmo de 2 mil anos atrás. *Naquela época*, era “Deus [que] Se manifestou em carne” (1Tm 3:16, ACF), e *hoje é o mesmo*: “Deus Se manifestou” na *mesma carne*,

<sup>8</sup> “Ele venceu na natureza humana, dependendo de Deus para ter o poder. Este é o privilégio de todos. Em proporção à nossa fé será nossa vitória” (Ellen G. White, *The Youth’s Instructor*, 25 de abril de 1901).

a carne de seres humanos pecaminosos, a carne humana, exatamente como é a natureza humana.<sup>9</sup>

Esse evangelho é “Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1:27) – Cristo em você *assim como você é*, com pecados, pecaminosidade e tudo o mais; pois Ele Se entregou a Si mesmo por nossos pecados e por nossa pecaminosidade. Cristo nos comprou *assim como estamos* e Deus “nos fez agradáveis a Si no Amado” (Ef 1:6, ARC). Ele recebeu você *assim como você é*, e o evangelho, “Cristo em vós, a esperança da glória”, coloca você sob o domínio da graça de Deus e, por meio do Espírito de Deus, torna você tão sujeito ao poder de Cristo e de Deus que “o fruto do Espírito” aparece em você em lugar das “obras da carne”.

E o fruto do Espírito é:

**AMOR** – o amor de Deus que é derramado no coração pelo Espírito de Deus. E em vez de o ódio, ou qualquer coisa do gênero, ser tolerado, até mesmo em pensamento, ninguém poderá fazer nada com você que o leve a fazer outra coisa que não seja amá-lo, visto que esse amor, sendo o amor de Deus, é o mesmo “ontem e hoje, [...] e o será para sempre” e ama, não por recompensa, mas simplesmente por amar. Ele ama simplesmente porque é amor, e, por *ser* somente isso, não pode *atuar* de outra forma.

**ALEGRIA** é “a felicidade intensa que brota de um bem presente ou esperado”. Mas nesse caso, a conjunção alternativa “ou” é excluída, pois esta alegria é a felicidade intensa que brota de um bem presente *e* esperado. A sua causa é eterna. Portanto, trata-se de uma alegria eternamente presente e eternamente esperada. E o resultado é uma “exultante satisfação”.

<sup>9</sup> “Em sua carta acerca das tentações de Cristo, você diz: ‘Se Ele era Um com Deus, não poderia cair.’ [...] O ponto que você me pergunta é: Na grande cena do conflito de nosso Senhor no deserto, aparentemente sob o poder de Satanás e seus anjos, era Ele suscetível, em Sua natureza humana, de ceder a essas tentações? Procurarei responder a essa importante pergunta: Como Deus, Ele não podia ser tentado; mas, como homem, podia sê-lo, e isso fortemente, e podia ceder às tentações. Sua natureza humana teria de passar pela mesma prova e provação que Adão e Eva. *Sua natureza humana foi criada; ela nem sequer possuía os poderes angélicos. Era humana, idêntica à nossa.* Ele estava transpondo o terreno em que Adão caiu. Achava-se agora no ponto em que, se resistisse à prova e provação em favor da raça decaída, redimiria o ignominioso fracasso e queda de Adão, em nossa própria humanidade” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 129, grifo acrescentado).

**PAZ** – paz perfeita que reina no coração –, “a paz de Deus, que excede todo o entendimento” e guarda o “coração e a [...] mente” daquele que a possui (Fl 4:7).

**LONGANIMIDADE, BENIGNIDADE, BONDADE, FÉ** – Esta fé – *pistis* no grego – significa “firme convicção, uma convicção fundamentada na confiança e NÃO no conhecimento [a fé “do coração”, não do intelecto; a fé de Cristo, não do *credo*]; uma confiança firmemente estabelecida, nutrida pela convicção e pronta a desafiar oposições contraditórias”.

**MANSIDÃO, DOMÍNIO PRÓPRIO** – Temperança é o mesmo que domínio próprio. Em outras palavras, o Espírito de Deus livra a pessoa da sujeição às paixões, desejos e hábitos pecaminosos e faz dela uma pessoa livre, mestre de si mesma.

“Contra estas coisas não há lei”. A lei de Deus só é contra o pecado. Na vida humana, a lei de Deus é contra tudo que não seja o fruto do Espírito de Deus. Logo, é certo que tudo na vida humana que não corresponder ao fruto do Espírito de Deus é pecado. Isso nada mais é do que afirmar em outras palavras a eterna verdade de que “tudo o que *não provém de fé* é pecado” (Rm 14:23).

Portanto, “se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito”. E por vivermos de fato no Espírito e andarmos no Espírito, “não nos deixemos” – sim, não nos iremos deixar; sim, não nos podemos deixar – “possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros”.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 2 de outubro de 1900

# PERFEIÇÃO EM CRISTO



A. T. JONES

“Portanto, sede vós perfeitos” (Mt 5:48). O hino “Salvos Totalmente” [*Saved to the Uttermost*], que acabamos de cantar, nos fornece fundamento suficiente para o “portanto” da frase “Portanto, sede vós perfeitos”. Vocês sabem que é isso que a palavra de Deus pede. Vocês sabem que a exortação de Deus é que “prossigamos até a perfeição” (Hb 6:1). Vocês estão conscientes de que o objetivo supremo do evangelho que pregamos é “apresent[ar] todo homem perfeito em Jesus Cristo” (Cl 1:28). Então, não a cabe a nós afirmar que a perfeição não é algo que se espera de nós. É algo esperado de nós. Você deve esperar isso de si mesmo. Devo esperar isso de mim mesmo. E não devo esperar nada em mim mesmo, ou que provenha de mim mesmo que não corresponda em perfeição ao padrão de perfeição que Deus estabeleceu. Existe alguma coisa que poderia nos impedir de alcançar a perfeição mais do que o pensamento de que ela não é algo esperado de nós? Repito: Existe alguma coisa que poderia nos impedir de alcançar a perfeição mais do que dizermos que não se espera de nós que sejamos perfeitos?

Então, visto que a Palavra claramente afirma que vocês e eu devemos ser perfeitos, a única coisa que nos resta considerar é *o caminho* para tal. Isso é tudo. Que fique definido por vocês e por mim que a perfeição – e nada menos que a perfeição já estabelecida por Deus – é algo esperado de vocês e de mim, e que vocês e eu não aceitaremos nada em nós mesmos, naquilo que temos feito e em qualquer coisa a nosso respeito, que esteja um milímetro aquém da perfeição que Deus já estabeleceu para nós. Cada um

precisa definir essa questão e defini-la para sempre. Feito isso, a única coisa a fazer é indagar qual é o caminho da perfeição, e ela há de ser concretizada.

Qual é o padrão, então? Qual é o padrão que Deus estabeleceu? “Portanto, sede vós perfeitos *como perfeito é o vosso Pai celeste*” (Mt 5:48). A perfeição de Deus é o único padrão. E vocês e eu devemos nos firmar nessa plataforma e encarar os fatos a nosso próprio respeito, sempre exigindo de nós mesmos que haja em nosso ser uma perfeição semelhante à de Deus e nunca tolerando ou desculpando em nós qualquer coisa, por mínima que seja, aquém daquela perfeição.

É mais do que evidente que não podemos ser perfeitos em grandeza como Deus, ou alcançar Sua onipotência ou onisciência. Deus é caráter, e é perfeição de caráter, semelhante ao Dele, que Ele estabeleceu para nós. Essa é a perfeição que devemos alcançar, a única que devemos esperar e a única que devemos aceitar em nossa vida.<sup>1</sup> Então, conscientes de que a própria perfeição de Deus é a única que devemos ter, a única que devemos adotar para nós mesmos e que devemos nos firmar sempre nesse padrão, veremos imediatamente que isso será como se nossa vida estivesse constantemente na presença do juízo de Deus. É ali onde todos iremos um dia estar, quer sejamos justos ou ímpios. Por que então já não nos colocamos ali e resolvemos a situação? É fato inquestionável que “todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo” (2Co 5:10, ARC) e que ali seremos medidos por esse padrão. Deus “tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do Varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos.” (At 17:31, ARC).

A ressurreição de Cristo é a garantia de Deus ao mundo de que todos comparecerão perante o tribunal de Cristo. Isso é certo. Vocês e eu esperamos isso, pregamos sobre isso e cremos nisso. Então por que não nos posi-

<sup>1</sup> “Nem por um pensamento cedia à tentação. O mesmo se pode dar conosco. A humanidade de Cristo estava unida à divindade; estava habilitado para o conflito, mediante a presença interior do Espírito Santo. E veio para nos tornar participantes da natureza divina. Enquanto a Ele estivermos ligados pela fé, o pecado não mais terá domínio sobre nós. *Deus nos toma a mão da fé, e a leva a apoderar-se firmemente da divindade de Cristo, a fim de atingirmos a perfeição de caráter*” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 77, grifo acrescentado).

cionarmos ali e permanecermos inabaláveis ali? Por que esperar? Aqueles que esperam e continuam a esperar não serão capazes de subsistir no juízo. Os ímpios não podem subsistir nele, mas os que se colocam diante do tribunal de Deus, tendo diante de si o padrão do julgamento, e ali permanecem constantemente em pensamento, palavra e ação, estes estão prontos para o juízo em qualquer momento. Estão prontos mesmo? Sim, pois estão conscientes dele, já se encontram lá, já estão passando por ele, já estão pedindo o juízo e tudo o que ele traz; eles permanecem lá esperando que seus nomes sejam passados, e somente quem age assim está em segurança. A própria bênção que advém ao crente, quando ele adota essa postura, corresponde a toda bênção de que uma pessoa precisa ao se colocar, *agora mesmo*, diante do tribunal de Cristo. E ao se colocar ali, o que ela tem a temer? Nada. Quando o medo é lançado fora, qual é o agente que faz isso? O perfeito amor. Mas o perfeito amor só pode vir quando vivemos à altura desse padrão perfeito, *no juízo*, e só pode ser conservado quando permanecemos ali.

Resolvida essa questão, vamos indagar sobre o caminho – o caminho, e isso é tudo. Ficou estabelecido que o padrão não é o *meu* próprio. Pensem nisso! “Portanto, sede vós perfeitos *como* perfeito é o *vosso Pai celeste*”. A perfeição Dele é o único padrão. Quem então possui o instrumento adequado para medir e avaliar o padrão? Não sou eu. Eu não estou em condições de medir a perfeição de Deus. Você se lembra do verso – talvez ele tenha vindo à sua mente neste momento: “Tenho visto que toda perfeição tem seu limite; mas o teu mandamento é ilimitado” (Sl 119:96).

Nenhuma mente finita consegue mensurar a perfeição de Deus. Então, fica definido até aqui que devemos ser perfeitos; nossa perfeição deve ser semelhante à perfeição de Deus, de acordo com *a avaliação de Deus a respeito de Sua própria* perfeição. Isso significa que o plano e a obra de *realizar* tal perfeição está completamente fora de nosso alcance. Se eu não posso medir o padrão, como poderia alcançá-lo, mesmo que eu recebesse essa incumbência? Então que fique claro também que a realização desse ideal está totalmente além de nossa capacidade.

Esse fato já foi dito há muito tempo: “Na verdade, sei que assim é; porque, como pode o homem ser justo para com Deus? Se quiser contender com Ele, nem a uma de mil coisas Lhe poderá responder. [...] Se se trata da força do poderoso, Ele dirá: Eis-Me aqui; se, de justiça: Quem me citará?” (Jó 9:2-3; 19).

E mesmo que eu fosse intimado a comparecer diante de Deus, o que aconteceria? “Se eu me justificar, a minha boca me condenará”. Se eu medir meu grau de justiça, ficar satisfeito com ele e declarar que a balança está equilibrada, quando meu peso for comparado com o contrapeso da estimativa divina, minha própria avaliação ficará tão aquém que ela me condenará por completo. Minha estimativa não tem fundamento algum para eu ser justificado. “Se reto me disser, então, [minha boca] me declarará perverso” (Jó 9:20, ARC). “Ainda que perfeito, não estimo a minha alma; desprezo a minha vida” (Jó 9:21, ARC). Meu padrão individual de perfeição, quando colocado na presença de Deus e visto à luz do Seu padrão, estaria tão aquém que eu mesmo o desprezaria.

“Ainda que me lave com água de neve e purifique as mãos com cáustico, mesmo assim me submergirás no lodo, e as minhas próprias vestes me abominarão” (Jó 9:30-31).

Esse é o ponto mais próximo do padrão a que chegaríamos caso tivéssemos a missão de realizá-lo. Então vamos abandonar para sempre qualquer ideia de que perfeição é algo que *nós* temos que produzir. Perfeição é algo que devemos atingir, e nada além disso. Deus espera isso de nós e fez provisões para isso. É para isso que fomos criados. O único alvo de nossa existência é ser exatamente isto: perfeitos com a perfeição de Deus. E lembrem-se de que devemos ser perfeitos com o *caráter* de Deus. O padrão de caráter de Deus deve ser o nosso. Sim, o próprio caráter Dele deve ser nosso. Não se pede de nós que manufacturemos um caráter *parecido* com o Dele; o próprio caráter Dele precisa ser nosso. E isso, e somente isso, constitui perfeição cristã.

Cientes de que devemos ter essa perfeição, podemos resumir toda a história em três textos. O primeiro se encontra no primeiro capítulo de

Efésios, começando com o versículo três, para termos o contexto que nos levará à correta compreensão do ponto em questão: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, Nele, antes da fundação do mundo [observem bem a razão por que Ele nos escolheu; este é o alvo que Ele tinha antes da fundação do mundo ao nos escolher e nos conduzir até este momento. Consideremos com atenção a questão] *para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele; e em amor*”.

Esse é o único pensamento que Ele tem a nosso respeito. Foi somente para esse propósito que Ele nos criou; essa é a única razão da nossa existência. Então surge aqui uma pergunta pertinente: sendo esta a realidade, por que razão fugir dela? Não deveríamos nós simplesmente aceitar o objetivo de nossa existência e ser santos e irrepreensíveis diante Dele em amor?

O próximo texto se encontra em Colossenses 1:19-22: “Porque aprouve a Deus que, Nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio Dele, reconciliasse Consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus. E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da Sua carne, mediante a Sua morte, PARA APRESENTAR-VOS *perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis*”.

Em primeiro lugar: Ele *nos criou* para esse propósito. O pecado nos desviou completamente desse propósito e todo o desígnio de Deus para nós foi frustrado, mas Cristo suportou a cruz. Aprouve a Deus e aprouve a Cristo estabelecer um plano para que o propósito divino original se cumprisse. O cerne da questão é que, por meio da cruz, Deus nos reconciliou para que esse plano original se cumprisse em nós, ou seja, o propósito que Ele estabeleceu antes da fundação do mundo de que fôssemos santos e sem mancha diante Dele em amor. O sangue de Cristo, a reconciliação de paz proporcionada ao mundo por intermédio de Jesus Cristo, tem como alvo permitir que ELE *nos apresente santos*; em outras palavras, que ELE realize o plano que Ele tinha em mente antes

da fundação do mundo – o de nos APRESENTAR, A VOCÊ E A MIM, “perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis”.

O caminho para a perfeição cristã é o caminho da cruz, e não há outro caminho. Isto é, não há outro caminho para vocês e para mim. O único caminho ou meio de trazer essa perfeição até nós, foi por intermédio da cruz. Cristo veio por esse caminho e trouxe a perfeição para nós; e a única maneira de podermos tê-la é por intermédio da cruz. Ele fez provisões para que *Ele próprio* o realize. Não cabe a nós de forma alguma realizar essa obra.

Agora observem o que se encontra em Efésios 4:7-13; vejam como tudo acontece e quão completamente Ele supriu a necessidade.

“E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo”. Agora pensem: De acordo com o que estudamos até o momento, o que o dom de Cristo realizou? Fez “a paz pelo sangue da Sua cruz” e reconciliou todos com Deus. E o dom fez isso a fim de realizar em NÓS aquilo que antes da fundação do mundo era Seu plano para nós – que fôssemos “perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis”. Essa é a medida do dom de Cristo nesse assunto. Esse dom cumpriu seu propósito para todos, de modo que o caminho ficou aberto para todos. E para *cada um* de NÓS, neste exato momento, a graça é concedida de acordo com a mesma medida. Assim, o que a cruz proporcionou PARA nós e *colocou a nosso alcance*, a graça de Deus nos CONCEDE e realiza em nós.

Agora vamos continuar a leitura, e vocês perceberão que tudo isso é uma verdade, chegando até a própria palavra *perfeição*: “E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. Por isso, diz: Quando Ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e CONCEDEU DONS aos HOMENS. [...] E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”. *Com que propósito?* “Com vistas ao APERFEIÇOAMENTO DOS SANTOS”. Irmãos, quando esses dons são concedidos para esse propósito, o que estamos fazendo quando não encaramos o fato, não ansiamos

pelos dons, não *oramos* pelos dons e não *recebemos* os dons que *cumprem o propósito*? O que estamos fazendo se não estivermos buscando isso?

“Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, [...] ATÉ” – os dons foram concedidos com um objetivo em mente; foram trazidos até nós para um propósito, um propósito definido, distinto e específico e foram dados até que esse propósito seja realizado. Os dons foram concedidos “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos”, e foram dados “ATÉ QUE TODOS CHEGUEMOS à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à PERFEITA VARONILIDADE, à medida da estatura da PLENITUDE DE CRISTO”.

Portanto, a perfeição é o único alvo. O padrão de Deus é o único padrão. “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”. Não podemos medir esse padrão e não teríamos condições de atingi-lo, caso tivéssemos que fazê-lo. Esse padrão é o objetivo da nossa criação, e quando esse objetivo foi frustrado pelo pecado, Cristo o tornou possível a todos pelo sangue de Sua cruz e o garante a cada crente pelos dons do Espírito Santo.

Então pergunto novamente: Por que não encarar constantemente a perfeição cristã? Por que nos contentar com algo menos do que isso?

Os versículos 24 e 25 de Judas estão diretamente ligados com o que lemos e comentamos: “Ora, Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e *apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória*, ao único Deus sábio, nosso Salvador, seja a glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!” (KJV).

Ele nos escolheu antes da fundação do mundo, “para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante Dele em amor” (Ef 1:4, ACF). Por meio de Sua cruz Ele tornou isso possível a cada pessoa, mesmo quando, devido ao pecado, não restava nenhuma chance para nós. E por Sua cruz *Ele comprou o direito* de “*apresentar-vos perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis*”. O direito de realizar essa obra pertence unicamente a Ele. Vocês e eu não teríamos condições de realizar essa obra, se tal fosse exigido de nós, mas o direito de fazê-la não nos pertence. Quando o perdemos, nada a não ser a

cruz do Calvário poderia restaurá-lo. E ninguém mais *poderia* pagar o preço do Calvário, exceto Aquele que, de fato, o pagou. E tão certo quanto unicamente Quem pagou o preço é Quem tinha condições de pagá-lo, a fim de nos restaurar, é certo que o direito pertence unicamente a Ele pela cruz do Calvário. E ninguém que não tenha suportado literalmente a cruz de madeira do Calvário jamais pode ter qualquer direito de assumir essa tarefa e realizá-la. Somente Cristo suportou a cruz; somente a Ele pertence a tarefa. E então lemos as palavras: Ele “é poderoso”. Ele “é poderoso para [...] apresentar-vos irrepreensíveis [...] perante a Sua glória”. Aquele que foi poderoso para suportar a cruz é poderoso para realizar tudo aquilo que a cruz tornou possível. Assim, Ele “é poderoso para [...] apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória”. QUANDO? Essa é a pergunta. Quando?

[Vozes: “Agora”].

Exatamente. Ele “ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre”. Ele é poderoso hoje como foi no passado ou como sempre será.

Todavia, tenham em mente a eterna verdade de que é somente *pelo caminho da cruz* que esse alvo se cumpre em vocês e em mim agora ou em qualquer outro momento. Vamos investigar a Palavra para vermos como essa verdade está presente ali. Leiam Romanos 5:21 e em seguida deem uma olhada em todo o capítulo 6, pois vocês verão que todo o trecho trata desse assunto. Os dois últimos versículos do capítulo 5 dizem o seguinte: “Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor”.

Vejam agora a comparação, ou melhor o contraste – pois se trata de uma comparação que corresponde a um contraste –, “como” e “assim”. “Como o pecado reinou”. Vocês sabem como o pecado reinava. Todos aqui sabem como o pecado tem reinado. Alguns talvez ainda não saibam como ele reina. Quando o pecado reinava, seu reino era absoluto, de forma que era mais fácil fazer o que é errado do que o que é certo. Ansiávamos por

fazer o bem, mas “não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” (Rm 7:19). Esse é o reino do pecado. Então, quando o pecado reinava, era mais fácil fazer o que é errado do que fazer o que é certo.

“Assim também reinasse a graça pela justiça”. Quando a graça reina, é mais fácil fazer o que é certo do que fazer o que é errado. Esta é a comparação. Observem: *como* o pecado reinou, *assim* a graça reina. Quando o pecado reinava, ele reinava contra a graça; ele rechaçava todo o poder da graça que Deus havia concedido; mas quando o poder do pecado é quebrado, e a graça passa a reinar, então a graça reina contra o pecado e rechaça todo o poder do pecado. Logo, é tão literalmente verdade que, sob o reinado da graça, é mais fácil fazer o que é correto do que fazer o que é errado, quanto é verdade que, sob o reinado do pecado, é mais fácil fazer o que é errado do que fazer o que é certo.

O caminho está claro então, certo? Vamos trilhar esse caminho.

“A fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?” (Rm 5:21; 6:1).

[Vozes: “De modo nenhum”].

Vocês disseram: “De modo nenhum”. Está correto. Deus colocou Seu “de modo nenhum” contra a ideia de pecar para que a graça seja mais abundante, e vocês endossam esse pensamento. Então, será que Deus não colocou Seu “de modo nenhum” contra *pecar*? Vocês o endossam? Vocês colocam seu endosso sobre o “de modo nenhum” pronunciado por Deus quanto à prática de qualquer pecado sob o reinado da graça?<sup>2</sup>

[Vozes: “Sim”].

---

<sup>2</sup> “O Salvador tomou sobre Si as enfermidades humanas, e viveu uma vida sem pecado, a fim de os homens não terem nenhum temor de que, devido à fraqueza da natureza humana, eles não pudessem vencer. Cristo veio para nos tornar ‘participantes da natureza divina’ (2 Pedro 1:4), e Sua vida declara que a humanidade, unida à divindade, *não comete pecado*” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 180, grifo acrescentado).

Então será que não é a intenção de Deus que vocês e eu sejamos guardados de pecar? Se estamos conscientes de que essa é a *intenção* de Deus, então podemos *esperar* confiantemente por isso. Se não esperarmos que isso aconteça, nunca acontecerá.<sup>3</sup>

Assim, o primeiro versículo de Romanos 6 mostra que a intenção de Deus é que sejamos guardados de pecar, não é mesmo?

O que diz o segundo versículo? “Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” Ora, como viveremos assim? Então, o que esse verso quer dizer? Quer dizer que não continuaremos no pecado de modo nenhum. O fato é que o sepultamento deve ocorrer após a morte. Somos sepultados com Ele pelo batismo na morte e ressuscitados para andar em novidade de vida. “*Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja destruído, a fim de que não sirvamos mais ao pecado*” (Rm 6:6, KJV). Esse é o caminho traçado para nós, e é o caminho da cruz.

Observem agora três pontos aqui: “Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com Ele crucificado”. Com qual propósito? “Para que o corpo do pecado seja destruído”. E destruído com que objetivo? “A fim de que não sirvamos mais ao pecado”. A menos que o corpo do pecado seja desfeito, ou destruído, serviremos ao pecado. A menos que o velho homem seja crucificado, o corpo do pecado não é destruído. Assim, o caminho para sermos guardados de pecar é o caminho da crucificação e da destruição.

A única pergunta, então, que cada um de nós precisa claramente responder é a seguinte: Será que eu prefiro ser crucificado e destruído em vez de pecar? Se sua decisão final e definitiva for a de que você prefere, neste momento, ser crucificado e destruído em vez de pecar, você nunca pecará. “Com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja destruído, a fim de que não sirvamos mais ao pecado”. Portanto, a libertação da escravidão do pecado se encontra somente na crucificação e na destruição. Você escolhe

<sup>3</sup> “Ele venceu na natureza humana, dependendo de Deus para ter o poder. Este é o privilégio de todos. *Em proporção à nossa fé será nossa vitória*” (Ellen G. White, *The Youth's Instructor*, 25 de abril de 1901, grifo acrescentado).

o pecado ou escolhe a crucificação e a destruição? Será que você vai escolher a destruição e escapar do pecado? Ou você prefere escolher o pecado e a destruição também? Essa é a questão. Não se trata de uma alternativa. Quem fugir da destruição, querendo se escapar dela, vai encontrar a destruição. Quem escolher a destruição vai escapar da destruição.

Então, o caminho da destruição pela cruz de Cristo é o caminho da salvação. Jesus Cristo passou pela via da destruição na cruz a fim de trazer a salvação para você e para mim. A salvação que nos foi concedida custou a destruição do Filho de Deus na cruz. A pessoa cujo propósito definido e irrevogável é escolher, em cada momento da vida, a destruição, a fim de ganhar a salvação, nunca terá falta dessa salvação.

Mas é aí que surge o problema. A destruição não é agradável, não é fácil, ou seja, para o velho homem. Levando em conta a escolha natural, não é fácil ser destruído; mas para a pessoa que assim escolhe, torna-se fácil. É fácil quando a decisão está tomada, e é fácil continuar para sempre depois de decidido.

Quando é que devemos tomar essa atitude? Quando é que Deus nos apresenta imaculados diante da Sua glória? Agora. E o único caminho para isso é o da destruição. *Agora* é o tempo para escolher a destruição. Agora é o tempo para você se entregar para sempre à destruição. Mas se eu recuar, se me esquivar da destruição, então do que estou me esquivando? Da salvação. Pois “o nosso velho homem foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja destruído, a fim de que não sirvamos mais ao pecado”.

Assim, se eu for colocado em alguma situação difícil que parece com uma destruição, então tudo bem, já que a destruição foi o que eu escolhi, para não mais servir ao pecado. Essa entrega traz satisfação cristã para a vida, pois a alegria, a eterna paz e o bem-estar proporcionados pela certeza de sermos guardados do pecado vale mais do que qualquer destruição que possa nos sobrevir. Vale a pena. A negociação envolvida aqui não é em nada desvantajosa. Na verdade, é a mais lucrativa que possa ser feita.

Crucificação, destruição e então não mais o serviço do pecado: este é o caminho da perfeição cristã. Por quê? “Porquanto quem morreu está libertado do pecado.” (Rm 6:7, KJV). Graças a Deus, aquele que morreu está liberto do pecado. Então a única pergunta que precisamos responder em nossa vida é esta: estou morto? Caso eu não esteja e acontece algo que torna essa morte uma realidade, a libertação do pecado é a única consequência; e isso vale todo o custo pago.

Observem o próximo versículo: “Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos” (Rm 6:8). O versículo 1 ensina que ficaremos livres do pecado. O versículo 2 ensina que ficaremos livres do pecado. O versículo 6 afirma que não devemos mais servir ao pecado; o versículo 7 diz que aquele que morreu está liberto do pecado; o versículo 8 diz que, se morremos com Cristo, também com Ele viveremos. Em que condição Ele vive? Em justiça ou em pecado?

[Vozes: “Em justiça”].

Muito bem. Então está claro que os versículos 1, 2, 6, 7 e 8 do capítulo 6 de Romanos ensinam que seremos guardados de pecar.

E o que dizer do versículo 9? “Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre Ele”. Como que a morte alguma vez teve domínio sobre Ele? Por causa do pecado – não o Dele, mas o nosso –, pois “Aquele que não conheceu pecado, [Deus] O fez pecado por nós” (2Co 5:21). Então a morte não tem mais domínio sobre Ele. Ele tem a vitória sobre o pecado e todas as suas consequências para sempre. Então, o que esse verso tem a ensinar a cada um de nós? Fomos ressuscitados com Ele. “Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre [Ele] morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus” (Rm 6:10). Logo, tanto o versículo 9 quanto o 10 ensinam que seremos guardados de pecar.

Os versículos 11 e 12 dizem: “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. *Não reine, portanto, o pecado* em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões”. Mais uma vez Deus mostra Seu propósito de que não pecaremos.

“Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça. Porque *o pecado não terá domínio sobre vós*; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6:14). O reinado da graça eleva a alma acima do pecado, a mantém ali, reina contra o poder do pecado e *livra a alma de pecar*.

“E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? *De modo nenhum!*” (Rm 6:15). Então, do verso 1 até o 14 de Romanos 6 encontramos o ensino, repetido várias vezes, sobre a libertação do pecado e *da prática do pecado*. Isso é maravilhoso, mas há algo que vai ainda além disso. “Prossigamos até a perfeição” (Hb 6:1).

Ouçam: “Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” (Rm 6:16) Libertos do poder do pecado, a quem vocês se apresentam por servos? A Deus. Vocês então são servos de Deus, libertados para o serviço da justiça. Não é intenção de Deus que vivamos uma vida vazia ao Ele nos guardar de pecar. Seu desejo é que haja um *serviço* ativo e inteligente, e que o resultado seja apenas a *justiça*. É algo incrivelmente maravilhoso sermos libertos do pecado e sermos guardados de pecar; outra coisa maravilhosa, porém, que deve ser acrescentada a essa é nos tornarmos servos da justiça de modo que nosso serviço seja para a justiça.

Portanto, que toda alma ecoe o texto, que diz: “Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E, libertados do pecado, FOSTES FEITOS SERVOS DA JUSTIÇA” (Rm 6:17-18). Sejamos gratos a Deus por isso. Ele diz que você é esse servo; e quando Ele o diz, isso é um fato. Agradeça a Ele por isso. Agradeça-Lhe por ter sido libertado do pecado e agradeça ao Senhor por você ser o servo da justiça. Ele fez de você esse servo, pois Ele assim o disse.

Mas isso ainda não é tudo. “Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne; pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia e à maldade para a maldade, assim apresentai agora

os vossos membros para servirem à justiça para a santificação. Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça” (Rm 6:19-20). Aqui o Senhor apela para a experiência sua e minha. “Quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça”. Vocês sabem que isso é um fato. Atendem agora para o complemento: “E que fruto tínheis, então, das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte. Mas, *agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para SANTIFICAÇÃO, e por fim a VIDA ETERNA*” (Rm 6:21-22).

Não somos servos do pecado e livres da justiça; somos servos da justiça e livres do pecado. Quando medito sobre esse tema e o Senhor me alimenta com todo esse banquete espiritual, por vezes me vem à mente uma expressão de John Milton em que ele fala dos cânticos angelicais como notas de “doçura harmoniosa há muito entoadas”. O sexto capítulo de Romanos é uma dessas notas de doçura harmoniosa há muito entoadas.

Ele começa com a libertação do pecado; isso é formidável. Em acréscimo a isso, temos a liberdade da prática do pecado, e isso é formidável. Em acréscimo, somos feitos servos da justiça, e isso é formidável. Em acréscimo, temos o fruto para santificação, e isso é formidável. E para coroar tudo, no final, temos a vida eterna, e isso é formidável. Não estamos diante de notas, de composição divina, repletas de doçura harmoniosa há muito entoadas? Oh, recebam essa mensagem, meditem nela, assimilem essa doce melodia e permitam que ela perdue na alma dia e noite. Ela faz bem à alma.

Esse é o caminho para a perfeição cristã. Ele passa pela via da crucificação, da destruição do corpo do pecado, da liberdade da prática do pecado, segue pela senda da justiça, até a santidade, para chegar até a perfeição em Jesus Cristo, pelo Espírito Santo, para a vida eterna.

Examinemos novamente a declaração sobre os dons concedidos com vistas ao aperfeiçoamento dos santos: “Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:12, 13). Aqui está o padrão. O caminho que devemos trilhar é o que Cristo trilhou

neste mundo de pecado e em carne pecaminosa<sup>4</sup> – a carne que vocês e eu temos –, carregando o fardo dos pecados do mundo; o caminho que Cristo trilhou em perfeição e para a perfeição é o caminho posto perante nós.

Ele nasceu do Espírito Santo. Em outras palavras, Jesus Cristo *nasceu novamente*. Ele desceu do Céu, o primogênito de Deus, até a Terra e *nasceu novamente*. Mas tudo na obra de Cristo vem a nós por contraste: Ele, sendo sem pecado, foi feito pecado para que, Nele, fôssemos feitos justiça de Deus. Ele, sendo Aquele que vive, o Príncipe e Autor da vida, morreu para que vivêssemos. Ele, “cujas origens são desde [...] os dias da eternidade” (Mq 5:2), o primogênito de Deus, *nasceu novamente* para que nós pudéssemos *nascer de novo*.

Se Jesus Cristo nunca tivesse nascido novamente, será que algum dia vocês e eu nasceríamos de novo? Não. Mas Ele nasceu novamente, vindo do mundo da justiça para o mundo do pecado, para que pudéssemos nascer de novo, deixando o mundo do pecado para o mundo da justiça. Ele nasceu novamente e participou da natureza humana para que nascêssemos de novo e, dessa forma, participássemos da natureza divina. Ele nasceu novamente para a Terra, para o pecado e para o homem, a fim de que nascêssemos de novo para o Céu, para a justiça e para Deus.

O irmão Covert diz que tudo isso faz com que Cristo e nós nos tornemos irmãos. Sem dúvida Ele Se tornou nosso irmão. E Ele também “não Se envergonha de [nos] chamar irmãos” (Hb 2:11).

Então Ele nasceu novamente, pelo Espírito Santo, pois está escrito e foi dito a Maria: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a Sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1:35).

Jesus, nascido do Espírito Santo, nascido novamente, cresceu “em sabedoria, estatura e graça” (Lc 2:52) até chegar à plena maturidade de vida e caráter neste mundo, a ponto de poder dizer a Deus: “Eu Te glorifi-

---

<sup>4</sup> Ver nota na página 107.

quei na Terra, consumando a obra que Me confiaste para fazer” (Jo 17:4). O plano e a mente de Deus tinham alcançado Nele a perfeição.

Jesus, nascido novamente, nascido do Espírito Santo, nascido em carne e sangue, como nós, o Príncipe de nossa salvação, “por meio de sofrimentos”, foi “aperfeiçoado”. Pois, “embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, *tendo sido aperfeiçoado*, tornou-Se o Autor da salvação eterna para todos os que Lhe obedecem” (Hb 2:10; 5:8, 9). Assim, Jesus chegou à perfeição em carne humana por meio de sofrimentos; pois é num mundo de sofrimentos que nós, em carne humana, devemos atingir a perfeição.

E embora crescendo o tempo todo, Ele foi perfeito o tempo todo. Percebem isso? É nesse ponto que muitas pessoas têm uma concepção equivocada de todo o conceito sobre a perfeição cristã. Pensam que a perfeição final constitui a única medida. Ela está no plano de Deus; mas a perfeição final não é alcançada *no início*. Vamos investigar novamente o capítulo 4 de Efésios. Essa é uma sugestão a vocês e a mim de como podemos atingir essa perfeição, “a medida da estatura completa de Cristo”. Lerei o verso 13, seguido dos versos 14 e 15:

“Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, *para que não mais sejamos como meninos*, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. *Mas*, seguindo a verdade em amor, *creçamos em tudo Naquela* que é a cabeça, Cristo” (Ef 4:13-15).

Essa obra deve ser realizada em cada um de nós por meio do crescimento; mas não pode haver crescimento onde não há vida. Trata-se de crescimento no conhecimento de Deus, crescimento na sabedoria de Deus, crescimento no caráter de Deus, crescimento *em* Deus. Portanto, isso só pode acontecer por meio da vida de Deus. Mas essa vida é plantada no ser humano por ocasião do novo nascimento. Ele nasce de novo, nasce do

Espírito Santo; e a vida de Deus é plantada ali, a fim de que possa crescer “Naquele que é a cabeça, Cristo”. Crescer em quantas coisas? “Em tudo”.

Vocês se lembram de que “o reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo” (Mt 13:24). E “a semente é a palavra de Deus” (Lc 8:11). A semente é plantada. Ele se dá conta de que “de noite e de dia” ela cresce, “não sabendo ele como” (Mc 4:27). Mas, como é essa semente? É perfeita, pois foi Deus quem a fez. Ela germina imediatamente. O que dizer do broto?

[Congregação: “É perfeito também”]. É mesmo?

[Vozes: “Sim”].

Mas o broto ainda não é uma espiga. Não é uma haste robusta e cheia de grãos. É um simples broto despontando do solo. Mas o que dizer sobre ele? Não é perfeito?

[Congregação: “Sim”].

De acordo com cada estágio de progresso, a planta é tão perfeita na germinação quanto será quando o crescimento terminar e ela alcançar a plena maturidade. Vocês não percebem? Não permitam que essa concepção errônea perdure. Vamos acabar com ela!

Quando esse broto desponta do solo, você se curva para observá-lo. É algo que vale a pena admirar. É encantador, pois é perfeito. Parece a folha mais perfeita que já apareceu na Terra, mas não passa de uma erva fininha, mal conseguindo ver a luz do sol. Isso é tudo que pode ser dito sobre ela, mas é perfeita. É perfeita, porque é assim que Deus a fez. Deus é o único responsável com tudo o que ocorreu com ela. Conseguem perceber? Tudo está dentro da normalidade. Da mesma forma, vocês e eu somos nascidos de novo dessa boa semente da palavra de Deus – nascidos pela palavra de Deus e pelo Espírito Santo, nascidos da semente perfeita. E quando essa semente brota, cresce e começa a se mostrar diante dos homens, as pessoas veem as características de Cristo. E o que dizer dela? Ela é perfeita. Então, o que é o cristão nesse estágio?

[Congregação: “Perfeito”].

Se nascemos de novo pelo poder de Jesus Cristo, e o próprio Deus dirige a obra, como será aquilo que surge? Será perfeito. E isso é perfeição cristã *nesse estágio*. Jesus Cristo apresenta você santo, inculpável e irrepreensível diante do trono *nesse estágio*.

Esse broto cresce e se ergue acima do solo, e logo outra folha desponta. Já são duas, e cada uma tão charmosa quanto a outra. Surge a terceira. Vemos então uma haste que continua a crescer. O quadro agora é bem diferente daquele que vimos no início. Realmente outro quadro, mas não mais perfeito do que era antes. Parece estar mais próximo da perfeição final, mais próximo da realização do propósito de Deus; mas, apesar de estar mais próximo da perfeição final, ele não é mais perfeito, como se apresenta agora, do que era quando despontou do solo.

Com o tempo ele cresce à sua plena altura. A espiga se forma e as flores começam a surgir. A planta fica mais bonita por causa disso. Por fim vemos a espiga cheia de grãos, perfeita; e os grãos de trigo, cada um deles perfeito também. A obra, a divina obra para esta planta está concluída. Ela está *aperfeiçoada*. Ela chegou à perfeição de acordo com o pensamento que Deus tinha ao iniciá-la.

*Isso é perfeição cristã*. Ela vem pelo crescimento. Mas o crescimento só ocorre mediante a vida de Deus. E como a vida de Deus é a fonte, ela só pode crescer segundo a ordem de Deus. Somente Ele pode moldar o crescimento. Somente Ele sabe, com toda perfeição, qual é o padrão. Cristo é o padrão. Deus conhece perfeitamente o padrão, e Ele pode fazer com que cresçamos em perfeição de acordo com esse padrão, porque o mesmo poder, a mesma vida, que está nesse crescimento estava também no crescimento do padrão original, Jesus Cristo.

E como Jesus, ao nascer, começou Sua caminhada terrestre como uma criancinha em carne humana, cresceu e completou a obra que Deus Lhe deu para fazer, assim também nós, nascidos de novo, crescendo Nele em todas as coisas, logo chegaremos ao dia em que, assim como Cristo, diremos, e diremos em justiça: “Eu Te glorifiquei na terra, consumando a

obra que me confiaste para fazer”. Pois está escrito: “Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus” (Ap 10:7). Estamos vivendo nesses dias. Esse mistério nos foi dado para ser proclamado ao mundo. Ele deve ser completado para o mundo, e deve ser completado *naqueles* que o têm.

Mas qual é o mistério de Deus? “Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1:27). “Deus Se manifestou em carne” (1Tm 3:16, ACF). Então, *nestes dias*, esse mistério deve ser completado em 144 mil pessoas. A obra de Deus em carne humana, a manifestação de Deus na carne humana, em vocês e em mim, deve ser completada. A obra Dele em cada um de nós deve ser completada. Precisamos ser aperfeiçoados em Jesus Cristo. Pelo Espírito, precisamos chegar “à *perfeita varonilidade*, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:13).

Não vale a pena seguir esse caminho? Não é o caminho do Senhor um bom caminho rumo à perfeição? Então, “deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, PROSSIGAMOS ATÉ A PERFEIÇÃO, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno” (Hb 6:1-2, ARC). Ele nos libertou do fundamento instável que tínhamos quando estávamos no pecado. Que o único fundamento seja o do serviço da justiça para santificação e, por fim, a vida eterna.

E em cada pessoa que um dia estará diante do juízo e que já se põe na presença do julgamento, entregando-se à crucificação e à destruição, sim, em cada uma delas esse mistério há de ser cumprido de acordo com o método escolhido por Deus e no curto espaço de tempo no qual Deus prometeu conduzir-nos à justiça. Portanto, é unicamente Deus, a avaliação de Deus, o Seu padrão, Cristo como modelo, a obra de Deus, sempre, em todas as coisas, em toda parte e eternamente! Então tenham bom ânimo. Que a obra seja Cristo primeiro, último, e em todo o tempo.

*Advent Review and Sabbath Herald*, 18 de julho, 25 de julho e 1º de agosto de 1899



## ADVENTIST PIONEER LIBRARY

Para maiores informações, visite:  
[www.APLib.org](http://www.APLib.org)  
[www.EditoraDosPioneiros.com.br](http://www.EditoraDosPioneiros.com.br)

ou escreva para:  
[contact@aplib.org](mailto:contact@aplib.org)  
[contato@editoradospioneiros.com.br](mailto:contato@editoradospioneiros.com.br)